Para todos...

ANNO IV

Nº 199

RICHARD D

AS DOENÇAS PROVENIENTES

DA

IMPUREZA DO SANGUE

Molestias da pelle, Escrophulas, Dôr nos ossos, Boubas, Rheumatismo, Feridas, Ulceras, Darthros, Eczemas, Fistulas, Impureza do Sangue, Empigens

SÃO DEBELLADAS PELO

Licor de Tayuyá

de São João da Barra

Este poderoso depurativo, purificando o sangue, tem restituido a saude a milhares de doentes e realizado extraordinarias curas em diversas molestias de fundo syphilitico, boubatico e rheumatico.

A' venda em qualquer pharmacia e drogaria do Brazil, Republicas Argentina, Oriental, etc. Deposito; ARAUJO FREITAS & C. — RIO.

Graphologia

ESCULAPIO (S. Paulo) — Temperamento bastante impetuoso, algo apaixonado e, portanto muito sujeito a accessos de colera. Além disso, é muito interesseiro e preza extraordinariamente os bens materiaes, mas a sua ambição é muito discreta, para surtir melhores effeitos. E' vaidoso e o seu coração está longe sempre que se avizinha alguma necessidade alheia a remediar.

BIJOU (Rio) — Natureza pujante, muito dada a pequenas aventuras de salão. Tem um espirito secco para tudo que não é mudanismo. Só está bem no meio das pequenas intrigas, que põem em fóco e torturam a vida alheia. E' um tanto idealista, mas sómente sobre o seu futuro: exige-o todo dourado, entre sons festivos e arminhos.

Tem bondade cordial muito extensa.

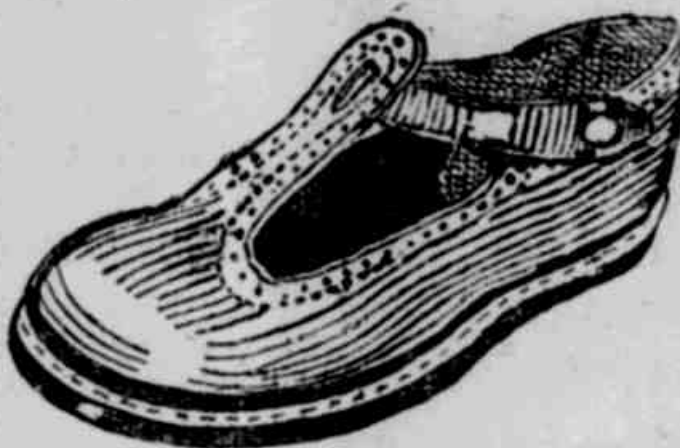
A. S. BIZARRO (São Paulo) — O que logo avulta é o traço do orgulho, ou, melhor, da vaidade. Crê-se, senão um grande homem, pelo menos differente dos outros. Dahi o caracteristico de um espirito de opposição. Tem sempre que dizer mal de alguem ou alguma cousa, e isso lhe satisfaz muito a vaidade. E' mais colerico do que voluntarioso. Não são más as qualidades do caracter propriamente dito, e o coração é susceptivel de alguma bondade caritativa.

CORINO (Mimoso) — Natureza delicada, insinuante, mas de espirito um tanto incerto. E' um tanto expansivo, mas quando em solidão deixa-se dominar pelo idealismo e pela melancolia. Põe um grande cuidado em parecer bom e apparecer bem. Sua vontade ora quer, ora não quer. Acompanha perfeitamente o espirito. Gosta de passar por generoso, mas, realmente, não o é senão em casos extraordinarios.

CÉCÉ (Andarahy) — Um tanto presumpçoso. O seu orgulho, porém, não irrita: é manso e contenta-se com pouco. O espirito é pouco vibrante e bastante idealista, embora de curtos vôos. O coração é frio, isto é, não tem bondade apreciavel.

D. PIMPOS (Santos) — Estamos deante de uma natureza dissimulada, que procura tirar os maiores proveitos, sem dar na vista. E quando é apanhada em flagrante, nem por isso justifica as cautelas de que se revestiu: affronta nova situação. Claro está, pois, que é um desassombrado. Antigamente usava-se outro qualificativo... O seu espirito é extremamente voluvel, um tanto propenso ao idealismo, de que, aliás, parece, ás vezes, envergonhar-se... E' que as idéas praticas que o dominam, fazem cara feia a digressões empiricas. Tem ás vezes accessos de sensualidade que o perturbam. O seu coração é muitissimo bondoso.

SANCHO PANÇA (Taubaté) — O maior caracteristico é o do orgulho e da vontade. E' forte em ambas as cousas. Encara a vida pelo prisma positivo e tem o espirito afinado por esse tom. E' de uma grande perspicacia, apezar de o não parecer, pela sua communicativa expansibilidade. O querer é poderoso e de grande teimosia; mas nem sempre se orienta no mesmo sentido. De resto, muita bondade cordial e bastante paixão pelo dinheiro.

ROQUIN (Ceará)—Positivo até á brutalidade, o seu espirito não teme de affrontar quaesquer conveniencias alheias. O resultado é quem o possue andar sempre mal visto e mal julgado. Entretanto, ha no fundo do seu temperamento uma grande bondade para com os humildes. Será talvez que a sua vaidade se sinta mais lisonjeada pelos que precisam de amparo... Prova, pois, de... tolice. Sua vontade não conhece limites, em se tratando de zelar seus interesses pecuniarios. Ha, porém, grande altruismo nas relações do seu coração.

BENETI (São Paulo) — Sonhador, mas sempre com os olhos no interesse material. Talvez o sonho se refira ao temperamento artistico. Grande vontade de possuir avultados bens de fortuna. Mas tal ambição está pouco defendida pela pertinacia no trabalho. Coração frio.

AURA CERQUEIRA (Minas) — O que parece mais certo é o feitio original do seu coração. Não gosta de se prender, mas exige que os outros lhe sejam escravos... E para isso emprega todos os meios, ainda mesmo os violentos ou simplesmente reprovaveis. Fóra disso é uma creatura normal, até mesmo no constante recurso á inverdade...

LAURA SWANSON (Recife) — Natureza antagonica com o seu senso commum. Pretende-se muito superior ao meio em que vive e procede sempre com a idéa fixa de se distinguir de todos. Mas, como o seu espirito no tem preparo, apenas se distingue por um certo ridiculo de attitudes. Salva-se uma certa ingenuidade e uma certa bondade cordial, muito beneficiadora de todos quantos precisam de auxilios.

C. DE MANSO (Belém) — O extranhavel é principalmente a rudeza do espirito em contraste com uns modos de requintada delicadeza. Parece haver muita dissimulação, mas tal se não dá, pois essa delicadeza está presente em todas as situações. A conclusão é, pois, por uma excessiva desconfiança que lhe perturba o exercicio espiritual. O cerebro é um tanto curto e isso justifica um pouco a sua apparente humildade. Tem particular amor ao dinheiro e é egoista.

LUCINDA (Maceió) — Farfalhante, palradora, a sua personalidade enche as rodas em que se encontra. Espirito vazio, muito materialista, e uma vontade tenaz, mórmente em casos de amor.

EVA NOVACH (Rio) — Quem a vir tão simples e tão complacente pensará sem duvida que é um temperamento manso obedecendo aos impulsos de uma alma candida. De facto não se enganará... muito. No fundo de seu ser assim pacifico, lá está o signal que o transtorna repentinamente. Basta que lhe não insuflem a vaidade latente para a sua individualidade se resentir e procurar logo uma vingança... Tem, pois, uma apparencia que atraiçôa os incautos. Por baixo della está sempre de atalaia uma vontade pertinaz prompta a "arreceber" todos os proveitos moraes e materiaes, de que se julga perenne credora. A essa egolatria tão bem dissimulada, junta um coração endurecido ante alheios infortunios.

WILLIAM FARNUM (São Paulo) — Temperamento profundamente artistico em que o espirito idealista se espraia em mil fantazias. Será pintor ou musico? No primeiro caso, a sua obra abordará de preferencia a quantidade para satisfazer os prodigios da fantazia, impossiveis de conter em poucas telas. Se musico, preferirá as composições de pequeno folego, pela mesma causa e ainda por uma questão de gosto.

FLYNN (Mimoso) — Homem pacato, honesto e franco. Alma consternada pelo espectaculo da dor alheia que se lhe depara continuamente. Ou então será apenas um feitio melancolico inherente á sua natureza ou á sua intelligencia e ao seu coração, ambos vibrateis. Sua vontade não tem directriz a não ser para consolar os desventurados. Excellente creatura!

THOMAS MEIGHAN (Barbacena) — Espirito deturpado pela má concepção intellectual. Vê cousas pavorosas onde não existe sinão o natural e o logico. Dahi o sobresalto constante do espirito. Mas apezar disso é calmo e vê claro onde se agitam os seus interesses pecuniarios... Vale a pena proporcionar-lhe momentos dessa ordem. Em amor tambem é desorientado, quasi sempre por desconfiar de mais... A vontade só é firme com a idéa do ganho... Bondade cordial, nem sempre.

ROSA CHÁ (Rio) — Equivocou-se. O de que mais fazemos questão é de escrever cousas originaes e não copiadas.

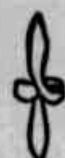
O prestigio do banho

A agua por si só é muito agradavel, dizia a bellissima Lyvia — porém o Sabonete de Reuter dá-lhe um prestigio tal, que, quanto a mim, seria capaz de viver dias inteiros dentro da minha banheira sentindo em meu corpo a voluptuosa caricia de sua finissima espuma e exquisito perfume.

Submergida n'um banho em que o Sabonete de Reuter turvou a agua com os seus frescos e agradaveis effluvios sinto uma alegria infinita em meu espirito, phantasticos pensamentos na minha mente, e no meu corpo uma elasticidade e uma frescura tal que me fazem pensar que sou um ser ideal.

Parece até que sob a influencia deste sabonete sem rival, a existencia retrograda aos dias virginaes da infancia, annulando por completo o cansaço da vida e as amarguras das dores e decepções.

Creio até que se nos tempos mythologicos existisse o Sabonete de Reuter, as celebres aguas de Juventa occupariam o lugar vulgarissimo da mais prosaica laguna.

Oh Sabonete de Reuter, adoro-te!

Questionario

Toda a correspondencia para esta secção deve ser dirigida a OPERADOR — 164, Ouvidor — Rio de Jneiro.

Devido á formidavel affluencia de cartas para esta secção, muitas aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella se encontram e a nós um trabalho excusado de compulsar catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviará o prazo das respostas.

No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possivel os titulos. Essa nossa exigencia é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um titulo passarem com outro nos Estados.

MISS VELHAQUINHA (Rio) —Nascida em Michagan, em uma cidadezinha proxima a Grand Rapids Foi artista de theatro, estreando em "Cyrano". Entrou para o cinema na World, passou-se para a Fox, Paramount, Goldwyn etc. Norma, Constance e Nathalie, casada a primeira com Joseph Schenck, divorciada a segunda de John Pialogolo, casada a ultima com Buster Keaton. May Miler Minter é natural de Shreveport, Louisiania; com a Paramount. Lewis Lody foi casada com Dorothy Danton.

NELLY (Bahia) — Irmão de William, mais velho uns dois annos. Não é lá grande artista assim. William Duncan é escocez. Com a Vitagraph.

SALEROSA (Santa Anna do Livramento) — No palco actualmente, tendo deixado a Robertson Cole. E', de facto uma das primeiras figuras da tela. Geraldine Farrar, é cantora lyrica. 485 Fifth Avenue, New York os dois. Não ha de que. Nunca podemos assegurar quando sahem as respostas e não ha pedido de urgencia que valha.

SARITA (Rio) — Já não ha perigo; escapou de boa. Irlandez, da Dublin. Olhos azues, cabellos pretos. 2°, Hespanhol, 34 annos. 3°, Italiano. 4°, Americano do norte, filho de New York.

BEMZINHO (Sorocaba) Casada. Sua irmã e Lucille. Tem um irmão ainda, George, que tambem trabalha para o cinema. Escreva directamente, envie 25 cents. (1|4 de dollar) em "coupons-réponse" e aguarde uns 3 mezes pela resposta.

ZÉZÉ (Rio) — 1°, United Artists. Já, no Rialto e no Iris. 2°, Nasceu em Paris, 1889. 3°, Douglas, Mary, Griffith e Carlito. 4°, Todos especiaes. 5°, Não sabemos.

PINOCA (Campinas) — Não temos certeza, mas póde muito bem ser.

SANTINHA GUEDES (Ouro Preto) — 1°, 67 de altura, olhos azues, cabellos louros.

Johnny Fox

2c, Nascida em S. Francisco, California, divorciada, cabellos castanhos e olhos azues escuros. 3°, Suzanna Pittes, casada com Tom Gallery.

MME. X. P. T. O. (Rio) — E' casada com Charles Bryant, que muitas vezes lhe dirige os films. Actualmente seus films, passam atravez da United Artists. Os ultimos: Casa da Boneca" e "Salomé".

SABIDA (Nictheroy) — Tão sabida e tão perguntona! Só cinco de cada vez. 1,

Baby Peggy

3°, e 4°, 485 Fifth Avenue New York City. 2°, Deixou o cinema. 5°, Com a United Artists. Depois que deixou a Paramount fez alguns films para o First National. Venha pelo resto depois.

ESDRUXULA (Itararé) — Na Inglaterra a fazer um film mas volta a trabalhar com Griffith.

LEONOR X (Rio) — 1°, No palco. E' casada, muito loura, olhos castanhos. 2°, Com a Selzinck, cujos films actualmente não vem ao Brasil. 3°, Volveu a trabalhar com Mack Sennett.

PERNALTA (Rio) — Deixou a Selzinck e volveu a trabalhar com a sua antiga "partenaire" Norma, no First National. Estão fazendo juntos um film. Marion Davies na Cosmopolitan.

BELLICO (S. Paulo) — Chama-se Joseph Francis. Nunca vimos nenhum, mas a critica os tem julgado bons. Betty com a Paramount. Valentino deixou a Paramount, si bem esta o tenha levado aos tribunaes para o coagir a executar o contracto feito de locação de serviços por cinco annos.

ANDALUZA (Porto Alegre) — E' muito bonita, só. Quanto á arte... quem a perdeu para ella achar? Mary Pickford ha muito que só trabalha para a United Artists.

SAMUEL TRISTONHO (Rio) — Está trabalhando para a Robertson Cole. Solteira. June Caprice é já casada, mãe de um filho que terá seus 4 mezes mais ou menos.

LABORDE (Santos) — Tem 21 annos, é casada, olhos e cabellos castanhos. Irmã de Viola Dana. O nome de familia é Flugrath. Cullen Landis com a Goldwyn. Edith Johnson tem 27 annos.

BILLY (Rio) — Vel-á-á com Douglas Fairbanks em "Os tres Mosqueteiros" a passar este mez ainda.

ZENOBIO (Rio) — Gostou.? Pois mande mais.

DIRECÇÃO DE ARTISTAS

Gladys Walton, Baby Peggy, Mary Philbin, Reginald Denny, Virginia Valli, Miss DuPont, Richard Talmadge, Hoot Gibson, Maude George, Erich von Stroheim, Priscilla Dean, Herbert Rawlinson e Art Acord, Universal Studios, Universal City, California.

Billie Dove, Cullen Landis, Viola Dana, Clara Kimball Young, Elliott Dexter, John Bowers e Barbara La Marr, Metro Studios, Hollywood, California.

Mabel Ballin, para Hugo Ballin Productions, 366 Fifth Avenue, Nova York City.

Pearl White e Charles Hutchinson, para

PARA TODOS...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS		PREÇO DA VENDA AVULSA	
Um anno (Serie de 52 ns.)	48$000	No Rio	1$000
" semestre (26 ns.)	25$000	Nos Estados	
Estrangeiro	60$000		

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: OMALHO—RIO. Telephones: Gerencia: Norte 5402; Escriptorio: Norte 5818.

Succursal em S. Paulo: Rua Direita n. 7, sobrado. Tel. Cent. 3832. Caixa Postal Q.

Douglas Fairbanks fez o seu reapparecimento. O film em que vimos agora o famoso heroe de tantas aventuras, é uma bôa prova do valor artistico da nova fabrica United-Artists. Sem duvida, essa producção não é apenas uma producção commum.

"A marca do Zorro" é um film de programmação especial. Como elle será a maior parte dos que futuramente veremos nas linhas cinematographicas da Capital e dos Estados.

E, admirando o novo trabalho de Douglas, no motivo inspirador da "A marca do Zorro", sente-se bem claro que esse trabalho é um perfeito estudo do d'Artagnan que elle creou para "Os tres mosqueteiros" da United-Artists, a famosa super-producção da nova fabrica americana que breve veremos "A marca do Zorro" não teve o publico que merece. Poucos viram o reapparecimento de Douglas. Mas tambem para que passou o film no Rialto? O Rialto como o Central e ultimamente o Palais não estão muito na sympathia do publico. Tantas vezes são os admiradores da arte muda mal servidos nessas casas que afinal de tudo desconfiam...

Katherine Mc Donald esteve no Odeon. A fascinante belleza americana só por ella torna supportavel o film que posou "Trahição e fidelidade".

O motivo da producção tão cheia de coisas falsas, não interessa, e, fatiga o espectador. Não é recommendavel. Tambem os films da semana não foram além do de Katherine Mc Donald. "O dinheiro de Martha", "Pode casar papae", "Temeridade", "Amor de um verdadeiro homem", nenhum nos pareceu realmente mais interessante. Rivalisam até mesmo nos seus detalhes de luxo e elegancia. Sómente maior do que elles, com mais fausto, com mais grandiosidade de "feerie", vimos, no Avenida, "Encantos" por Marion Davies e Forrest Stanley.

Essa foi a producção que mais applausos obteve depois da "A marca de Zorro".

Como inferioridade tudo o mais quanto passou.

OPERADOR N. 3

COTAÇÃO DOS FIMS — SEMANA DE 25 DE SETEMBRO A 1 DE OUTUBRO DE 1922

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLAS.
First Nat.	Odeon	Trahição e fidelidade (Her Social Value)	Katherine Mc Donald	1922	5
Paramount.	Avenida	O dinheiro de Martha (Her own money)	Ethel Clayton	1922	4
Fox	Pathé	A mancha da covardia (The Yellow Stain)	John Gilbert	1922	5
United Art.	Rialto	A marca do Zorro (The Mark of Zorro)	Douglas Fairbanks	1921	10
Universal	Parisiense	Amor de um verdadeiro homem? (Afraid to fight)	Frank Mayo	1922	4
(*)	Palais	Do vicio a virtude (*)	Xenia Desué	?	3
Ermolieff	Central	Tempestade (Tempêtes)	Mme. Lissenko e Mosjoukine	? ?	6
Paramount.	Avenida.	Encantos (Enchantement)	Marion Davies e Forrest Stanley	1921	6
Fox	Pathé	Temeridade (Without Fear)	Pearl White	1922	4
May	Palais	Ilona (*)	Lya de Putti	?	4
Realart	Parisiense.	Pode casar papae! (Moonlight and Honey suckle)	Mary Miles Minter	1921	5

(*) Não consta do programma.

Pathé Exchange, 25 West Forty-fifth Street, Nova York City.

Helen Eddy, Doris May, Jane e Eva Novak, Ethel Clayton e Harry Carey, R-C Studios, 780 Gower Street Hollywodd, California.

Jacqueline Logan, Katherine MacDonald, Margaret Loomis e Herschel Mayall Mayer Studios, 3800 Mission Road, Los Angeles, California.

Carol Dempster, Lillian Gish, Henry Hull, Virginia Magee e Dorothy Gish, Griffith Stduios, Orienta Point, Mamaroneck, Nova York.

Alice Terry, Ramon Navarro (Samanegos), e Rex Ingram, Metro Studios, West Sixty-first Street, Nova York City.

Betty Blythe e George Arliss, Whitman Bennett Studios, Riverdale Avenue, Yonkers, Nova York.

✤ ✤ ✤

Pelo Natal deste anno apparecerão as bonecas Mary Pickford no mercado. Foi o esculptor Christian Van Schneidan o autor do busto que servirá para a moldagem das cabeças dos novos artefactos para divertimento infantil. Sessenta foram os modelos feitos e delles Mary escolheu uma meia duzia.

✤ ✤ ✤

Fern Andra ha poucas semanas fazia uma excursão em aeroplano pilotado pelo barão Richthofen. O apparelho capotou vindo despedaçar-se no solo.

O barão morreu immediatamente. A artista si bem muito machucada escapou.

✤ ✤ ✤

Sete mil e quinhentos personagens apparecem em uma das scenas do film "Robin Hood", de Douglas Fairbanks, que deve ser exhibido este mez em New York.

✤ ✤ ✤

Em "The Eternal Flame" Norma Talmadge obteve um outro grande triumpho.

✤ ✤ ✤

"Human Hearts", da Universal, com House Peters, direcção de King Baggot foi muito bem recebido pela critica e pelo publico.

✤ ✤ ✤

Douglas Fairbanks vae filmar as "Aventuras do Zorro", continuação d'"A marca do Zorro", um dos seus mais apreciados e applaudidos trabalhos.

✤ ✤ ✤

"The cowboy and the Lady" é um novo film da Paramount em que trabalham nos principaes papeis Mary Miles Minter e Tom Moore.

✤ ✤ ✤

Em "Kentucky Days" figura Virginia Valli. A producção é da Fox.

✤ ✤ ✤

Jean Paige vae fazer uma visita á Europa em companhia do marido Albert Smith, director da Vitagraph.

✤ ✤ ✤

George Walsh depois de gastar seis mezes a trabalhar em series para a Universal declarou-se farto.

Poudre graseoso Mendel
POUDRE GRASEOSO
DE
MENDEL
Si vós, senhora, lamentais em silencio que lhe haja tocado por sorte uma cutis defeituosa e sem merito algum, recordeis aquelle adagio que diz: "Querer é poder". Com effeito, basta que vos resolvais transformar a pelle do seu rosto n'uma verdadeira maravilha de belleza e finura, para que o consigaes usando diariamente o notavel
PO' DE ARROZ MENDEL
unico producto capaz de obrar esse milagre. Importante: O PO' DE ARROZ MENDEL possue uma notavel qualidade adherente que resiste á acção do ar e o seu uso não requer o emprego de crêmes ou pomadas.
Usa-se nas côres branca, rosa, para as claras de pouca côr. "Chair" (carne) para as loiras e "Rachel" (crême) para as morenas.
Vende-se em todas as perfumarias.
Agencia do PO' DE ARROZ MENDEL: Rua Sete de Setembro n. 107, 1° andar. Tel. C. 2741, Rio de Janeiro.
Deposito em São Paulo: Rua Barão de Itapetininga n. 50.
MENDEL & C.

Para todos...

ANNO IV

NUM. 199

RIO DE JANEIRO, 7 DE OUTUBRO DE 1922

Sua Excellencia o Sr. Dr. Antonio José de Almeida condecorando a bandeira da Escola Naval com as insignias da Torre e Espada.

O prestito a caminho do cáes, no dia do regresso do Presidente de Portugal.

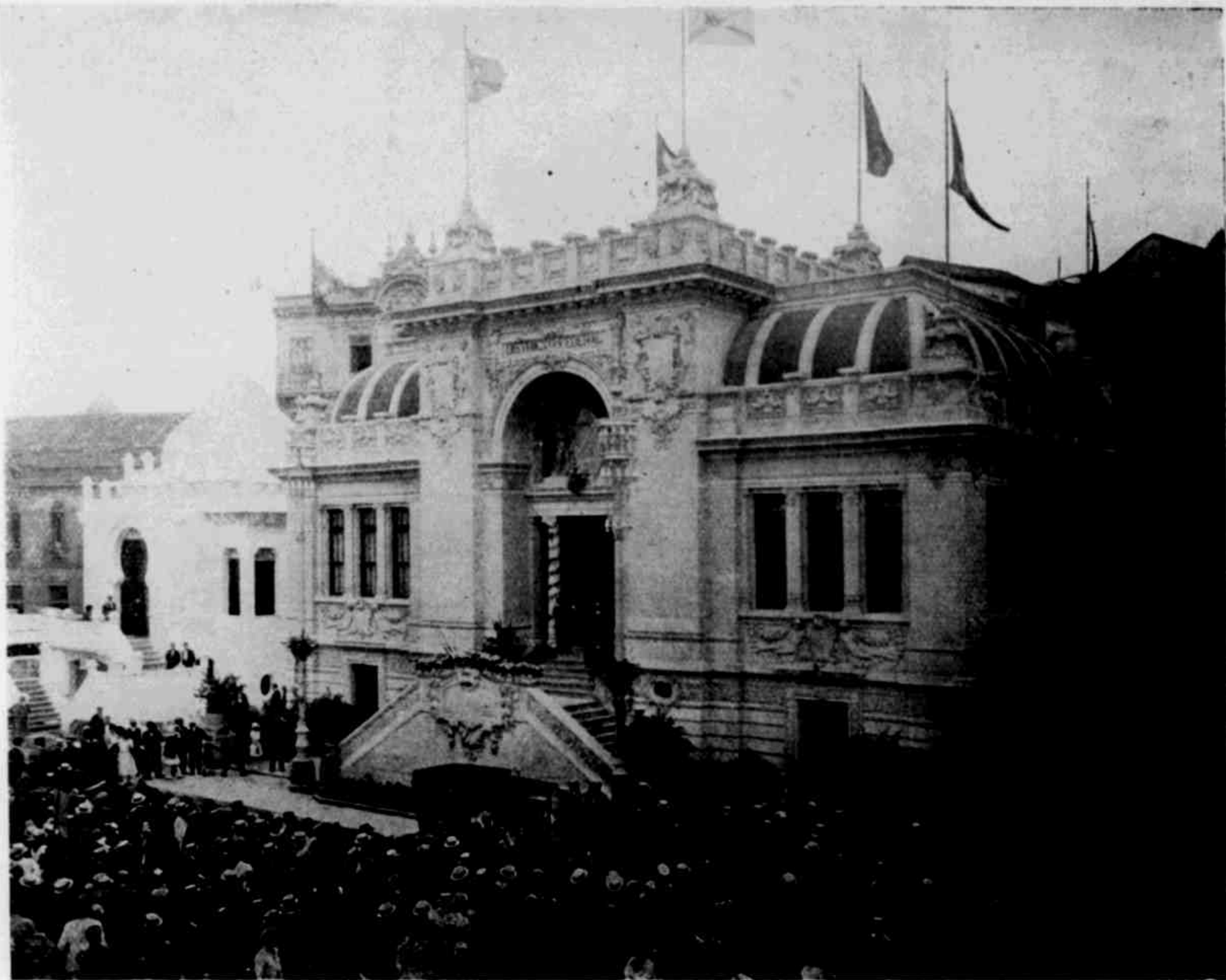
Aspectos do embarque do Presidente de Portugal: na Avenida e na Praça Mauá

As ultimas despedidas do grande portuguez ao Rio de Janeiro: na prancha e na torre de commando do "Arlanza".

A inauguração das obras da zona franca na ilha do Governador á qual compareceu o Sr. Dr. Antonio José de Almeida.

As pequenas e lindas embarcações prestaram a sua continencia aos dois presidentes, de Portugal e do Brasil, e ás altas autoridades.

Lembrança da visita do presidente da Republica Portugueza á nossa terra. O baile do Palacio Guanabara, na noite de 25 de Setembro do anno do Centenario da Independencia Brasileira.

Instantaneos da bella festa que reuniu em torno do Chefe de Estado do paiz irmão as mais nobres familias da colonia portugueza e da sociedade do Rio de Janeiro.

O Pavilhão do Districto Federal, na Exposição Internacional do Centenario.

MULHERES... MULHERES...

Mlle. Futilidade

Graça, encanto, intelligencia, talento mesmo, mas, que, aos poucos, se vae esgarçando, esgarçando, até quando venha a tornar-se como a gaze tenuissima que lhe finge — é bem o termo — cobrir e gasalhar a cabecita fidalga e orgulhosa, em as noites de baile ou de Municipal, que lhe são, tambem, de triumpho, ainda e sempre.

"Uma sylphide..." chamal-a-ia o poeta romantico e tuberculoso, revirando os olhos para cima, num tregeito alambicado.

"Uma pluma..." diremos nós, vendo-a passar, vaporosa, elegantissima, podre de chic, afinal!

E' uma figurinha encantadora, que tem tudo, menos coração.

Fala o francez correctamente, o inglez na perfeição, e, quanto ao portuguez, por que não dizel-o ? quanto ao portuguez, estropia-o, regularmente... E' incrivel, mas, nem por isso, menos verdadeiro. A natação a attráe, o remo a enthusiasma, e o foot-ball, ah! o foot-ball! a empolga, a arrebata, e até mesmo a desvaira... De tanta *torcida*, a lingua já se lhe torceu de modo espantoso e, não raro, lhe escutamos phrases assim, nos bailes: "Elle já vinha *feito pra cima* de mim, para dansar, quando eu o *driblei* e *cahi fóra* deixando *elle off side*", e, depois, ao convite nosso, para sentar-se: "Sentar-me, eu ? não estou cansada, não senhor!... Eu não *dou o prégo*, assim, sem mais nem menos..."

Elegante, elegantissimo, positivamente, o seu *savoir dire*...

Diseuse de primeirissima — ella é quem o diz — Musset, o meigo Musset passa por ser o seu poeta querido, porque, constantemente, lembrado em suas conversas e nas, que chama, suas

O Sr. Dr. Carlos Sampaio, no dia em que recebeu as homenagens dos funccionarios da Exposição.

Recordação do "garden-party" offerecido aos congressistas estrangeiros que estiveram no Rio pelos congressistas brasileiros, com a presença do Sr. Presidente Epitacio.

horas de romantismo, que, afinal nunca foram além de dois ou tres minutos de sobra, no intervallo das festas, dos almoços, dos chás, dos cinemas, dos tangos, dos jantares, dos theatros ou dos bailes, a que, diariamente, comparece, extasiando a todos com a sua leveza de corpo e de espirito.

... Em verdade: uma pluma... arrastada ao sabor da variedade.

ROGERIO DE ALCANTARA.

Sr. William Zadig, autor do monumento a Olavo Bilac, inaugurado no dia 7 de Setembro, em São Paulo, sua Exma. Senhora e a filhinha do casal.

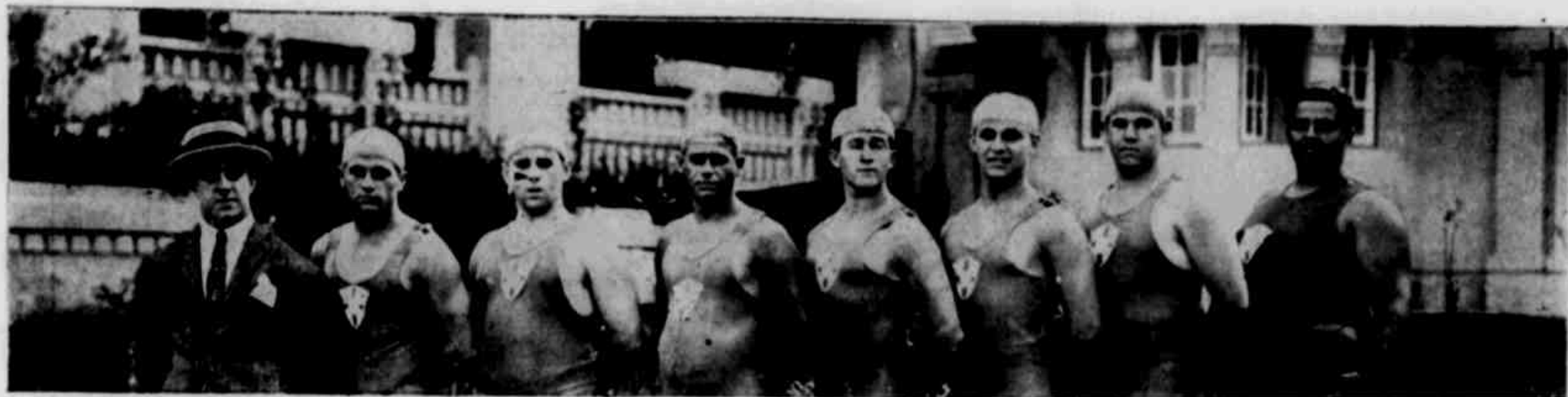
A RONDA DO DESLUMBRAMENTO

Apparecerá por estes dias em magnifica edição, o novo livro de contos de José Geraldo Vieira, um dos mais serios talentos literarios da nova geração brasileira. *A Ronda do Deslumbramento* promette ser uma verdadeira maravilha de bom gosto e uma agradavel surpresa, mesmo para os que já conhecem o valor literario de quem a escreveu. O novo livro de Geraldo Vieira vem assim confirmar os muitos titulos de gloria que seu autor já havia conquistado desde a publicação do *Triste Epigramma.*

Membros da Embaixada Especial dos Estados Unidos ás festas do Centenario da Independencia Brasileira.

A Embaixada Especial, chefiada pelo Sr. Dr. Asdrubal Delgado, que o Uruguay enviou ás festas da Independencia Brasileira. Photographia feita, na sahida do Cattete, quando os illustres diplomatas do paiz irmão foram despedir-se do Sr. presidente da Republica.

Ao centro: Sr. Dr. Alvaro Saralegui, sub-secretario de Estado no Departamento de Relações Exteriores, ministro plenipotenciario; á esquerda: general don Eduardo da Costa, chefe do Estado Maior do Exercito, delegado militar; á direita, commandante Rodrigues Luiz, aggregado naval; nas extremidades, Sr. Dr. Fortunato Auzoátegui, e o escriptor Horacio Quiroga, secretarios, — membros da Embaixada Especial do Uruguay.

Lembrança da primeira reunião do "Memorial Committee" da Camara do Commercio Americano, encarregado da offerta de um monumento ao Brasil. Estiveram presentes os Srs.: Charles Hughes, ministro do Exterior dos Estados Unidos da America do Norte, então Embaixador Especial, e Edwin Morgan, Embaixador da grande republica junto ao governo do Brasil.

Team brasileiro de water-polo, campeão latino-americano de 1922.

Campeonato de equitação do continente. Tres dos vencedores. Instantaneos de saltos.

O Campeonato Sul-Americano de Foot-ball, inventado para estreitar as relações e unir as sympathias dos varios paizes deste pedaço do mundo, falhou definitivamente. Sympathias e relações não se fazem a pontapés. Sobretudo, quando os pés... não tomaram chá em pequenos.. Este anno, no *stadium* do Fluminense, onde se apinhou, durante os encontros, a gente mais fina da nossa cidade, o descalabro de ver valentões em pleno delirio não compensou o prazer de applaudir verdadeiros homens de sport, educados, jogando com elegancia, respeito mutuo, delicadeza mesmo na violencia de certas phases.

Um pouco lamentavel o espectaculo de alguns seleccionados, muito mal seleccionados...

Fragmento de um friso: "A torcida paulistana..."

No "stadium" do Fluminense. Um momento do jogo entre Chilenos e Brasileiros.

CAMPEONATO SUL-AMERICANO DE FOOTBALL

Flagrantes da assistencia que encheu o "stadium" da rua Guanabara, calculada em cincoenta mil pessoas que applaudiram Kunz, Fortes, Formiga e Palamone, dos nossos; Urdinaran, Batiguan, Tejara, Zebechi e Romano, dos uruguayos, — heróes da tarde.

■ ■ ■ ■

O SENSACIONAL ENCONTRO DE DOMINGO

Os seleccionados do Uruguay e do Brasil que empataram por 0 a 0. A entrada no campo dos jogadores orientaes conduzindo a nossa bandeira, gesto que despertou o maior enthusiasmo, sendo os onze "sportmen" saudados com uma salva formidavel de palmas e delirantes acclamações.

■ ■ ■ ■

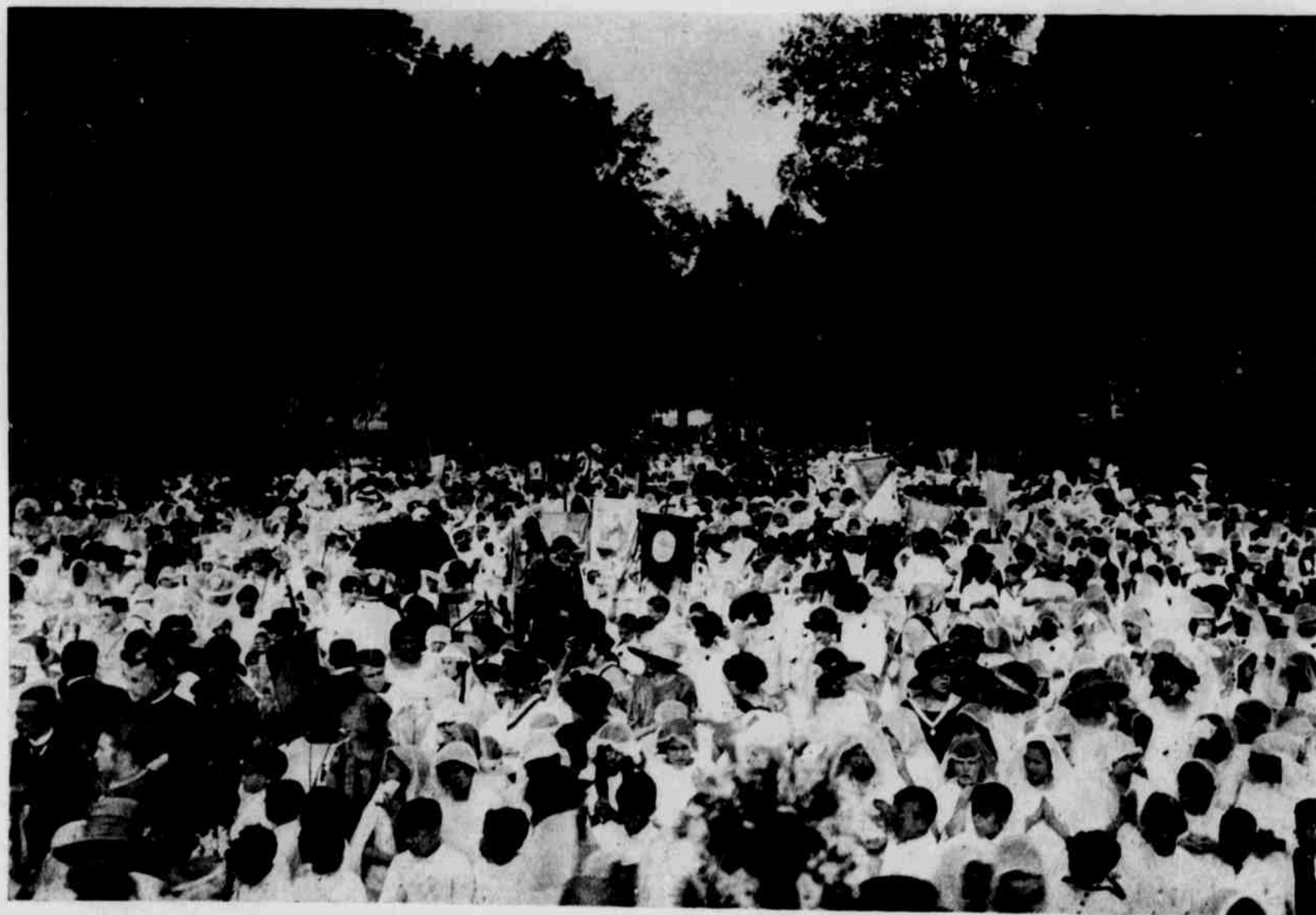
UM "SHOOT" VALENTE...

CONGRESSO EUCHARISTICO DO CENTENARIO

Das cerimonias do Congresso Eucharistico, que se reuniu nesta cidade, uma das mais tocantes foi a missa campal de quinta-feira da outra semana, seguida de ***communhão*** *ás creanças catholicas.*

A COMMUNHÃO GERAL NO CAMPO DE SANT'ANNA

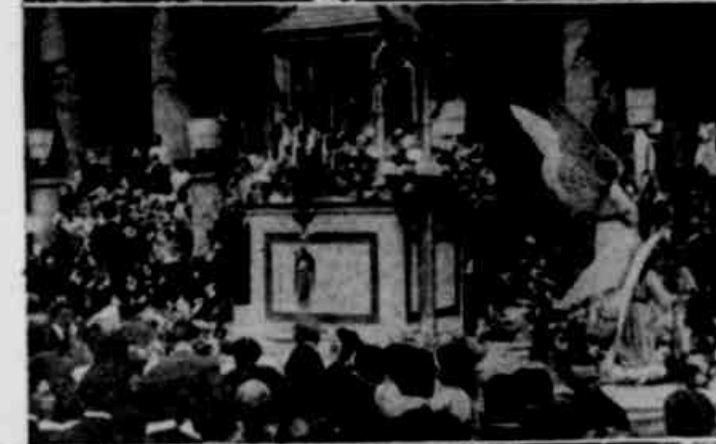
O Campo de Sant'Anna ficou apinhado de fieis, de todas as idades, de todas as classes sociaes, e aquella multidão tinha os olhos no céo, no lindo céo da manhã.

O arcebispo D. Sebastião Leme elevando a sagrada hostia.

Milhares de creanças que receberam a communhão no dia 28 de Setembro.

A EGREJA CATHOLICA E A SUA PUJANÇA NO BRASIL

Inaugurado, terça-feira, 26 de Setembro, com uma sessão imponente, na egreja de São Francisco de Paula, o Congresso Eucharistico envolveu a semana toda unindo nas almas o sentimento da patria ao culto religioso.

Depois da inauguração, foi enviado por Sua Eminencia o Sr. Cardeal Arcoverde o seguinte telegramma ao Summo Pontifice:

" Inaugurando-se solennemente Congresso Eucharistico Nacional, presença cardeal arcebispo, nuncio, prelados, grande numero representantes todas dioceses, todas classes sociaes, membros Senado, Camara, Supremo Tribunal, Exercito, Marinha, Academia, mocidade estudiosa, operariado, imprensa, todos congressistas de pé acclamam Summo Pontifice, renovando lhe expressão, incondicional affectuosa adhesão, implorando bençãos trabalhos que inauguramos Eucharistia restauração espiritual Brasil gloria Patria Egreja. — (a) Cardeal Arcoverde."

OS ULTIMOS ACTOS DO CONGRESSO EUCHARISTICO

As nossas photographias apresentam aspectos de diversas cerimonias do Primeiro Congresso Eucharistico Nacional culminadas na grandiosa procissão de domingo, que foi acompanhada por mais de duzentas mil pessoas. Ao alto: a reunião dos homens, no Circulo Catholico, em que foram discutidas importantes theses; sessão feminina no collegio da Immaculada Conceição, na Praia de Botafogo, vendo-se o conego Dr. Mac Dowell falando; mesa que presidiu uma das sessões do Circulo Catholico; reunião sacerdotal no Circulo Catholico; o carro triumphal de Jesus Hostia e instantaneos da procissão. A' esquerda: na Candelaria, durante o Grande Pontifical. A' direita: na egreja de São Francisco de Paula, durante uma das sessões do congresso, presidida por Sua Eminencia o Sr. Cardeal Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, arcebispo do Rio de Janeiro.

O RIO DE JANEIRO DEMONSTRA A SUA FE' COM O MAIS VIVO ENTHUSIASMO.

Uma nobre e bella idéa

O Sr. Dr. Diego Carbonell, ministro plenipotenciario da Venezuela junto ao governo do Brasil, reuniu num banquete, sabbado passado, os representantes diplomaticos das nações americanas de origem hespanhola para, sob a presidencia do Sr. Azevedo Marques, ministro das Relações Exteriores e na presença de intellectuaes brasileiros, ler e commentar a carta que lhe enviára o nosso companheiro Ezequiel Ubatuba lançando a idéa de "um grandioso monumento á Liberdade, Igualdade e Fraternidade dos povos ibero-americanos", a ser inaugurado quando a Republica Oriental do Uruguay, "el Benjamin de nuestras republicas", festejar o Centenario de sua Independencia, a 25 de Agosto de 1925.

No terraço do Jockey Club, antes do banquete de 30 de Setembro.

O Sr. Azevedo Marques, não podendo comparecer, impedido por um compromisso anterior, autorisou o Sr. Diego Carbonell a declarar que se associava á bella e nobre idéa. O Sr. Ministro da Venezuela começou assim o seu discurso:

"Bajo la suave presión de la historia de cien años, el amor patriótico de mi amigo el Dr. Ezequiel Ubatuba dejó errar la imaginación que en Caracas, como en México, Bogotá, Santiago, Lima, Buenos Aires, Montevidéo, Asunción y Habana identificó en una misma psicologia de vorágine el grito famoso de Ipiranga y la decisión de los colonos elevados a la ciudadania... Volvió luego del ensueño y dióse cuenta de que habia vivido un instante sublime en la existencia ideal de nuestras republicas."

E continuou, fazendo um retrospecto da vida historica das nações ibero-americanas, para justificar quão significativo era o designio que ali os aggremiava. Falaram, em seguida, com declarações enthusiasticas de apoio, todos os Srs. Embaixadores e Ministros presentes.

Ezequiel Ubatuba respondeu ás referencias que foram feitas á sua pessoa por varios oradores e propoz os nomes que deverão constituir a "Commissão Central Internacional pró Monumento á Fraternidade das Nações Americanas de origem luso-hespanhola":

Presidente, S. Ex. o Sr. Ministro das Relações Exteriores do Brasil.

Vice-Presidente, S. Ex. o Sr. Dr. Diego Carbonell.

Secretarios: Sr. Dr. Rozeusweig Diaz, Sr. Dr. Goulart de Andrade, Sr. Capitão Marcolino Fagundes e Sr. Dr. Raphael Pinheiro.

Thesoureiro, O Banco do Brasil.

Conselho Deliberativo — Todos os Srs. Embaixadores e Ministros das Republicas americanas de origem hespanhola, acreditados ante o Governo da Republica Brasileira.

Conselho Consultivo — Professor Sá Vianna, Senador Felix Pacheco, Deputado Alberto Sarmento, Dr. Agenor de Roure, Dr. Mario Bhering, Sr. Affonso Vizeu, Dr. Linneu de Paula Machado, Professor Oscar de Souza, Dr. Nascimento Gurgel e Dr. Ataulpho de Paiva.

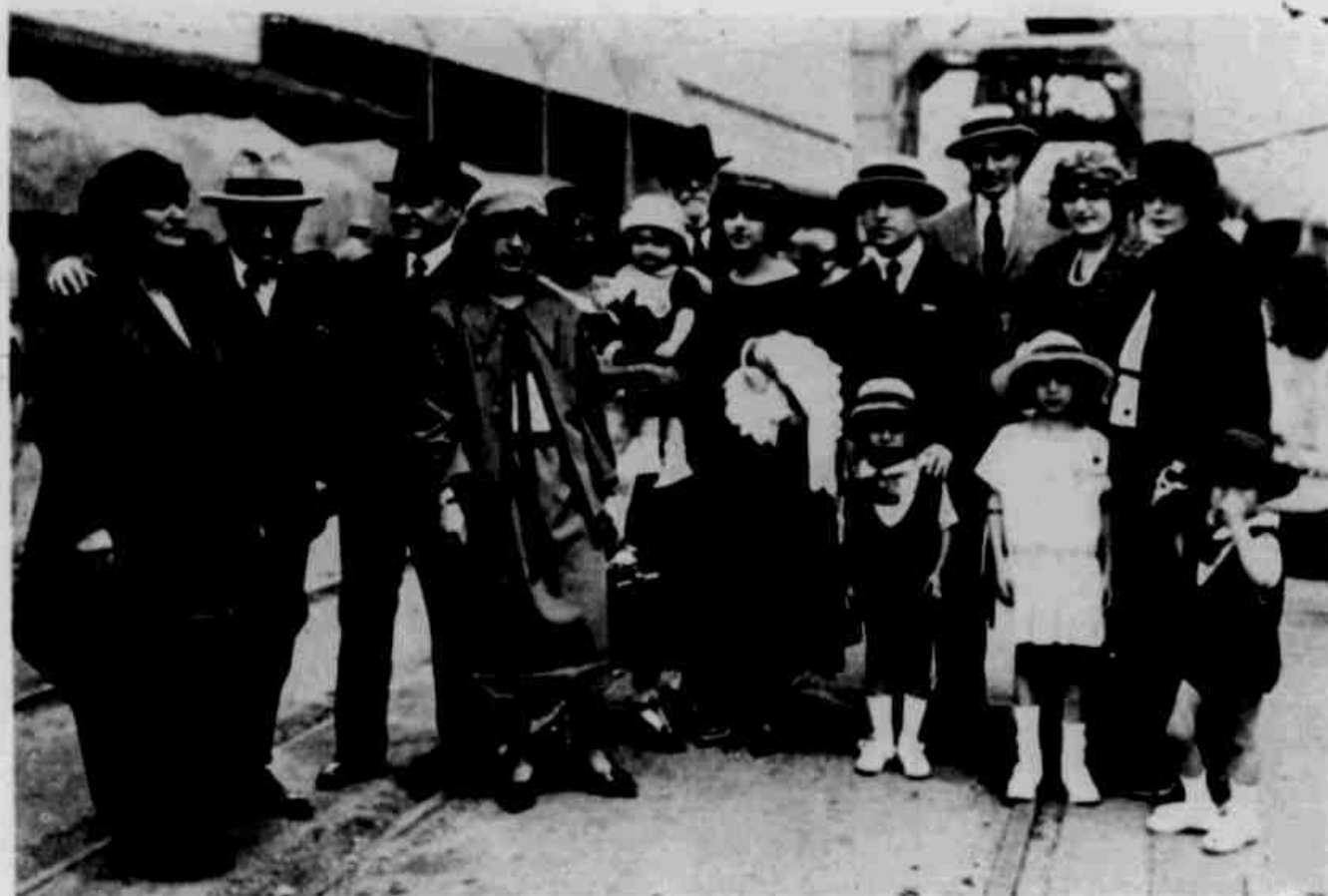
O Sr. Ministro de Perú disse que a commissão não prescindiria de um secretario-geral e que ninguem melhor para o cargo do que o autor do "projecto generoso", Ezequiel Ubatuba, que foi acclamado.

Emmanuel Coelho Netto, que a morte levou.

Elle era bom. Tinha a serenidade dos fortes. A juventude do seu corpo de athleta guardava uma alma antiga, de orgulhosa origem, mas sempre alegre por perdoar e esquecer. Nunca lhe sahiu da bocca uma queixa. Acostumára os labios ao rythmo do louvor. Sabia admirar. Sabia amar. Mano ! Quem o appellidou assim, de pequenino, adivinhou que, depois de grande, quando olhasse de olhos abertos a vida, havia de ser o que foi: o irmão... o *Mano*, mais moço ou mais velho, dos outros homens que o conheceram, os amigos da sua intimidade e aquelles que, junto de Coelho Netto e da companheira admiravel desse nobre artista, aprenderam o culto da belleza e da bondade.

Coelho Netto

DEPOIS DA MEIA NOITE...

Se ha um autor novo que cahiu no gosto do publico, elle é Benjamin Costallat. Apezar de ter talento e de escrever bem, Benjamin Costallat conta com milhares de leitores, sempre á espera dos seus livros para esgotal-os em poucos dias. Foi assim com a *Luz Vermelha*, foi assim com *Mutt, Jeff & C.* O phenomeno acaba de repetir-se com

No cáes do porto: chegada dos Srs. João Moreira da Silva, o nosso querido collaborador "Areimor" e de seu filho Sr. Professor Raul Moreira, com suas Exmas. Familias.

ta a vida. A vida é que é escandalosa. Escandalosa até na dôr. *Depois da meia noite...* é todo feito de dôr: dôr das grandes cidades e das pequenas creaturas, dôr de amor, dôr de desejar... A prosa arripiada de Benjamin Costallat vae dizendo as historias verdadeiras, tão verdadeiras que parecem inventadas... Vae dizendo, como se fosse uma voz de ternura e desespero

Banquete do Club de Engenharia aos membros do 2° Congresso Ferro-Viario Sul-Americano.

Depois da meia noite... Voaram os quatro mil exemplares da primeira edição. Entretanto, palavra de honra, *Depois da meia noite...* é um livro excellente. Dizem que Benjamin Costallat consegue vender tanto porque põe escandalo em tudo que lhe sae da penna. Esse homem turbulento não faz isso de proposito. Con-

Recepção a bordo do "Nevada", da Armada Norte Americana.

que falasse... Eis ahi o segredo do seu agrado: a sinceridade natural, a simplicidade ao alcance de todos... Cinematographia em que as palavras fazem de interpretes... Guignol com todos os fantoches do mundo... Bailado russo... Dansa americana... Tango... Maxixe... Ahi está a arte de Benjamin... Ahi está o chamariz de Costallat...

PAPEIS ANTIGOS

A sala era côr de cinza e dormitava eternamente sob o eterno luar cansado de uma lampada fôsca.

Eu ficava sempre, do fundo da poltrona, a querer aquellas mãos longas e puras que amavam accordar, no piano, velhas coisas da alma da gente que andam nas sonatas de Beethoven.

Na sala sempre fômos tres: ella, o piano e eu. Dos tres só o piano falava, dizendo tudo que nós não tinhamos animo de dizer. A sua voz, sem palavras, revelava angustias paradas, sonhos de carinhos, desejos infinitos e mudos como nós dois.

E, para a alma compassiva do silencio, havia sempre dois silencios.

A's vezes a sua alma se revoltava contra a nossa mudez sem motivos e subia, num cantico bravio, colerico, a bramir da timidez dos homens e a proclamar um grande amôr sem mascaras, ululante e largo como o oceano.

Os dedos della tremiam sobre as teclas, num bailado afflicto, supplicando silencio.

Inutil... O cantico continuava a dizer de almas maiores que os vendavaes e de amores maiores que as almas.

Depois, o piano emmudecia. Ficavam tres silencios... e os meus passos me levavam.

Uma noite prendi-a nos meus braços e falei. O piano ficou calado á espera de que ella respondesse. E ella não disse nada.

Quando houve tres silencios eu sahi para sempre.

Na rua havia noite. Na sala a "Segunda Sonata" era a angustia de um chamamento.

Já não acreditava no piano.

E os meus passos me levaram para sempre...

DEABREU.

DEPOIS DO ALMOÇO DO SR. MINISTRO DA DINAMARCA AOS JORNALISTAS NO PAVILHÃO DO SEU PAIZ.

SABBADO PASSADO, EM FRENTE AO PAVILHÃO DE FESTAS, NA EXPOSIÇÃO, DURANTE O CONCERTO, REGIDO PELO MAESTRO MASCAGNI, NO QUAL TOMARAM PARTE 300 PROFESSORES DE ORCHESTRA E OS CÓROS DO THEATRO MUNICIPAL.

NA LEGAÇÃO DA DINAMARCA, QUANDO O SR. MINISTRO OFFERECEU UM BANQUETE EM HOMENAGEM AO ANNIVERSARIO DO REI CHRISTIANO.

Os jangadeiros do Norte com o Sr. Presidente Epitacio Pessôa.

O prestito dos jangadeiros.

A Confederação dos Pescadores do Brasil foi, no dia 30, ao Palacio do Cattete, apresentar ao Sr. Presidente da Republica os jangadeiros que vieram das praias do Norte,

Directoria do Departamento Naval da Associação dos Homens do Mar.

em frageis embarcações, commemorar com a gente carioca o Centenario da Independencia. O prestito dos jangadeiros deu á cidade um movimento festivo.

Banquete da Senhora Collier ás senhoras brasileiras e ás delegadas na Exposição.

Curso de Dansa da Senhorinha Yvonne Daumerie, em São Paulo.

GAFFE...

Na *garden-party* dos Congressistas Ella esteve infeliz, talvez, porque Elle não fôra, ou porque o não vira talvez... Se havia tanta, tanta gente, em meio á qual Elle bem pudera aproveitar a opportunidade para variar um pouco...! O facto é que, á sahida, Ella não se conteve e queixou-se de que a festa "não prestára para nada..."

E, depois, olhando em torno e deparando a solemnidade de duas cartolas que haviam, provavelmente, escutado a objurgatoria, assustou-se e com razão... Eram dois dos organisadores da festa.

Valeu, comtudo, a *gaffe*: com o rubor que subiu ás faces ficou mais bella, ainda...

UM DIA

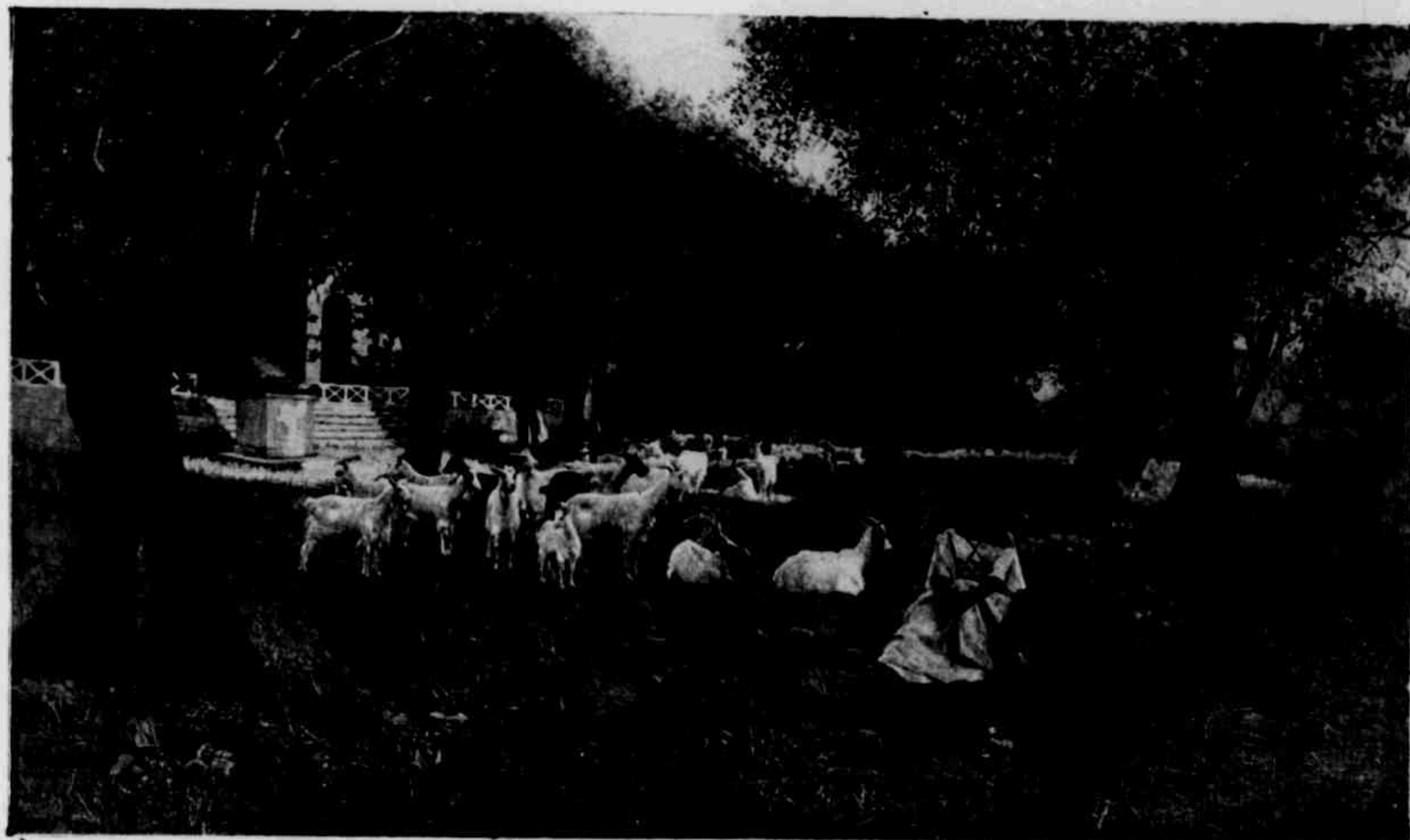
— Por que é que te vejo, quando na ronda dos annos tu floresces no meu cerebro — minha triste flor de Lothus — sob a ponte de Amboise, nuns fundos de tarde orleaneza, como um perfil de Carriére dentro de uma téla de Corot ?

Por que ?

Si nunca amaste essas terras de longe, e si eu te quiz num canto banal, daquelle perdido Brasil banal...

Por que ?

E por que é que ainda voltas, teimosa saudade de trinta e cinco annos ?

DEABREU.

Daphnis e Cloé. Quadro do pintor riograndense Pedro Weingartner.

HARRIETT HAMMOND

O Exmo. Sr. Dr. Salazar Oyarrazabal, Embaixador Especial da Republica do Perú ás commemorações do Centenario da nossa Independencia, e demais membros da Embaixada, entre os quaes o joven diplomata Sr. Edgardo Rebagliati (o segundo, em pé, á direita) nosso collega de imprensa, redactor da revista "Mundial", de Lima.

A Exposição, á noite. Lado dos pavilhões nacionaes.

CINEMA PARA TODOS...

REDACTOR-CHEFE
OPERADOR

RIO DE JANEIRO, 7 DE OUTUBRO DE 1922

COLLABORADORES
VARIOS

A NOSSA CAPA

RICHARD DIX não é dos artistas mais conhecidos entre nós, se bem dos mais cotados nos Estados Unidos. Ainda agora confiou-lhe a Goldwyn o principal papel no film "O apostolo", extrahido do celebre romance de Hall Caine, já publicado pelo *Para Todos*...

No proximo numero — MAY MC. AVOY.

Chronica

A ESTRÉA DA UNITED ARTISTS

Com A marca de Zorro, *a melhor producção de Douglas Fairbanks que já passou por telas brasileiras, estreou a semana passada no Rialto a famosa marca norte-americana* United Artists Corp.

Não teve a concorrencia que merecia esse *film, o que attribuimos á pequena reclame feita e á pouca confiança que mercê de programmações anteriores fracas, ao tempo* em *que o explorava a empresa Darlot, inspira ao publico aquella casa de espectaculos.*

Entretanto quem foi ver esse film deve ter sahido satisfeito. Trata-se de facto de uma producção excellente, digna do mais caloroso acolhimento. Quer quanto á technica, á interpretação, quer quanto ao argumento interessante e logico. A marca de Zorro *é um dos bons films que nos tem sido dado apreciar.*

Seguiu esta semana uma producção de Griffith A rua dos Sonhos; *na proxima veremos o melhor film de Mary Pickford* O pequeno lord Fauntleroy, *que unanimes applausos têm consagrado em todo o mundo, como obra prima. Depois veremos* Os tres mosqueteiros, *por Douglas Fairbanks e* As duas orphãs, *de Griffith, todas super-producções de incontestado merito.*

Com essa programmação é de esperar que o Rialto, incontestavelmente um dos nossos bons cinemas readquira a clientella perdida ; o nosso publico sabe sempre fazer justiça á boa producção.

A United Artists *ha de ser das marcas favoritas entre nós.*

OPERADOR N. 2.

MAX LINDER

O comico francez está actualmente em Paris. Entrevistado por uma revista franceza queixou-se amargamente da gente dos Estados Unidos que não só não supporta o film francez, como mesmo desdenha as suas producções, delle, Max Linder.

"Nos trinta e seis mezes que passei nos Estados Unidos, diz elle, apezar da amizade de artistas eminentes como Douglas Fairbanks e Charlie Chaplin, só pude produzir tres films: "Sete annos de urucubaca", "Sê minha mulher", e a parodia dos "Tres mosqueteiros", de Douglas. Destas tres producções só pude vender uma nos Estados Unidos, "Sete annos de urucubaca", que foi lançada com tanta má vontade ao mercado, que redundou em fracasso. Tive de trazer os outros dois para a França, onde já vendi um. O outro vae ser explorado pela "United Artists".

Sobre o estado da cinematographia, diz Max Linder:

"Seriamos de certo muito superiores aos americanos se possuissemos os mesmos meios technicos que elles. Mas a julgar pelo que vi antes de minha partida para a America — e parece não ter havido na minha ausencia, grandes mudanças— somos bem inferiores em tres coisas: studios, illuminação e artistas.

Deixem-me precisar. Na America ha studios de trezentos metros de comprimento por setenta ou oitenta de largura. Na America, os studios são completamente fechados, sem vidraças, como aqui se usa, para que entre a luz externa. Quando se quer filmar á luz natural vae-se para fóra; para scenas de interior, despende-se uma quantidade enorme de electricidade.

E demais, é mister dizer: em França não possuimos artistas de cinema; temos excellentes artistas de theatro que occasionalmente posam para cinema; já se vê que não é a mesma coisa.

No theatro os gestos, as attitudes têm que ser exaggerados ; sobrios no cinema. O theatro e o cinema são coisas differentes.

Nos Estados Unidos existe uma verdadeira carreira artistica cinematographica, com estrellas numerosas de ambos os sexos e mais numerosas artistas ainda da segunda plana. O autor ou o director de scena, pode achar sempre o artista de que ha mister para interpretar tal ou qual papel.

Quanto aos processos de realização technica, affirmar a superioridade dos americanos sobre nós, nessa parte, é repetir coisa bem sabida.

Posso citar a proposito a reconstituição do castello feudal, feito para o film de Douglas "Robin Hood". Nesse gigantesco castello, certos aposentos têm 250 metros de comprimento. Uma chaminé attinge uma altura de dois andares... e essas decorações ficaram promptas em vinte e cinco a trinta dias.

Entre nós quanto tempo se levaria para conseguir tal?"

Passando a falar dos argumentos, criticou os americanos exaltando os francezes fazendo a seguinte observação: "Os defeitos do film americano são tamanhos, o numero de argumentos ridiculos ou infantis cresceu de tal sorte, que o publico começa já a aborrecer-se do cinema. E' uma coisa chocante constatar o vasio que se faz nas salas de cinema. Penso que em 1922 o publico que frequenta o cinema diminuiu em relação ao de 1921 em uma proporção de pelo menos 33 °|°.

Os editores americanos ver-se-ão obrigados a fazer appello á boa producção estrangeira para variar o seu programma e a só editar films de primeira ordem."

☆ ☆ ☆

Andrey Chapman, que apparece no film de Douglas Fairbanks "Robin Hood", (que ao que parece veremos ainda este anno, se bem não haja passado nos Estados Unidos), foi pelo pintor e esculptor sueco Christian von Selmeidan, escolhida como o typo da belleza loura americana.

☆ ☆ ☆

Ben Turpin, sob a direcção de Mack Sennett, acaba de concluir seu film "The Schrick", parodia de "The Sheick" (Paixão de barbaro).

☆ ☆ ☆

Pola Negri nasceu em Bromberg, Polonia allemã então, em 1899. Seu verdadeiro nome é Apollonia Chalupez. Negri foi adoptado em lembrança de Ada Negri, a famosa poetisa italiana, cujos versos ella costumava traduzir na escola.

☆ ☆ ☆

A producção italiana continúa em plena crise, recusando os estabelecimentos bancarios qualquer credito aos productores.

A situação do pessoal que trabalhava para o cinema torna-se mais grave cada dia que passa. Corre o rumor que a U. C. I., nascida sob tão brilhantes auspicios vae fechar suas portas definitivamente. Rarissimos os productores que mais raramente ainda produzem algum film. Parece que a não haver uma intervenção de novos elementos financeiros poderosos... era uma vez a cinematographia italiana.

O meu cavallo fiel

(TRAVELING ON)

Film Paramount — Producção de 1922 — Direcção dt Lambert Hillyer

DISTRIBUIÇÃO

J. B.	William Hart
Susan Morton . .	Ethel Grey Terry
Dandy Mc Gee . .	James Farley
Hi.	Brinsley Shaw
Mary Jane	Mary Jane Irving
Gila	Robert Kortman
Haskins.	Willis Marks

OPINIÕES DA CRITICA

Interessante e typico drama do oeste.
Moving Picture World.

Hart em uma de suas producções habituaes.
Film Daily

Diversão satisfatoria.
Exhitor's Trade Review.

Drama do oeste regular.
Exhibitor's Herald.

Sentado á porta do seu barracão de pinho, Haskins "Sabetudo", o redactor-chefe do "Boletim de Tumble Bluff", observava tranquillamente o eterno drama da vida, representado ante os seus olhos. O seu papel, na tragedia da existencia, era o de simples observador, uma especie de côro Grego que acompanhava a epopéa do Arizona. Mas Haskins vivia satisfeito com a humildade da sua funcção, pois observara que outros actores, mais em destaque, tinham não raro que assumir o papel principal em enforcamentos e ceremonias antipathicas, nada do seu gosto. A insignificancia era como um manto invisivel que acobertava o seu possuidor, garantindo-o contra situações inseguras. E por isso lhe era agradavel.

E olhando o que se passava, com olhos perscrutadores, inamistosos, que chammejavam friamente como o sol mordendo o cano luzidio de uma garrucha, ruminava alto para o unico confidente e companheiro que tinha, — elle proprio:

— E' isso mesmo. Estou bem satisfeito de estar vivo, e não pretendo tão pouco servir de alvo ao revolver de Gila. E' um passatempo agradabilissimo ver o que vae acontecer, e ou eu me engano muito, ou aqui vão acontecer grandes cousas nestas proximas semanas. A mulher daquelle caixeiro viajante da Doutrina, Suzanna, é uma linda mulher, e não ha para originar complicações como uma mulher bonita ou um leão á solta!...

Haskins pousou os seus olhinhos crepitantes na esplendida figura de uma mulher que á beira da rua, defronte do "Palacio da Sorte", de Dandy Allen Mc Gee, levantava uma especie de balcão, feito de caixotes vazios. Com as nobres curvas que se accusavam sob o seu delgado vestido de chita, e aquella pelle de um colorido quente, e aquelles olhos apaixonadamente negros, seria uma figura voluptuosa se não fosse a expressão do seu semblante, puro como uma agua limpida que recobrisse incommensuraveis abysmos, agua em que se mirasse o sol, em que o olhar dos homens se afogasse, se refrescasse do peccado.

Ao longo da rua feia, orlada de barracões de madeira que encimavam nomes absurdamente pomposos, — o "Hotel Magnifico", o "Emporio da Elegancia", o "Templo de Hebe", que era, por signal, o botequim — só o "Palacio da Sorte" se destacava importante, um edificio de dois andares com uma torre de madeira, pintada de um amarello berrante e decorada com toscos bonecos de madeira. De dentro vinham os accordes aggressivos da orchestra mecanica, o rumor das gargalhadas, dos passos rythmados que se arrastavam sobre o assoalho.

A tavolagem a que presidia Dandy Mc Gee funccionava de accordo com o mesmo principio a que obedecem aquellas igrejas custeadas por contribuições, cobradas pelos proprietarios. A "Sorte" de que falava o titulo da casa, era a sorte que a freguezia tinha que dar ao proprietario. Como porém era sabido que o predilecto argumento de Dandy era um revolver calibre 36, ninguem se queixava dos prejuizos que porventura soffresse. Carteador que não favorecesse a casa, bailarina que não produzisse para aquelle antro a receita que della se esperava, estava summariamente na rua. E o jogador mal avisado que aventurasse a discordar do veredictum da roleta era pessoa a quem os seus amigos, de futuro, só se poderiam referir no tempo preterito...

Haskins apurou o ouvido, á escuta das martelladas que soavam ao extremo da accidentada rua, e desatou a rir sardonicamente: era Hi-Morton, o rafeiro da salvação que não pensava em outra cousa, que outra cousa não via, que para outra cousa não vivia senão para ver construida a sua igreja.

Apparecera no povoado, ia para um mez, com os seus cavallos estrompados e aquelle carrinho de toldo de lona, em cujos flancos havia pintados textos da Escriptura, e desde esse dia trabalhara esforçadamente, os olhos da alma fitos nessa fantastica visão de um templo, encimado por uma torre branca, emergindo da arida areia daquelle deserto do Arizona, emergindo das aridas almas dos homens que ali habitavam. Fingira, desde então, não perceber os escarneos e insultos dos mineiros grosseiros, nem a ameaçadora hostilidade de Dandy Mc Gee, ao mesmo tempo ignorando os perigos e desconfortos a que submettia a esposa e a filhinha, com o zelo ardoroso que punha em converter a humanidade.

— E emquanto o pastor prosegue nas suas zumbaias a Deus, Dandy Mc Gee vae-lhe ageitando a mulher!... — disse Haskins, a rir, sem maior sympathia pela victima do que mostra o espectador aos actores de um drama em que elle não participa.

— Dandy, não é porém homem que aposte senão na certa, e está esperando o momento em que possa abocanhar a preza, sem causar grande alarido. Por outro lado, Gila aborrece que lhe façam predicas em publico, tambem não dispensa grande sympathia ao evangelista. Bem feito, que é para elle não perder tempo com um individuo como Gila que só poderá ver o Céo de perto no dia em que o levarem a forca!... Mas Morton não quer saber disso: insiste na missão que se attribue, e não me admirará nada que se elle continuar a insistir, um dia destes, Gila se aborreça e o despache a elle para o Céo. De tudo isto o que se deprehende, porém, é que grandes cousas estão para acontecer por aqui!

E o velho observador, esfregando as mãos de contente ao cabo deste monologo, observou então uma outra figura, um homem esgalgado e alto, que vinha rua abaixo, e a quem elle ainda acolheu, mal disfarçando nas pregas do rosto de couro a sua mysteriosa alegria.

— Bons dias, J. B.! Ouvi dizer que o senhor incorporou um novo membro á sua familia?

O homem alto olhou-o impassivel.

— Isso prova que o senhor ainda tem bons ouvidos,—replicou sem se alterar. Era uma figura extranha, o corpo descarnado, o rosto mordido até á flor dos ossos pelo

Pelo menos, creio na senhora.

sol e pelo vento do deserto. Mas o que elle tinha de mais bizarro eram os olhos como janelas cerradas por stores, que não permittiam figurar que especie de alma habitava ali dentro. Donde viera, para onde ia, que nome e historia se escondiam debaixo daquellas duas mysteriosas iniciaes, unico nome que elle proclamava, ninguem o sabia. Apparecera em Tumble Bluffs duas semanas antes, a cavallo num garrano malhado, cujo aspecto motivara até a franca hilaridade de Gila que não hesitara em dizer-lhe:

— Aquella coberta de retalhos que você monta...

Sem alterar a sua expressão pelo tremor de um musculo, J. B. rapara de cada lado da cabeça do valentão um tufo de cabello, com a mesma precisão com que se usasse uma navalha, e talvez houvesse concluido essa exhibição da sua pericia cravando uma bala no espaço a descoberto se o pastor itinerante não houvesse intervindo. Olhando em volta as physionomias tomadas de espanto, o olhar morto de J. B. pousara no rosto de Suzanna Morton e nelle se demorou um momento, antes de proseguir em seu caminho. E desde então, sem motivo apparente, o forasteiro ficara em Tumble Bluffs, sem nada dizer, e tudo vendo com aquelles olhos singulares.

— Disseram-me — proseguiu unctuosamente o falador — que Mc Gee tentou descobrir o seu mysterioso nome e que o senhor o mandou bugiar. Disseram-me tambem que elle se lhe offereceu por amigo, e que o senhor lhe respondeu que não tinha amigos, que os olhos delle denunciavam a mentira do que elle dizia pela bocca. Cuidado, meu amigo. Não houve até hoje homem algum que dissesse semelhante cousa a Mc Gee sem ser, desde logo, candidato a uma mortalha e um caixão!

— Aquelle?!... — disse com desprezo o homem do mysterio. — Aquelle não passa de um cão ruivo que os colletes de fantasia e os anneis de brilhantes não conseguem disfarçar! E os cães ruivos só foram postos no mundo para serem corridos aos ponta-pés!

Preparou-se para seguir, mas Haskins deteve-o, segurando-lhe o braço com força.

— Se soubesse como elle ficou fulo! — proseguiu, num riso alto — Tão damnado que sentiu a necessidade de vingar-se fosse no que fosse, e descarregou a colera no pobre do macaco! Eu proprio o vi quando elle veiu para a rua e Ignez, atraz delle, aos gritos, e o pobre do macaco a berrar como uma creança. E ainda ouvi quando o senhor lhe disse que não consentiria que elle matasse o macaco, salvo com a condição de haver duas mortes, em vez de uma. Hum, hum... Foi um bom espectaculo, não ha duvida. Mas deixe que lhe diga, meu amigo: Dandy tem-lhe um amor de irmão, o mesmo amor que tinha Caim por Abel, e por seu desejo, o unico espaço que lhe seria concedido, seriam sete palmos de terra...

— Não me dá isso cuidado, — replicou J. B.

O seu olhar desviara-se para o balcão improvisado do outro lado da rua, onde a mulher acabava de entregar a Gila um objecto qualquer, embrulhado em papel castanho. E lentamente, cerraram-se-lhe os dedos descarnados e longos, e os labios fecharam-se-lhe numa linha dura e triste. Os olhos de Haskins seguiram a figura alta e bem lançada, no gradual movimento que a approximava da esposa do pastor. Sorriu então, lambendo os beiços como se saboreasse um acepipe: é que só elle sabia o motivo porque J. B. ficara no povoado.

Por cima do balcão, um pedaço de papel de embrulho annunciava "Um livro que todos os jogadores deviam ler. — $500". Os olhos imperscrutaveis de J. B. pousaram na inscripção. E ninguem jámais suspeitaria que aquellas letras não tinham para elle a menor significação.

— Dê-me um! — disse arrancando do bolso um saquitel de couro, e pousando sobre o balcão uma nota.

A mulher considerava-o gravemente:

— Queria uma promessa sua, — disse, entregando-lhe o livro embrulhado. — Queria que me promettesse ler este livro. Promette?

— Por sua intenção? — perguntou asperamente J. B. Mas no tom da sua voz havia uma significação tão clara que o sangue subiu lentamente ao rosto de Suzanna.

— Não, — respondeu immediatamente. Pela sua. O senhor tem um olhar de fome, e esse livro ser-lhe-á alimento; o senhor tem um olhar de quem não possue um lar, e esse livro lhe offerecerá um abrigo; o senhor tem olhos de quem já soffreu, de quem se sente só, e esse livro lhe será um amigo.

A creancinha puxou-lhe por uma das mangas da jaqueta. Era uma cousinha tenra, de cabellos louros avermelhados aqui e ali, da longa exposição ao desapiedado sol do deserto.

— Onde está hoje o seu menino? — disse em voz timida. — O senhor hontem ia com elle ao collo. Um menino todo cheio de roscas, — não é verdade?

Os olhos da mulher prenderam-se aos olhos mysteriosos de J. B. com o luminoso orgulho da maternidade; mas antes que ella pudesse falar, escancarou-se a porta do "Palacio da Sorte", e por ella irrompeu Gila aos gritos de colera, seguido de uma revoltosa malta de jogadores esbaforidos, mal seguros nas pernas.

— Quero para cá o meu dinheiro! — exigiu, atirando o livro ao chão, e pizando-o a pés. — A senhora embrulhou-me. Para que diabo serve a um jogador uma Biblia? Pois já não basta que o seu marido, com as suas predicas, me faça saber a enxofre o whisky que bebo no botequim? Vamos, passe para cá o meu dinheiro!

— Nenhum homem precisa mais de Biblia do que aquelle que é jogador — disse Suzanna, firmemente. — O dinheiro que o senhor me deu vae servir para construir, aqui, em Tumble Bluffs uma igreja que Deus possa visitar e habitar.

Os olhos pequenos de Gila ardiam como carvões accesos. A mão desceu-lhe ao cinto, mas J. B. desviou-o para o lado com desprezo.

— Vá-se embora! — disse-lhe em voz terminante. E voltando-se significativamente para os demais: — E' um lindo livro, e vale bem cinco dollars, — *não acham?*

Como que casualmente, a sua mão pousou-se no cabo do revolver. Aquelles que tinham vindo para fazer côro com Gila perceberam o movimento e dispuzeram-se a pagar. Um após outro, foram todos desfilando ao balcão, entregando o valor de uma boa bebedeira, receberam as duas Biblias e regressaram ao "Templo da Sorte" onde, profanamente, depositaram os livros que haviam comprado.

— Aquelle sujeito está dispondo com muita liberdade do dinheiro dos outros, — disse Gila, — e se elle não tomar juizo, o proximo recenseamento em Tumble Bluffs vae accusar um habitante de menos!...

Elevando para o rosto lugubre de J. B. a luz pura dos seus olhos, Suzanna dizia tremulamente:

— O senhor falou ha pouco como um homem que acredita em Deus.

Mas o forasteiro abanou a cabeça:

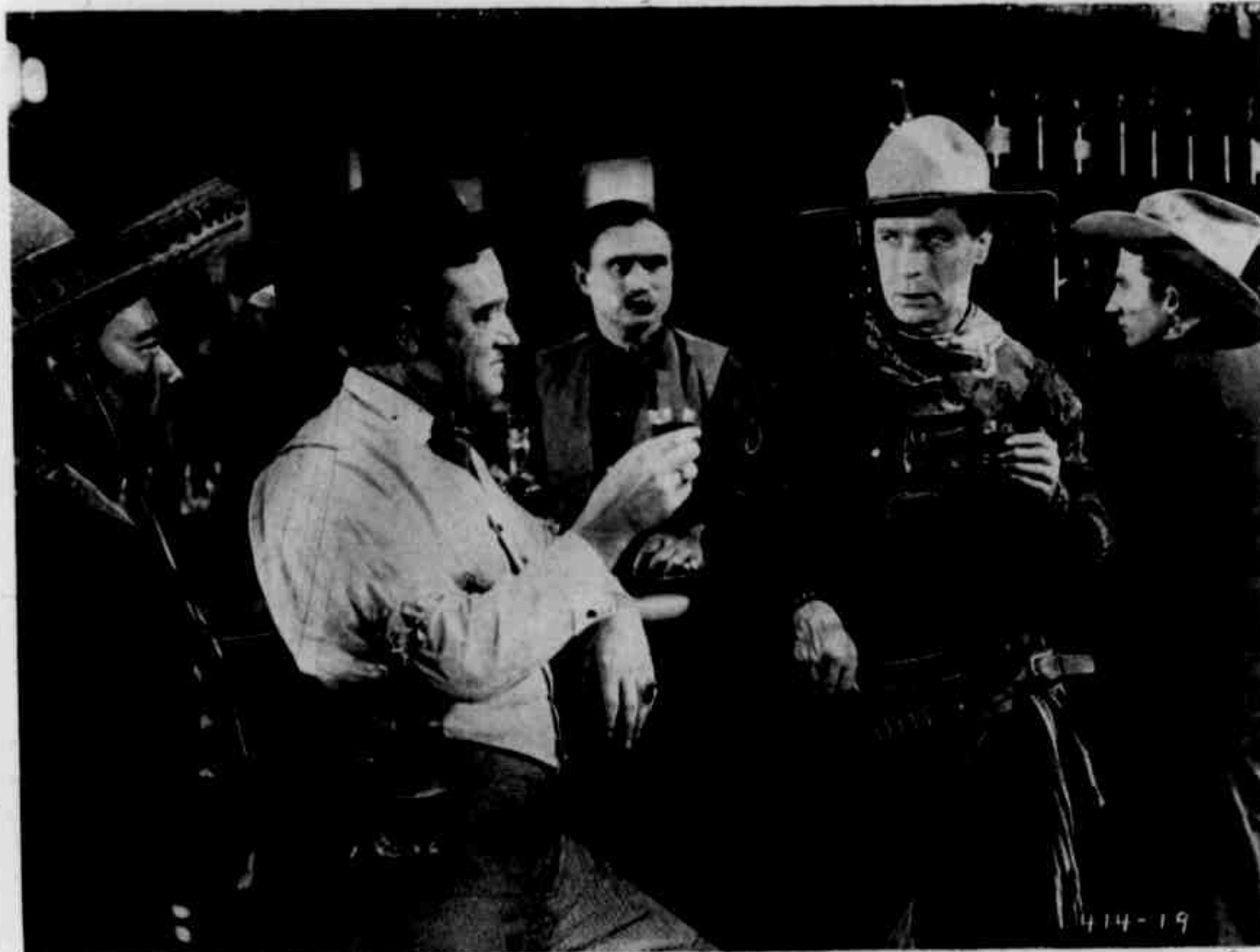
— Só acredito numa cousa: eu conseguir aquillo que quero conseguir!

Olhou-a com fixidez, mas Suzanna não lhe fugiu ao olhar como fugia á cubiça dos olhos sem pestanas de Dandy Mc Gee. Homem e mulher, os olhos enlaçados um longo momento, mediram-se um ao outro. Depois, elle caminhou para ella:

— Até hoje nunca gostei de creatura alguma, com menos de quatro pés de alto, — disse J. B. perturbado — mas gosto de si, e é minha norma possuir sempre aquillo de que gosto.

Suzanna Morton sorriu tranquillamente. Depois, como elle désse costas para retirar-se:

— Olhe que se esqueceu do seu livro. Leia-o. Elle lhe ensinará a confiar.

— Confiar? — repetiu J. B., com os labios cerrados. — Confiar é o mesmo que

Aquella coberta de retalhos que você monta ...

dar tiros contra um barril de polvora. Muito perigoso...

Mas pegou no livro que não sabia ler e os seus dedos grosseiros tremeram, ao apertar-lhe a mão. A's cegas, desceu a rua, esquecendo-se do fim com que sahira, esquecendo-se de Haskins, do seu olhar vigilante e sardonico. Viajava ha trinta e oito annos, solitariamente, sempre e sempre a caminhar, sem parar em parte alguma, impellido por aquelle eterno desassocego, por aquella constante desconfiança que sentia dentro de si. Enxergara o lume das lareiras de outros homens pelas vidraças das janellas, mas nunca lhes sentira o calor. A' soleira de lares alheios, avistara mulheres, mas nunca se detivera a pedir-lhes a esmola da compaixão, do amor. Agora, agora porém, parecia-lhe que estava olhando por uma dessas vidraças, que sustara o passo junto a uma dessas soleiras.

Sobre a sua manga pousou-se uma leve mão, coberta de anneis vistosos, e os olhos do caminheiro baixaram sobre o lindo rosto pintado de Ignez, a dansarina do "Palacio da Sorte", que lhe dera o seu macaco para que elle olhasse por elle. Os seus olhos eram tambem como agua azul, mas a agua era turva, e della podia beber quem quizesse. Ignez brindou-o com um sorriso, num assomo de faceirice, e J. B. observou um brilhante, encastoado num dos seus dentes fronteiros. — Como está Jokko? — perguntou; e logo depois: — Ah, que bondade a sua, hontem!

Era patente que ella interpretava-lhe a bondade do unico modo por que a sabia interpretar. A flor rubra da bocca affeiçoou-se para o beijo, mas J. B. franziu a testa, severo, e fugiu á pequenina mão cariciosa, com uma resposta laconica. E a mão da rapariga resvalou-lhe do braço, apagado o brilho fugaz de todas as pedras falsas que lhe estrellavam os dedos. — Era meu amigo, Jokko, — disse lugubremente, voltando-se, — o unico amigo que jámais tive, creio eu!

O homem nada accrescentou quando a viu caminhar, a passos inconscientes, para o "Palacio da Sorte". Como aquecer as mãos ao lume illusorio de um fogo fatuo!

Ao extremo da rua, junto ao pequeno barracão que adquirira com o producto da venda dos seus cavallos e do seu caminhão, Hi Morton trabalhava na construcção da casa de Deus que imaginara, com a incansavel energia de um fanatico. Era um homem franzino, cuja estructura alterada por um desastre antigo, parecia tambem esgottada pelas devastações da culposa vida de outr'ora. Sem embargo, os seus olhos claros brilhavam com o fogo fantastico de uma fé quasi grande demais para o seu corpo rachitico. Ao ver J. B., pousou o martello e veiu para elle agitando no ar um dos seus braços esqueleticos.

— Ah, irmão! — disse fervorosamente. — Quanto tenho rezado para que enxergueis a luz! Juntos, quanto não poderiamos fazer por Deus, aqui em Tumble Bluffs, onde são tantos os impios! Guerreiam-me a cada passo! Ninguem me ajuda a construir a minha igreja, e não tenho dinheiro nem para taboas, nem para pregos! Mas Deus me ha de mostrar o caminho! O senhor é porém bem differente dos outros: vamos, ajoelhe-se, e confesse os seus peccados, e entregue-se nas mãos de Deus!

J. B. rio disfarçadamente. Sentia ante aquelle homem, ao dominar de toda a sua esplendida altura aquelle rosto pallido, trabalhado pela molestia, em que só os olhos brilhavam ingenuamente accezos, o desprezo do homem forte pelo fraco. Que homem aquelle para uma mulher como *ella!*

E os seus labios desfranziram-se para responder brutalmente:

— Não faço fé com Deus, meu amigo. Tenho passado sem elle até hoje e creio que, já agora, irei sem elle até ao fim da viagem!...

Hi Morton alçou um punho grotesco e deixou-o cahir contra o outro, devagar, exclamando:

— Descrente! Atheu!

— Não sei o que isso seja! Por força alguma praga nova que eu desconheço! — disse o inalteravel J. B. A despeito das suas palavras, sentia entretanto por aquelle pregoeiro do Evangelho um respeito que jámais sentira até aqui. E esse respeito, por algum mysterioso processo, parecia varrer os seus ultimos escrupulos em relação ao que assentara fazer. Antes tinha a impressão de que arrebatar a essa miseravel creatura a sua esposa e companheira, seria o mesmo que roubar a uma creança. Agora, os dois eram mais iguaes.

J. B. assentou os seus planos lentamente. Não havia necessidade de ter pressa. Essa necessidade elle só a verificaria se pudesse ver o lume da cubiça que havia nos olhos de Dandy Mc Gee quando pousavam na alta e airosa figura da esposa do pastor. Suzanna Morton, mesmo antes do jogador lhe ter formulado o seu desejo em termos claros, quando ella lhe fôra pedir o seu auxilio para a construcção da igreja, já sabia do perigo que corria.

— A minha bondade para com seu marido dependerá... dependerá apenas da bondade da senhora para commigo... — dissera Gila.

Suzanna não era uma creatura mundana, mas conhecia os homens, conhecia as feras brutas, e percebeu o desejo de fera bravia que afogueava os olhos sanguineos com que Mc Gee a devorava. Recuou, pois sem receio, mas com uma certa impressão de nojo, ante as brancas mão polpudas do jogador. Animado pelo seu silencio, Mc Gee proseguiu:

— Uma mulher como a senhora não pode amar uma traça de Biblia, acorcundada, doente, como aquella!

Então a colera explodiu nella, precipitada e ardente:

— Elle veiu a vós, offerecendo-vos o Pão da Vida, e vós o apedrejaes. Receiaes a igreja que elle vae construir, e julgaes-nos fracos e desprotegidos. Mas enganaes-vos! Temos Alguem por nós que não permittirá que se nos faça mal! E mesmo sem pregos, mesmo sem taboas, mesmo sem trabalhadores, a igreja será construida, — ficae certos!

Cerrou a porta atraz de si e partiu. Dandy Mc Gee mordeu os labios e sorriu, com um sorriso máo. Segundo o seu credo, qualquer mulher podia ser conquistada. E que não fosse de um modo, sel-o-ia do outro. E elle conhecia o outro...

Conheceu-o tambem duas noites depois Suzanna, quando com o coração a palpitar de receios, attentou nos olhos veiados de sangue do jogador, alvoroçados de triumpho, e quasi junto do rosto, sentiu-lhe o bafo quente e repulsivo.

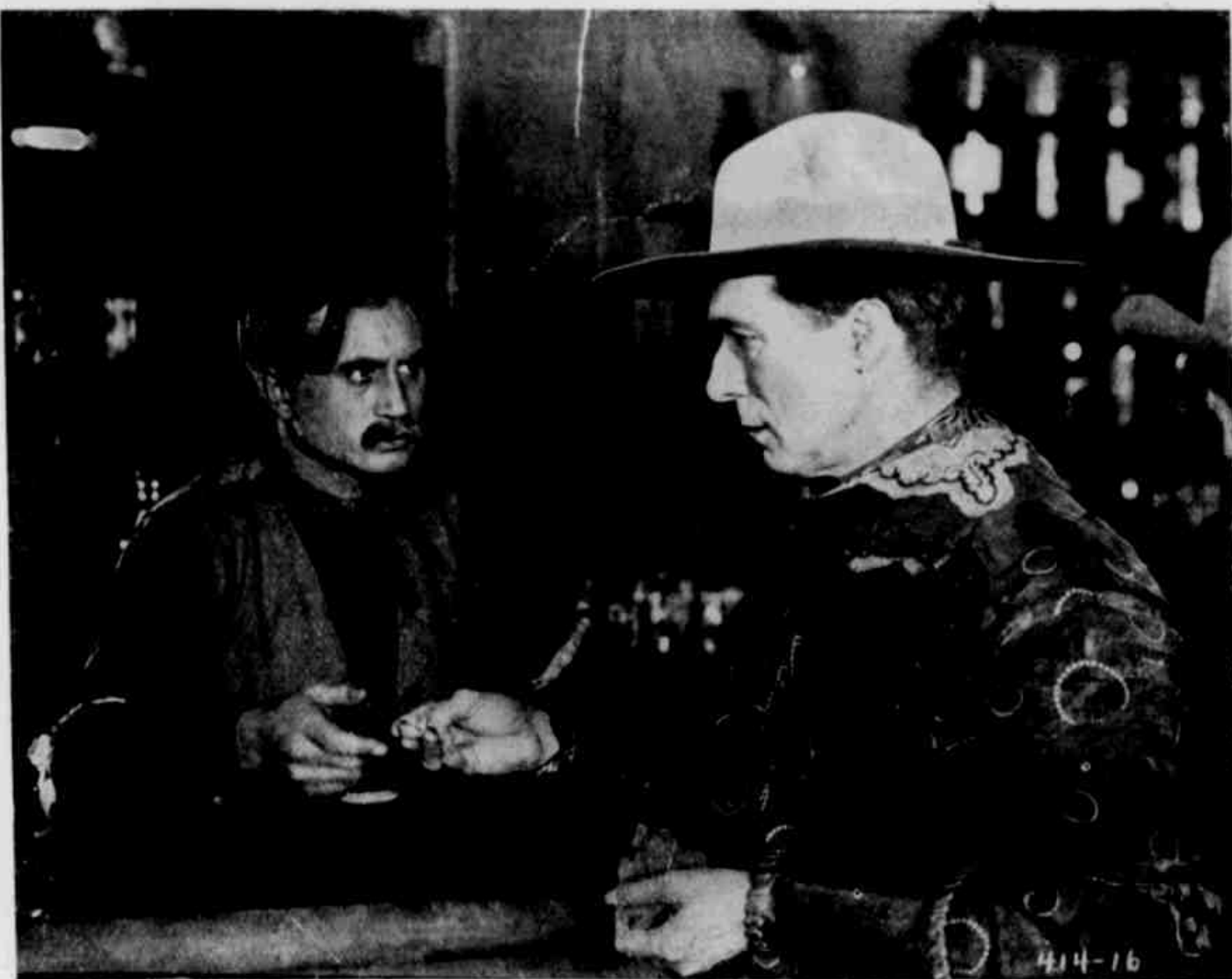
— Se esse pessoal soubesse que este Hi Morton que agora quer ensinar-nos a pôr as mãos, é o mesmo que, ha alguns annos, ordenava ás pessoas que alçassem as mãos ao alto, de outro modo; se elles soubessem que elle começou a vida sob o nome de Hi Bradley, e a mascara que costumava afivelar ao rosto quando assaltava as diligencias, — que boa cama não lhe fariam! Eram capazes de o fazer sahir daqui debaixo de chicote, com um trilho amarrado á perna!

Suzanna sorriu, paciente:

— Se o fizerem sahir daqui, irei com elle, — disse, de cabeça bem alta. Dandy Mc Gee sentiu-se burlado, vencido, subjugado. Mas porque sentir-se assim? Pois não era noite? Não estava elle a sós, ali, com ella, emquanto o maluco do marido lá andava a pregar e repregar as taboas da igreja do seu sonho, á luz de uma lanterna? E não era elle mais forte e possante do que ella?

— Não os impedisse eu — disse em voz lugubre Mc Gee — e eram até capazes de o enforcar!...

— Pois então pedir-lhes-ei que me enforquem tambem, disse Suzanna com firmeza. A lealdade dos seus olhos era como

(*Termina no fim da revista*)

Aquelle não passa de um cão ruivo.

O pequeno lord Fauntleroy

(THE LITTLE LOR FAUNTLEROY)

Film da United Artists — Producção de 1922

DISTRIBUIÇÃO

Mrs. Errol) . . . . / Cedric)	Mary Pickford
Bevis Errol. . . .	Colin Kenny
O conde Dorincourt.	Claude Gillinwater
Hawisham	Joseph J. Dowling
Mrs. Mc Gintry . .	Kate Price
Dick, o engraxate .	Frederico Malatesta
Hobbs, o merceeiro.	James A. Marcus
Minna	Rose Dione
O falso lordzinho .	Frances Marion
Rev. Mordaunt. . .	Emett King

OPINIÕES DA CRITICA

Mary Pickford attinge o pinaculo da sua carreira. Este film é perfeito em tudo.

Moving Picture World.

A producção ideal de Mary Pickford — um presente regio para a legião de seus admiradores.

Motion Picture News.

E' um film para creanças de todas as idades, dos sete aos setenta annos: Anima-o um sopro de mocidade jovial...

Exhibitor's Herald.

Esplendido film, quer technicamente quer artisticamente considerado. Um dos maiores successos cinematographicos de todos os tempos.

Exhibitor's Trade Review.

Porque será que á tristeza da vida, de si tão curta e sempre a nos mostrar os seus lados asperos, os homens ainda por cima buscam augmental-a juntando-lhe os horrores da inimisade e os odios de familia?

O velho conde de Dorincourt, um dos maiores e mais ricos fidalgos inglezes, teria algum dia feito a si proprio essa pergunta?

Seja como fôr, para resolvel-a elle não tivera a coragem de dominar o seu orgulho e de perdoar a seu filho predilecto, Cedric Errol, o casamento desigual que elle contrahira com uma americana. Prohibira-lhe voltar ao castello de Dorincourt e ficara sózinho com seu filho Bevis, pouco dado ás expansões ternas e muito ás alcoolicas, no immenso senhorio da familia.

Emquanto isso em New York vivia a encantadora Mrs. Errol, viuva de Cedric, pouco depois de sua chegada á America, arrebatado pela morte em poucos dias. O pequeno Cedric, filho unico daquella malfadado matrimonio creava-se ao seu lado, não conhecendo da vida senão aquella existencia modesta que partilhara com a mãe, mas apezar disso sentindo-se perfeitamente feliz.

New York não era por aquelle tempo essa formidavel metropole cheia de arranha-céos que hoje é; parecia-se antes com uma dessas novas cidades do Oeste. Vivia-se em familia; as creanças eram como que reis. O dominio do pequeno Cedric era a rua em que morava...

Um dia alguns garotos fizeram caçoada dos lindos cachos do seu cabello dourado em que, ternas e amorosas, as mãos maternas mergulhavam todos os dias, arranjando-os, penteando-os com enlevo e orgulho; Cedric atirava-se contra elles e voltara para casa com a roupa em farrapos, os cabellos em desordem, o rosto inflammado por subita resolução para declarar á mamãe que não queria mais cabellos compridos, que os fizesse cortar.

Mas Mrs. Errol levou-o ao quarto, e tomando de um cofrezinho em que guardava as suas mais caras recordações dos dias felizes, mostrou-lhe uma photographia:

— Olha, filhinho, aqui tens o retrato de teu pae com tua idade. Vês? Elle tinha os cabellos annellados como os teus. Que pezar não me farias meu filho, se cortasses teus cabellos!...

E logo Cedric, levantando a cabeça orgulhosamente, bateu o pé decidido:

— Pois se o papae tinha os cabellos annellados assim, eu tambem quero ficar com os meus.

Cedric não sabia entretanto quem eram seu pae nem seu avô; sua mãe nunca lhe havia falado nesse assumpto; seu filho era pobre e ella tinha buscado afastar delle todas as idéas de grandeza. Em suas longas palestras com o seu velho amigo Hobbs, negociante e inimigo dos aristocratas, Cedric fazia côro com as objurgatorias do velho com a maior sinceridade.

— E' mister que a gente se orgulhe de ser americano, dizia o velho; os condes, os lords, os fidalgos da velha Europa são uma sucia de bandidos que por dez reis de mel coado faziam cortar a cabeça da gente honrada... eram uns grandes tyrannos!...

— E o que faria você, seu Hobbs, se um conde entrasse no seu armazem?

— Eu?

O velho Hobbs empertigava a sua estatatura, os tres ultimos pellos da sua vasta calva reluzente arrepiavam-se e elle com os olhos enfurecidos protestava:

— Atirava-o á rua com um pontapé num logar que eu bem sei...

E a ferocidade subita do pacifico negociante punha Cedric pensativo.

Ora aconteceu um dia aquillo que havia de acontecer. Bevis, o beberrão morreu de uma quéda de cavallo e o conde de Dorincourt ficou sem herdeiro ou para melhor dizer o herdeiro ficou sendo aquella creança de que o conde nunca quizera ouvir falar.

— Hawisham — disse elle ao seu procurador, posto que elle seja um americanozinho muito mal educado, vá procural-o. Trate de encontral-o onde elle estiver. Procurarei dar-lhe uma educação condigna com a sua posição.

Eis porque algumas semanas decorridas Hawisham chegava a New York em busca do herdeiro do nobre conde de Dorincourt, do pequeno Lord Fauntleroy.

Justamente estava Cedric de prosa com uma de suas boas amigas Mrs. Mc Ginty, vendedora de maçãs que se queixava sempre de ter os pés gelados. Cedric consolava-a dizendo que quando fosse presidente

dos Estados Unidos elle lhe daria um aquecedor confortavel. Depois passou a falar a Dick, o engraxate a quem um proprietario deshumano havia posto os trastes na rua, por atrazos de pagamento. E Cedric teve de prometter-lhe tambem hospedagem na Casa Branca quando fosse presidente...

Hawisham encontrou pois a joven mamãe sozinha, entregue aos seus affazeres domesticos que ella buscou dissimular mal mal, porque se então não havia crise de criados, nem por isso Mrs. Errol tinha qualquer cousa que com isso se parecesse.

A noticia que a tantas outras mães encheria de alegria pareceu interessal-a mediocremente.

— O conde amaldiçoou injustamente meu marido, disse ella; assim não lhe entregarei meu filho.

— Mas pense bem, senhora, olhe que é o futuro do seu filho; Lord Fauntleroy deve receber uma educação propria de sua elevada posição.

Mrs. Errol suspirava, buscando uma resposta esmagadora, quando um cheiro caracteristico filtrou atravez da porta da cozinha: era o assado que se queimava.

Teve de se precipitar para pôr termo á catastrophe.

Hawisham não ficou sozinho por muito tempo. A porta de entrada abriu-se e Cedric plantou-se defronte da visita.

Esta exclamou jubilosa:

— Ora aqui temos o pequeno Lord Fauntleroy.

— Perdão, o Sr. se engana, eu me chamo Cedric Errol, corrigiu o pequeno.

O velho sorriu.

— Esse era o seu nome até pouco tempo Agora chama-se Lord Fauntleroy.

Cedric reflectiu por instantes; sentou-se e com as pernas a balançar pronunciou com gravidade:

— Comprehendo perfeitamente o que me

Hawisham encontrou a joven mamãe sózinha.

diz, mas fique sabendo que não quero ser um lord.

E sussurrou aos ouvidos do velho procurador já conquistado pela graça infantil irradiante do pequeno:

— O Sr. Hobbs diz que elles mandam cortar a cabeça dos desprotegidos...

Hawisham deu uma gargalhada e tratou de convencer Cedric do exaggero das palavras do negociante. O menino escutou-o com attenção.

— Eu ia ser o presidente dos Estados Unidos, declarou depois de um momento de reflexão, mas talvez fosse cousa divertida ser lord, comtanto que a mamãe fosse commigo...

Hawisham illudiu a questão com prudencia e tirou do bolso um maço de notas do banco.

— Agora que é rico, Lord Fauntleroy, passo-lhe ás mãos esse dinheiro que é seu, para as despezas da viagem; pode entregal-o á sua mãezinha.

Esta estrara sem fazer barulho e os seus olhos encheram-se de lagrimas. Era aquelle maldito dinheiro que ia arrebatar-lhe o filho...

Cedric porém de nada se espantara.

— Vou comprar um aquecedor para os pés de Mrs. Mc Genty e pagar o quarto de Dick... quanto a Hobbs...

Mamãe interrompeu:

— O dinheiro nos torna egoistas muito rapidamente. Comtanto que não lhe resegue o coração...

Continuou a conversar com o procurador do velho fidalgo.

Cedric aproveitando-se da pouca attenção que lhe prestavam esgueirou-se furtivamente e a correr foi dar parte a Mr. Hobbs do que lhe acontecia. Ao transpor a porta porém veiu-lhe ao espirito a lembrança das declarações anteriores do negociante. E não é que elle agora era um dos taes aristocratas a quem com tanto rancor se referia o honrado merceeiro! Como seria recebido? Hesitou, voltou sobre os passos, tornou a subir a escada, desceu de novo... mas com subita resolução atirou-se afinal dentro do armazem. Mr. Hobbs, gordo e reluzente despedia-se de um freguez. Cedric sentou-se sobre uma caixa de assucar e sem dizer palavra começou a lançar sobre o merceeiro uns olhares cheios de afflicção.

Visitava a mãe frequentemente.

— Meu Deus, disse Hobbs alarmado você está doente, Cedric?

Cedric tomou um ar absolutamente solemne e recuperou o uso da palavra:

— Sr. Hobbs tenho uma pergunta a fazer-lhe mas quero que me responda com toda a franqueza.

— Fala, pequeno.

— O que foi que o Sr. disse que faria a um conde se elle entrasse na sua loja?

O outro inflammou-se logo:

— Sei bem onde lhe assentaria o bico da minha botina.

Cedric cheio de heroismo levantou-se e voltando as costas disse-lhe:

— Então faça.

— O que é isso, pequeno? levanta-te! Então!

E agarrando Cedric pelos hombros obrigou-o a sentar-se de novo sobre a caixa.

— Bem que eu desejava isso, Sr. Hobbs, mas olhe que quem está sentado nesta caixa é um lord.

E como o outro revirasse os olhos espantado a imaginar que o pequeno estivesse maluco, disse:

— Nenhum de nós está doido, Sr. Hobbs. Bem que eu desejava ser presidente dos Estados Unidos; mas é preciso que eu seja lord.

E contou-lhe toda a historia, ao passo que o negociante o escutava com os olhos cheios de lagrimas. O romance de Cedric circulou logo por todo o quarteirão e Cedric teve de repetir os pormenores um cento de vezes. Entretanto a mãe fazia os preparativos para a viagem. Chegou a hora da partida. Os melhores amigos um dia se separam. Cedric conheceu a tristeza das despedidas. E um dia...

... ...

Chegando á velha Inglaterra partiram para o senhorio de Dorincourt. Mrs. Errol sentia-se cada vez mais angustiada pensando no acolhimento que lhe faria o velho aristocrata. Não teve essa desillusão, mas uma outra mais dolorosa ainda. Aberta a porta do parque o carro avançou até ao lindo pavilhão. Hawisham teve de confessar então:

— E' aqui, minha senhora, que passará a viver. Quanto a Lord Fauntleroy irá viver no castello com seu avô.

A pobre Mrs. Errol teve de fazer appello a toda a sua coragem para resistir áquelle golpe; era porém tarde de mais para discutir e como em todas as circumstancias de sua vida o seu generoso coração era quem dava a ultima palavra, abraçou o filho, dizendo-lhe:

— Meu amorzinho, viveremos um pouco distantes um do outro: entretanto o que me consola é ires viver ao pé de teu avô que será bom para ti. E' mister que gostes delle. Cedric.

Cedric partiu, occultando suas lagrimas, com Hawisham. E por varios kilometros, a esplendida equipagem rolou por terras do vasto dominio senhorial do Dorincourt. Quando Cedric viu o castello, contentou-se em reflectir:

— No fundo, o que acho exquisito, é ficar a casa tão longe do portão!

Examinou tudo com attenção; as torres ameiadas, o vasto vestibulo cheio de

Os amigos de além-Oceano.

(Continúa no fim da revista)

Dever de gratidão

(THE WOMAN N GIVES)

Film do First National — Producção de 1920

DISTRIBUIÇÃO

Inga Sonderson . . NORMA TALMADGE
Daniel Garford. . . JOHN HALLIDAY
Terry Castello. . . Edmund Loewe
Mrs. Garford . . . Lucille Lee Stewart
Cornelius . . . . . John Smiley
Bowdon . . . . . Edward Keepler

OPINIÕES DA CRITICA

O facto de ser interpretado este film por uma das celebridades da tela, auxiliada por artistas escolhidos, faz com que elle se torne uma real attracção.

Moving Picture World.

Melodrama muito bem feito este ultimo film de Norma.

Motion Picture News.

Indubitavelmente este film se fará popular pelo excellente desempenho de todos os papeis.

Exhibitor's Trade Review.

E' por meio de films como este que Norma Talmadge se tornou em pouco tempo uma das mais queridas estrellas do cinema.

Exhibitor's Herald.

— E por que fizeste tudo isto?

O homem apanhou sobre a mesa os cigarros e lançou a pergunta, quasi com veneno.

Da sua cadeira baixa, junto á janella, Inga sorriu com meiguice.

— Por gratidão, — respondeu.

— Pois tens um modo de a demonstrar bem extranho, bem desnecessario, direi mesmo!...

Não se alterou a serena expressão do rosto de Inga.

— Tenho pena que o senhor assim pense, — disse. — O modo de que me vali talvez não fosse o mais proprio, mas fiz o que na occasião me pareceu melhor. Eu tinha que resolver promptamente. Quanto á desnecessidade, creio bem que não penso como o senhor...

— Ah, sim? E quaes foram as tuas razões?

— O senhor bem as conhece, Sr. Garford.

— Mas quero ouvil-as de novo!

E a sua voz assumiu um tom de escarneo, como se elle antecipadamentte désse ao desprezo quaesquer razões que ella lhe pudesse apresentar.

Inga sorriu ao mesmo tempo com os olhos e com os labios. Para ella, Garford era uma creança machucada, uma creança doente, e como tal cumpria satisfazer-lhe os minimos caprichos. Ella o estava tratando ali, em sua casa, e devia pois satisfazer os seus desejos, mesmo a titulo de dever de hospitalidade.

— O senhor tem pouco por norma gostar que se lhe repitam as cousas, — accentuou,—que se lhe repita cousa nenhuma... mas eu nunca me cansarei de repetir tudo isto... tudo isto que o senhor fez por mim. Foi dahi que me veiu a sympathia que hoje sinto por todos os homens... Foi isso que me insufflou de novo a fé quando eu estava prestes a perdel-a... Foi isso que me deu a doce força... de amar...

— Como amas Terry Castello? — fez Garford, interrompendo-a bruscamente.

Avivaram-se os olhos de Inga.

— Sim, como amo Terry Castello. Decerto, — confirmou. — Mas isso me faria perder o fio do que lhe ia dizendo. Olhe: lembre-se? Eu vim a si, ha tres annos, um simples modelo, sem grande sympathia, sem confiança, sem grande fé, nem em mim mesmo, nem em ninguem. Vinha... vinha até faminta, apprehensiva, assustada! O senhor era rico, cheio de glorias, occupado, occupado em extremo... Entretanto não se importou de deixar tantas vezes o seu trabalho, — tantas! — para me ensinar um sem numero de cousas que eu não sabia... E apresentou-me a todos os seus amigos, com uma palavrinha de recommendação, de elogio a meu respeito... Teve tempo ainda de interromper o trabalho que estava fazendo e de concluir esse meu retrato que me fez celebre: o meu retrato, vestida de freira.

— Retrato que me fez celebre, tambem a mim... incidentemente! — interrompeu Garford, com seccura.

Inga abanou com a cabeça, a protestar:

— O senhor já era celebre, meu amigo, e o beneficio foi todo meu! Graças a esse retrato, fiz-me conhecida, ganhei meios de fazer dinheiro, de *me* fazer. Depois disso, foram os seus auxilios pecuniarios que me permittiram fazer o meu curso...

— Auxilios esses de que tu me embolsaste, que tu fizeste questão de me pagar... até o ultimo ceitil.

— Mas o que nunca poderei pagar, é a espontaneidade, a bondade de tudo isso! — disse a rapariga, com os olhos banhados de lagrimas, pela recordação do passado.

— Depois, por fim, o contracto com a revista, que o senhor me arranjou, e eis-me de repente uma illustradora em voga, cheia de glorias.... e cheia de gratidão!

— Entretanto... a noite passada... — disse Garford — por pouco não atiraste tudo isso ás ortigas para soccorreres um homem que fôra á tua casa bebado a cahir, que te insultou pela sua presença... por pouco não malbarataste o respeito da sociedade eminentemente respeitavel que te rodeava... por pouco não semeaste a desconfiança no coração do homem que amas... E tudo isso... tudo isso... só por gratidão?

— Decerto, — affirmou Inga. Poz de parte o esboço que estivera fazendo, e dirigiu-se ao divan em que elle passara a noite. Outr'ora ella não se atreveria a falar-lhe assim, a feril-o assim no seu amor proprio. Mas esse, não existia mais: jazia despedaçado aos pés delle. Por certo alguma cousa ferira Garford cruelmente. Saltava aos olhos: aquelle escarneo... aquelle rictus sardonico... aquella embriaguez da noite passada... aquelle arcabouço gasto... aquelles olhos sem luz — porventura não proclamava tudo? Quem lhe fizera tudo isso?

Perguntou-lh'o, affagando-lhe a fronte com a ponta dos seus dedos macios. Durante longo tempo, houve um silencio. Inga sentia-o a batalhar com a reserva de que usara até aqui, como de uma parede, uma barreira, levantada entre elle e o seu pudor de homem. Depois, Garford, começou a falar lançando as palavras aos saccões, destacadamente, fragmentariamente.

— Sabes que fui casado... — começou como se se accusasse—Casado e loucamente apaixonado... loucamente apaixonado por minha mulher. Extranho, não é verdade? E o ciume que eu tinha della!... Odiava os olhos dos outros homens quando se pousavam nella; as mãos dos outros homens, se lhe tocavam; os pensamentos dos outros homens, se convergiam para ella. Sentia que se um dia visse outro homem beijal-a, enlouqueceria... ou morreria decerto. Todas as noites, antes de me deitar, pedia a Deus que me poupasse tão intoleravel provação. Mas Deus... mas Deus não quiz. Uma noite regressei do "atelier" á casa, extraordinariamente contente. Ella tinha sido affectuosa para commigo de manhã, e era a vespera do nosso anniversa-

Na casa de opio.

rio de casamento. Não me falara nisso de manhã, e eu imaginava que ella guardara silencio porque pensava que eu não me lembrava, e não queria talvez parecer indelicada. Mas era ella que tinha esquecido. Ao voltar á casa, essa noite, comprei rosas de noivado, grandes braçadas de rosas. Queria encher-lhe o quarto dellas, pol-as sobre a nossa mesa, vel-as no seu seio. Em caminho, fui cantando trechos de canções conhecidas. O que mais repeti, creio que foi o "refrain" de uma canção que tu tinhas cantado naquelle dia em que me vieste falar, á tarde. A tua visita daquelle dia, tenho-a bem presente... ainda. Extranho tambem, não achas? Pois bem: cheguei finalmente a casa, mais cedo do que de costume, consequencias da minha anciedade de vel-a. Entrei devagarinho, no intuito de lhe causar surpresa. E surprehendi-a de facto: estava nos braços de outro homem qualquer que eu mal conhecia. Era o seu amante e ella prodigalisava-lhe os mesmos carinhos que já me dispensara a mim. O tom de sua voz era o mesmo; o enleio dos seus braços tinha a mesma meiguice; a luz que lhe illuminava o rosto era a mesma luz que, a mim, me havia refeito o mundo. Pensei nessa hora no titulo "Aurora Falsa"...

Supponho que perdi a cabeça, supponho que me deixei arrastar a um desvario de louco. O que sei, de certo, é que me puz a gritar, que despedacei cousas que me vieram ás mãos. Sei que vi tudo negro, tudo rubro, e que por entre o redemoinho das cores assassinas que me velavam a vista, percebi o seu rosto branco e desdenhoso. Senti-lhe esse desdem, senti claramente, em meio á minha colera, que ella não me amava, nunca me tinha amado, nunca me havia de amar! Senti tambem que ella não amava esse homem que eu vira sobre o seu regaço, nem amaria nunca homem algum. E este pensamento, cousa singular, era o mais torturante de quantos me assaltavam. Suprema futilidade! Disse-lhe que nunca mais a tornaria a ver, e de facto — a voz apagou-se-lhe, sumiu-se-lhe na garganta — e de facto nunca mais a vi!...

Os dedos de Inga, tensos durante o tempo que elle falara, voltaram a affagar delicadamente a fronte de Garford. Por algum tempo ella conservou-se calada, mas depois, com muita calma ponderou:

— O senhor não se deve deixar excitar, sob pretexto algum, meu caro amigo. Assim o recommendou o medico terminantemente. Foi por isso que o conservei aqui. E o senhor, por emquanto, ainda não está restabelecido.

Garford levantou-se e accendeu outro cigarro.

— Tu falas bem, — disse o artista quasi rythmando as syllabas — Falas bem... sempre falaste bem. Mas és uma mulher... e não é preciso dizer mais. Na mulher, não ha gratidão, não ha gratidão, que eu bem sei. De todo o modo, muito, muito agradecido por tudo quanto fizeste.

E Garford desappareceu.

Tarde, naquella noite, Terry e Inga, depois do trabalho, ficaram longo tempo a contemplar as curiosas formas e desenhos que a sombra punha em torno da immobilidade espectante, da paciencia quasi consciente, da cidade. Eram ambos de pouco falar pois, identificados pelo seu trabalho de illustradores, como pelo profundo amor que os unia, quasi sempre, tinham mais o que dizer do que tempo em que o dissessem. Mas nessa noite tinham tido uma longa conversação, a principio amarga de parte de Terry, mas finalmente conciliadora, concorde, por parte dos dois.

— Tudo veiu de um erro de apreciação meu, Inga, — dissera o mancebo — Calumniei-te, se assim o posso dizer, pois não me acudiu como devera, conhecendo-te, que uma mulher podia ser tão corajosamente audaciosa, tão corajosamente meiga para com um homem a quem a ligava apenas gratidão. Eu pensava que as mulheres... que as mulheres **só** faziam cousas assim... por amor!

— Num certo sentido é por amor que as mulheres fazem cousas assim: por amor de toda a humanidade, por um amor maternal a todos os homens que sempre deriva do amor de cada uma dellas por um homem unico. Eu não podia fazer o que fiz, mesmo com os motivos que tinha, se não fosse o meu amor... por ti!

— Amas-me então de verdade, Inga?

A rapariga não lhe respondeu, mas o sorriso que ali no segredo da sombra, lhe aflorou aos labios, era resposta sufficiente. Passado algum tempo ella disse:

— Eu posso conferir uma generosa sympathia a todos os homens, mas o meu amor, só o posso dar a um. E' esse o meu caracter: extremada e decidida em tudo.

No dia seguinte ao de sua conversa com Terry, Inga foi procurar a esposa de Garford que ainda vivia na casa um tanto sumptuosa que os dois haviam habitado durante o pouco tempo da sua vida em commum. Era de facto sumptuosa, reflectiu Inga, aguardando demasiado tempo que a senhora Garford a recebesse. Mas como essa sumptuosidade devia chocal-o! Inga conhecia-lhe a sensibilidade delicada, a sua reacção quasi dolorosamente autoritaria contra as cores e formas, e maravilhava-se de como elle pudera supportar a anarchia daquella associação de cores, a desordem tumultuosa com que se agrupavam as cousas naquelle interior. Não era nada para elle ou melhor era tudo quanto havia de mais antagonico com a sua pessoa. Como elle devia ter soffrido ali dentro, e soffrido sub-conscientemente, — a forma de soffrimento mais agudo que se conhece!

Quando a Sra. Garford penetrou finalmente na sala, Inga teve a mesma curiosa impressão que a casa lhe causara... Havia nella excesso de cor e as cousas reuniam-se na sua pessoa, de um modo desencontrado, positivamente absurdo. E de novo Inga sentiu que por causa della, a despeito do amor que fervorosamente imaginara por ella, Garford devia ter soffrido, e soffrido horrivelmente. Fôra aquella casa theatro de um vandalismo sem nome, pensava Inga. Por mais que elle se houvesse considerado ferido, pensara-o decerto mais do que o sentira. Ao demais, Inga sabia que um homem do typo esthetico de Gar-

Trabalhando pela cura do pintor.

(*Termina no fim da revista*)

O contrario do mal

(JUST AROUND THE CORNER)

Film Cosmopolitan — Paramount — Producção de 1922

DISTRIBUIÇÃO

Mamãe Birsdong........................	MARGARET SEDDON.
Jimmy Birsdong........................	LEWIS SERGENT.
Essie Birsdong........................	SIGRID HOLMQUIST.
Joe Ulhman........................	Edward Phillips.
O desconhecido........................	Frederick C. Thompson.
Lulu Pope........................	Peggy Parr.
A Sra. Finschreiber........................	Mme. Rosa Roseva.
O Sr. Blatsky........................	William Nailly.

—o—

OPINIÕES DA CRITICA

Drama de entrecho humano, estudo muito bem feito da vida familiar no Leste.

Moving Picture World

Mixto de humor e interesse sentimental.

Exhibitor's Trade Review

Estudo de amor materno, novella de Fannie Hurst, direcção de Frances Marion.

Film Daily

Historia intensamente emocionante.

Motion Picture News

Outro film em torno do sentimento maternal. Não é tão bom como "Humoresque"; melhor entretanto, do que muitos outros feitos sobre esse assumpto.

Exhibitor's Herald

—

A despeito do abatimento do seu espirito, do cansaço corporal com que acolhia cada novo dia; a despeito d'aquelle coração doente que, ao menor esforço a deixava arquejante e livida, Mamãe Birsdong tinha duas boas razões para se apegar á vida. E essas duas razões eram nada menos que seus filhos, Essie e Jinmy. Desde que o pae morrera, Jimmy tomara sobre si a responsabilidade da pequenina casa, e procurava proteger sua mãe contra as mil apprehensões d'aquelles que vivem na pobreza, ao mesmo tempo buscando evitar que Essie, um pouco mais velha do que elle, incorresse nos mesmos erros de que elle accusava as amiguinhas de sua irmã. Certo era que o dinheiro que elle ganhava como estafeta não chegava para prover de grandes luxos o lar da familia, mas mesmo assim, sempre que alguma gorgeta eventual não era essencial ao pagamento das contas da semana, ella seguia invariavelmente para a loja do florista, a troco de uma bonita rosa, destinada á mãesinha. O clarão de alegria que afogueava as faces descarnadas da velhinha, ao acceitar a singela offerenda do rapaz, era para Jimmy ampla recompensa da noite de cinema que elle assim de bom coração sacrificava.

O futuro do rapaz não era cousa de preoccupações para a Mãe Birsdong, mas a idéa de Essie — bonita, jovial, amante das coisas finas como era — privada da refreiadora influencia materna, era para ella motivo de muitas e muitas horas de anciedade. Agora mesmo, a vivacidade da rapariga, aquelle "que" que a differençava de todas as outras que naquella loja do andar terreo se consumiam, como ella, a fazer flores para os chapeus das senhoras que moravam n'aquellas casas de esquina, eternamente fechadas, agora mesmo, esse não sei que havia chamado sobre Essie as attenções do chefe da officina. Uma noite, ao passar á porta da officina, caminho de casa, Jimmy não a encontrou alli á sua espera, como de costume.

— Onde está minha irmã? — perguntou a uma das mulheres que, apressadamente, se retiravam.

— O chefe mandou-a chamar, — disse por sobre o hombro a interrogada, sem se deter em seu caminho.

Jimmy encostou-se á hombreira da porta e esperou por alguns minutos.. Depois, porém, mais pela lembrança da mãe que tinha o jantar quente á espera d'elles, do que porque lhe inspirasse qualquer temor a segurança da irmã, desceu os degraus, e abrio a porta da officina. Ainda antes que os seus olhos tivessem tempo de se habituarem sufficientemente á luz velada do interior para poderem distinguir as figuras, chegou-lhe aos ouvidos, n'um quebrado soluço, a voz de Essie, a supplicar a alguem que a deixasse ir. Um segundo depois, já a moça, aterrada e tremula, estava a seu lado, pedindo protecção.

— Mas que atrevimento é este seu, de conservar minha irmã, aqui dentro, depois das horas do trabalho? — perguntou Jinmy ao individuo que agora apparecia nitidamente, á claridade que jorrava pela porta aberta.

— Olha, garoto, vae-te embora e não te mettas na minha vida, senão... — disse o mestre, acenando um gesto de aggressão. Jinmy não se teria importado de se oppor ao seductor no terreno que a este melhor aprouvera, mas afinal Jinmy era apenas um garoto e a sua melhor segurança consistia em retirar-se com a irmã.

— Mas, Jinmy, olha que eu tenho dois dias de trabalho a receber, — lembrou a moça, depois que Jinmy a levou, de roldão, até ao alto da escada.

— Deixa estar que eu me encarrego de os cobrar! Pensas acaso que eu tenho medo delle? — disse para tranquilisar a irmã. Um olhar, lançado porém á officina sombria, fel-o mudar de resolução.

— Está bem. Não te apoquentes, maninha, — disse a confortal-a.—Conto que hei-de ter algumas gorgetas gordas esta semana. Uma cousa dará para a outra... E mamãe nem precisa saber...

N'essa mesma noite, Lulu Pope, uma nova amiga de Essie, uma d'aquellas raparigas que todas as mães receiam, appareceu em casa dos Birsdong para se alliviar da grande noticia:

— Sabes, Essie? — começou depois de se ver a sós com a irmã de Jinmy, no quarto d'esta. — Arranjei-te um emprego de primeira, um emprego que não tem comparação com aquella pinoia da officina...

— Mas eu não estou mais lá; despedime esta noite, — disse Essie.

— Pois melhor, — retorquio a amiga — ao menos, assim, estamos livres de que a tua familia levante qualquer objecção. Não vês que uma das raparigas lá do theatro fugiu de casa a noite passada para se casar, e eu pedi ao chefe que te cedesse o logar d'ella...

— Pois se é aquella pequena que estava a fallar comtigo ante-hontem, podes trazel-a. Boa pinta, ella tem!... disse-me o chefe.

— Então, sou ou não sua camarada de verdade? — proseguio — E isto é só metade: a outra metade lá vae agora!

Puxou do bolso uma photographia de um rapaz de pouco mais de vinte annos, com o cabello todo puxado para traz, e uns olhos que pareciam proclamar: "Eu possuirei o mundo!" — o verdadeiro typo de um galanteador jovial.

— Papa fina, hein? Chama-se George Ullman, e já lhe fallei muito de ti. Sómente, para te conservares num emprego d'es-

O bello Joe Ulhman, o querido das moças.

tes, precisas embonecar-te um pouco mais. As raparigas lá do theatro são todas "chics" como umas francezas! Mas não te dê isso cuidado: o essencial não te falta; do que tu precisas, é só de um pouco de verniz, e isso fica por minha conta!...

N'um gesto rapido, Lulu apanhou os cabellos d'oiro que faziam uma moldura infantil ao rosto de Essie, puxou-lh'os para traz, reunio-lh'os n'um coque opulento, ao alto da cabeça.

— E agora vamos até ao Delles, — disse ageitando um caracol na testa de Essie, pondo-lhe dois outros, um de cada lado do rosto, sobre a orelha.

— Estás um verdadeiro lirio, — proseguio — mas isso de lirios, bem sabes, são flores que só tem grande extracção nas ceremonias funebres!... O que se querem, são rosas! — disse, com a sua grosseira philosophia, ao mesmo tempo que animava pelo "rouge" as faces de Essie e lhe carminava os labios. — Agora um pouco de "noir" nas sobrancelhas, e estás nova e linda! — concluio manejando o lapis com vigor.

Effectivamente, a mãe Birsdong, quando vio a filha entrar na sala, um minuto depois, pensou que fosse outra rapariga.— Mas o — Mas, Essie... — que ella chegou a tentar, foi suffocado pela febril torrente de palavras que a filha pronunciava.

— Ah, mamãezinha! — exclamou Essie — Se soubésses que tétéia de emprego Lulu me arranjou, no theatro onde ella trabalha! Começarei a trabalhar desde amanhã á noite. Vou ganhar oito dollars por semana, e ainda terei os dias livres para te ajudar, aqui em casa.

— Não queiras esse emprego! — aconselhou a mãe. — E' trabalho de noite, e tenho medo!

— Ah, mamãe! E' uma occasião como nunca mais me apparece! Por favor não m'a faças perder — supplicou Essie, já com as lagrimas a aflorar-lhe aos olhos.

— O que é isto, menina? ú perguntou a Sra. Birsdong, tocando as faces e labios da moça, pintados de carmim.

— Foi Lulu que disse que é preciso, lá no theatro, embonecar-se um pouco, e que todas as moças que lá trabalham são "chics" como francezas!

— Ah, se vocês soubessem a raiva que eu tenho d'aquellas porteiras!... — disse Jimmy — Pretenciosas como só ellas!...

— Jimmy tem razão, minha filha, — confirmou a mãe. — Não é só o carmim: é aquillo que d'ahi te pode resultar!

— Ah! o mundo está cheio de ingratos! — commentou Lulu, retirando-se da sala.

Mas, mais tarde, Mãe Birsdong poz-se a reflectir. Quem sabia se não era ella que era antiquada e rotineira? Afinal que mal podiam fazer raparigas como Lulu? Além d'isso, Essie precisava fazer carreira, e a officina não era precisamente logar que conviesse a um temperamento nervoso e agitado como o della! De resto, se ella tinha que sujeitar-se a experimentar um novo modo de vida, arriscado embora, melhor era que o fizesse emquanto ella era viva e a podia amparar pelo seu conselho. E assim, finalmente, a Mãe Birsdong deu o seu consentimento, e Essie passou a ser uma das "ouvreuses" do theatro Regent.

Joe Ullman teve occasião de verificar então que Lulu não pintara a sua amiga com côres por demais lisongeiras. Ao contrario, não lhe fizera a devida justiça. Era uma rapariga que qualquer rapaz se sestiria orgulhoso de levar a um baile, na sua companhia, e desvanecia-se por o haver Lulu escolhido para representar o papel do mortal feliz.

Quando Jimmy se propoz a ir buscal-a, cada noite, á sahida do theatro, topou com uma formal e vehemente recusa.

— Não é costume nenhuma das raparigas ser esperada pelo seu irmão, á sahida, — disse-lhe Essie — Todas ellas tem rapazes que são seus camaradas...

— E porque não hei-de ser eu o teu camarada? — perguntou Jimmy. — Acho que já tenho idade, não é verdade, mamãe? Ainda esta manhã me barbeei...

— Barbeaste o que, pequeno? As sombrancelhas?... — retorquio a irmã —Não, tu ficas em casa, com mamãe. Um camarada de Lulú combinou esperar por mim, e trazer-me depois á casa.

Comquanto, em casa dos Birsdong, Joe Ullman fosse apenas um nome, era uma entidade real, muito real, para a linda Essie. Especulando nos bilhetes, cambista em grosso, ganhava nesse negocio mais do que nenhum rapaz dos que ella até então conhecera, e o que ganhava, gastava-o, o mais descuidosamente que era possivel. No caminho de casa, havia sempre uma pequena ceia, o que demorava muito a chegada de Essie, na opinião dos dois que, olhos fitos no relogio, não os cerravam senão depois do seu regresso.

— Porque não trazes Joe cá a casa, alguma noite? — perguntou a Essie sua mãe, á segunda semana d'ella estar no emprego. — Prepararei uma boa ceia, e tenho a certeza que lhe ha-de saber bem a nossa comida cazeira!

Essie communicou o convite a Joe que o acceitou para a noite seguinte.

— Venham commigo esta noite ao Jardim das Papoulas, — tu e Joe, — disse Lulu, no momento em que as raparigas depois do espectaculo, despiam o uniforme.— Tem lá uma musica esplendida, e uns pratinhos... de tres assovios!

— Não, esta noite não. Joe vae commigo para casa. Quero apresental-o a mamãe e Jimmy, que o não conhecem, — respondeu Essie.

— E agora vamos um pouco depressa, porque mamãe com certeza já tem tudo prompto e quentinho á nossa espera, — disse Essie, enfiando o seu braço no de Joe, á sahida do theatro.

— Não, temos que parar aqui primeiro, — disse-lhe Joe, entrando na porta de um restaurant proximo.

— Mas hoje, não temos tempo, Joe, — allegou Essie — Mamãe tem tudo prompto á nossa espera, e olha que ella é uma cozinheira como poucas!

— Mas Essie, por certo não queres que eu me apresente a tua mãe sem ter tomado a minha chicara de Java, — insistiu Joe. — Nervoso como estou, nem lhe saberia fallar!...

E a despeito do seu desejo de regressar á casa quanto antes, Essie consestiu em ser levada ao restaurant, onde o calor do ambiente, o resplandecer das luzes, a musica, e a presença de Joe, não tardaram em a fazer esquecer tudo o mais.

— Essie Birsdong, — que nomezinho exquisito, — observou Joe vendo as faces da rapariga avivarem-se e os seus olhos fulgurarem de animação.

— Mas algum dia terei que mudar de nome, não é verdade Joe? — perguntou, encostando-se muito a elle.

Joe não queria porém ser arrastado a nenhum compromisso sério.

— Olá, rapaz! — disse Joe ao chefe da orchestra — Chispa um bom "jazz"! Isso de valsas é por demais sentimental, para estas horas!...

— Dá um pulo lá acima, só para dar boas noites a mamãe e Jimmy, — insistio Essie quando, duas horas depois, chegaram á porta de sua casa.

— Esta noite não, téteia! — replicou Joe. — Que idéa faria tua mãe de mim, se eu a fosse visitar a estas horas! Amanhã, amanhã á noite, sim?

— Sem falta, Joe? — perguntou Essie.

— Sem falta! — repetio Joe, dando-lhe as boas noites.

— E Joe, onde está? — perguntiu Jimmy, mal Essie assomou á porta da sala.

— Tem muita vergonha, e não quiz subir, mamãe, — respondeu Essie, sem fazer caso do irmão.

— Tem vergonha? Qual historia? Os homens d'aquella marca não sabem o que isso seja! — replicou Jimmy, com desprezo.

— Mas virá amanhã á noite, com certeza, — affirmou Essie.

Na noite seguinte, porém, Jimmy allegou um compromisso importante, de caracter commercial.

— Ficará para amanhã á noite, impreterivelmente — prometteu de novo — e leva-

Mamãe Birsdong e seus filhos.

remos á velha um d'aquelles pães recheados de ostras... Está combinado?

— Mas porque não sobes um minutinho só, esta noite? — supplicou Essie — Mamãe com certeza ha-de extranhar...

— Não, hoje não é possivel, juro-te. Este compromisso que tenho importa em dinheiro, e sabes bem que Joe tem que tratar de ganhar dinheiro. Senão,, como ha-de elle poder fazer honra á sua bonequinha?

Na sombra da porta, cerrou a rapariga nos braços e beijou-lhe os labios rubros. Esse beijo despertou dentro d'ella o que quer que foi que ella jamais sentira e que ainda se reflectia em seus olhos, quando ella abriu a porta do aposento que habitava a familia.

— Sempre o mesmo envergonhado, — disse, antes que a Sra. Birsdong a interrogasse. — Além do que, tem hoje uma entrevista commercial importante. Amanhã, porém, não deixará de estar aqui comnosco!

— Dize-me uma coisa, — perguntou a Mãe Birsdong — Elle já alguma vez te fallou em casamento?

— Não, ainda não, mamãe, — respondeu a moça.

— E tu consentes que elle te beije? — proseguio a Sra. Birsdong.

— E como é que tu sabes? — perguntou Essie, surprehendida demais para poder negar.

— O que é que as mães não sabem! — respondeu a velhinha.—Mas agora, has-de-me prometter, Essie, que não tornarás a deixar que elle te beije sem que elle te peça para seres sua mulher, sim?

Córando, Essie prometteu.

Na noite seguinte havia um concurso de dansa, a que servia de premio um estojo de manicura.

— Ah, não podemos faltar, meu amor— disse Joe, ao sahir do theatro.

— Mas hoje, não — supplicou Essie: temos que ir para casa.

— Olha, sabes o que vamos fazer? Vamos entrar um momento, ganhamos o premio, e leval-o-hemos á velhinha de presente, — disse Joe.

— Mamãe parecia que ia ter uma das suas crises quando eu sahi de casa, — disse Essie mais tarde, no correr da noite. — Parece-me muito reprovavel que eu esteja aqui dansando, estando ella a passar mal.

— Vamos, vem d'ahi, boneca, e deixa-te de ser tola! — disse elle rindo, e arrastando-a a dansar mais um "fox-trot".

Entrementes, em casa, Mão Birsdong, atravessava de facto mais uma de suas crises, uma crise causada pelas repetidas recusas que Joe oppuzera a ir a sua casa, com a filha.

— Ah, Jimmy, — disse quando as dores lhe permittiram finalmente fallar. — Sabes o que eu queria? Era ver o namorado de Essie. Vendo-o, eu logo saberia se as intenções d'elle são boas ou más!

— Ah, elle ha-de vir esta noite, — acudio o rapaz a confortal-a. — Tenho esse presentimento.

— Achas que elle quer bem a Essie, de verdade? — proseguio a pobre mãe.

— Creio que sim, — respondeu Jimmy. — Elle que não venha esta noite, para vêr se eu não lhe arranco a cabeça!

— Acho que se elle não viesse esta noite, eu não resistiria, Jimmy! — murmurou a velhinha, voltando a encostar a cabeça áo travesseiro.

E Jimmy deu-lhe is remedios ás horas marcadas, contou-lhe as anedoctas mais engraçadas que sabia, cantou-lhe as suas mais alegres canções, pois sentia no coração uma oppressão que jamais sentira, um nó na garganta que não lhe permittia engulir, e no seu intimo parecia ouvir uma voz que, independente da sua vontade, murmurava: — Deus bom! Não a deixes morrer! Não a deixes morrer!

Depois, Mãe Birsdong levantou a cabeça e ciciou ao ouvido de Jimmy, como se fosse uma reza:

— Deus permitta que Joe seja resistente e forte como era teu pae, como tu vaes ser tambem, Jimmy. Mas que é isso, Jimmy? Estás chorando? — perguntou ao sentir molhada uma das mãos que pousara no rosto do rapaz.

— Chorando, eu? Qual, chorando! — respondeu Jimmy, com firmeza.—Foi neve que me cahio nos olhos e que se está liquefazendo agora!

— E Jimmy: has-de sempre tomar conta de Essie, sim? — perguntou.

— Eu tomarei conta d'ella, e tu tambem, — respondeu o rapaz, procurando rir. — Por esse lado, fica descansada que um dia destes hei-de ganhar uma fortuna que ainda te ha-de permittir ter perolas e brilhantes, mamãe!

Essie e Joe não haviam ganho a esse tempo o concurso de dansa. Estavam os dois a caminho de o ganhar quando um dos pés de Joe ficou preso a um pedaço de gomma que um folião qualquer atirara no soalho, assim subvertendo as suas probabilidades de victoria e a calma do seu temperamento.

— Se duvidarem, ainda me pregaram ahi nas costas algum numero azarado! — exclamou de regresso ao seu logar. Essie tirou-lhe o numero que lhe fôra distribuido e que Joe só então vio: o 13!

— Eu já sabia! — disse elle.

— Agora tens que entrar, ao menos para assomares á porta e mamãe ver que tu realmente existes! — insistio Essie quando chegaram á casa.

— Mas não vês que tua mãe me tomaria por algum vagabundo se me visse apparecer como estou, com este collarinho feito em papas! — respondeu.—Amanhã á noite, porém, bonequinha...

— Sempre, sempre amanhã á noite! — atalhou a rapariga, rubra de colera. — E com essa eterna promessa, não tens cessado de me mentir! Mas, agora, acabou-se, entendes? Entre mim e ti, está tudo acabado, e para sempre, ouviste?

Com uma sacudidella de hombros, Joe vio-a separar-se d'elle e correr escada acima, e assoviando a cançoneta da moda, poz-se a caminho do bilhar mais proximo.

No momento em que Essie abrio a porta, percebeu que alguma cousa se passava de anormal. E nem ousava ter coragem de abrir a cortina que dava para o quarto de sua mãe, com medo do que alli pudesse avistar. Inconscientemente, tirou o chapéo e o casaco. Nesse momento, no quarto da doente, fez-se ouvir a voz de Jimmy:

— Espera ahi com o teu companheiro até que mamãe tenha recobrado a respiração.

Um instante depois, o irmão estava a seu lado.

— E então, o miseravel? Onde é que elle está? — sibilou a voz de Jinmy aos seus ouvidos.

— Corre a chamar o medico! — supplicou Essie, os olhos transmudados pelo terror, fixos no rosto livido que agora se percebia no quarto, tibiamente illuminado.

— Não é de medico que ella precisa: é de ti e desse indigno, desse villão que tu tens por amigo! — respondeu o irmão — Vae buscal-o depressa e não me voltes sem elle, ouviste?

E então a voz da mãe Birsdong elevou-se no quarto distante, tão fraca que mal se fazia ouvir:

— Onde está Joe?

— Está esperando lá em baixo, mamãe, —respondeu a moça — Eu vou buscal-o.

Sem se deter á procura de nenhum abafo, Essie transpoz as escadas e precipitou-se para a rua coberta de neve. Sabia que bilhar Joe frequentava e estava certa de que o encontraria alli. Todos os presentes se tomaram de espanto ao vel-a entrar, mas ella só vio Joe que se debruçava sobre uma das mesas:

— Jimmy, estou arrependida do que te disse, — declarou arquejando.—Mamãe... Mamãe está morrendo... e quer ver-te por um minuto!

— Está morrendo? Pois deixa-a morrer!... O defunto não é meu... Portanto, que tenho eu com isso? — respondeu grosseiramente o cambista, sem levantar os olhos do bilhar.

Despertada do seu sonho, Essie reflectio por fim que estava a ponto de defender a unica grande amizade que tinha na terra,

(*Continúa no fim da revista*)

A volta ao lar.

Uma superproducção da Paramount

Falar nas producções da Paramount é fazer-lhes o elogio, porque mesmo a producção média, commum, de programmação ordinaria dessa marca é muito melhor do que o offerecido por suas concurrentes. Um film sem *réclames*, destinado a ser mostrado ao publico durante dois ou tres dias nos cinemas de primeira classe é sempre muito superior aos annunciados como *extra*, de outras fabricas.

E assim succedendo com os ordinarios chega-se á conclusão de que quando a Paramount classifica um dos seus films como *extra*, realmente se trata de uma obra prima cujo valor ninguem discute, pois que é da categoria das coisas indiscutiveis.

E' desse genero o film *A porta do paraizo* — film Paramount — direcção de Cecil B. de Mille e interpretação de Dorothy Dalton, Mildred Harris, Julia Faye, Jacqueline Logan, Conrad Nagel, Theodore Kosloff, Clarence Burton, Guy Oliver, etc., que os cinemas AVENIDA e IDEAL começarão a exhibir na proxima segunda-feira, 9 de Outubro.

Ha neste, como em todos os films dirigidos por Cecil B. de Mille, uma nota de luxo, unida agora ao exotismo. Um dos grandes attractivos do film são os bailados siamezes em que algumas das principaes bailarinas do palco norte-americano figuram. As posições hieraticas, os movimentos estudados e sabiamente combinados, o luxo dos vestuarios, rigorosamente asiaticos, tudo faz com que essa parte do film esteja destinada a um formidavel successo de curiosidade.

O argumento se desenvolve nesse meio theatral, tão fertil em surpresas, nesse ambiente em que muitas vezes sob os dramas exhibidos á luz da rampa se occultam outros, bem mais pungentes, da vida real.

A porta do paraizo, vae ser innegavelmente um dos maiores successos da estação cinematographica de 1922 no Brasil. O *Exhibitor's Herald*, de New York, ao fazer a critica desse film classificou-o como *the magnificent production of Cecil B. de Mille*. Quem se habituou a admirar as obras primas desse extraordinario director que tamanho successo tem obtido entre nós, como em todo o mundo, decerto não perderá o ensejo de ver esse trabalho, classificado como o melhor que elle tem feito até aqui.

Um grande amor

(HER STURDY OAK)

Film Realart — Producção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Violet White.......	Wanda Hawley.
Samuel Butters.....	Walter Hiers.
Belle Bright........	Sylvia Ashton.
A Sra. White......	Mayme Kelso.
Archibald Melão....	Leo White.
O rancheiro........	Frederick Stantors.

OPINIÕES DA CRITICA

O novo film de Wanda Hawley de argumento muito humorista. Grande valor como entretimento.

Morning Picture World

Diversão de valor medio.

Motion Picture News

Comedia drama cheia de situações divertidas, deve produzir boa receita á bilheteria.

Exhibitor's Herald

Quando Violet White completou os seus primeiros cinco minutos de vida, o medico que assistira ao seu advento poz-se a olhar para ella, deitada na balança, e abanando a cabeça, disse:

— Ou eu me engano muito, ou algum dia um homem amaldiçoará o dia de hoje! Ha uma expressão no olhar d'esta pequena que vaticina catastrophes!...

Se bem que no correr dos tempos fossem desapparecendo muitos dos caracteristicos pessoaes que Violet apresentara aos cinco minutos de idade, e o seu nariz evoluisse do typo-maçaneta de porta para o typo grego, e a sua pelle evoluisse de côr do açafrão para a côr do pecego, e á sua quasi completa calvicie succedesse uma farta juba côr de mel, o olhar que o medico observara continuou presente, e em ambos os seus olhos.

Aos quinze annos ella recebera a primeira proposta de casamento, apresentada pelo filho do açougueiro, e a Sra. White, uma viuva na phase dos vestidos de luto côr de alfazema, assentou que talvez a criança viesse a puxar ao ramo da familia que ella representava. Aos dezeseis, Violet recusou-se a ir á reunião da egreja em companhia do filho do boticario, que creou uma certa sensação naquella funcção festiva, beberricando a uma garrafa preta que elle suppunha contivesse veneno, mas que immediatamente se verificou ser apenas ipecacuanha.

A Sra. White assentou que Violet casaria com algum dos mais falados contribuintes do districto, e com essa idéa filiou-se á "Sociedade Litteraria", ao "Country Club" ao "Bridge Familiar", de modo a estar a geito de "grampear" a victima tão depressa ella apparecesse. Aguardava-a porém um grande desapontamento. Os unicos visitantes que de facto chegaram a Redwords durante o decimo setimo anno de Violet foram um philosopho hindu que fez na "Sociedade Litteraria" uma conferencia sobre "A belleza da pobreza", á razão de quinhentos dollars por tarde, um cavalheiro de origem hebraica que abrio na villa uma officina de passar calças a ferro, e um ministro baptista, escoltado por sua esposa e sete criancinhas.

Pouco depois de Violet completar porém o seu decimo oitavo anno, appareceu Archibald Melão, e tão depressa a Sra. White o vio subir á tribuna do club litterario, logo tratou de assentar se o acontecimento seria celebrado com um almoço de casamento, comprehendendo salada de gallinha e sorvete de café, ou se seria um jantar de casamento com a mesma salada de gallinha, mas sorvete de pistache. Archibald tinha uma cabelleira de artista que elle usava por demais longa para que pudesse merecer as sympathias dos barbeiros, e proclamava haver poucos homens, inclusive Ibsen, que mais soubessem do que elle sobre a literatura do dramaturgo scandinavo. Ao fim da conferencia — primeira de uma serie de dez que elle devia fazer — a Sra. White conseguiu ser a primeira a approximar-se delle, muito embora a esposa do director da escola de aperfeiçoamento, que tinha duas filhas para casar, se classificasse bom segundo.

Na altura do "Symbolismo de Peer Gynt", Archibald já era um assiduo visitante da casa das White, e quando veio "Hedda Gabler, um estudo do Egoismo", elle já tinha offerecido a Violet a honra de vir a ser a Sra. Melão, honra essa que, com grande surpreza delle, ella declinou.

— A razão — disse ella —é de ordem botanica: eu sou uma pessoa mais da especie das trepadeiras, e portanto com quem me devo casar, é com alguem do genero do robusto carvalho.

— Mas então, eu que sou? — perguntou Archibald, no tom de quem se sentia susceptibilisado.

Violet pintou-lhe longamente os caracóes jacinthinos, as mãos brancas e macias, os sapatos lindamente engraxados, e disse com meiguice:

— O senhor, é um desses lyrios do campo que nem duram, nem tem perfume...

Muitas lagrimas custou á Sra. White a recusa de Violet. A esforçada senhora já fizera projectos até sobre o primeiro neto que nascesse. E de repente, assim, brutalmente, arrancarem-lh'o dos braços!... Fallou então rancorosamente dos aguçados dentes das serpentes, e perguntou perversamente á filha se fazia tenção de ficar para tia.

— Não! — disse Violet ingenuamente —Creio que isso me seria desagradavel. Uma vinha trepadeira como eu precisa de alguma coisa a que se ampare. Mas não te afflijas, mamãe: com certeza encontrarei o meu robusto carvalho na proxima semana, quando visitar Mary Corruthers em Mountain View Jun.

Não ha como explicar os caprichos do amor. Assim, por exemplo, porque motivo é que um mancebo dos mais exigentes se apaixona ás vezes por uma coristinha junto de cuja "toilette" Eva estaria vestida com demasia? Talvez porque ella sabe levantar a perna ao alto e arrancar o chapéo do palhaço com a ponta do sapato? Porque será que... Mas basta! Violet apaixonou-se por Samuel Butters desde o momento em que o vio coçar a orelha esquerda com o pollegar da mão direita. Vão lá explicar!... Mas porventura teve o senhor melhores razões para se apaixonar por sua esposa?

Violeta passeiava pelos bosques quando vio Samuel pela primeira vez. Era um mancebo corpulento e nesse momento entretinha-se a escrevinhar n'um bloco, activamente. Sem attribulações de coração, a moça examinou-o e observou que a sua camisa de seda estava presa n'um dos pontos por um alfinete de segurança; no pescoço, faltava tambem um botão. Depois produziu-se o incidente já referido, e em dois tempos — zás — Violet estava apaixonada.

Ora havia razões mais que sufficientes para uma pessoa se apaixonar por Violet. O seu cabello, por exemplo era muito forte e macio, como uma névoa de ouro; os seus olhos pareciam encerrar estrellas, e a sua bocca recurvava-se aos cantos de um modo extremamente gracioso, quando ella sorria.

Quando porém o acaso quiz que Samuel Butters elevasse os olhos para ella, não foi nenhuma d'essas coisas que lhe poz o coração a bater desordenadamente, mas sim a circumstancia de que na orla rosada de uma das suas orelhas ella tinha uma verruga verdadeiramente "mignone". Foi por isso

A trepadeira e o carvalho...

que Samuel se apaixonou por ella tambem, perdidamente. Vão lá de novo explicar !...

Comprehende-se bem que não trocassem os dois a sua confissão de amor por muito tempo,—dois dias pelo menos. Durante esse periodo trocaram sim opiniões profundas sobre o estado de tempo, sobre as saias curtas das mulheres, a religião, o queijo Roquefort, os films estrangeiros, o divorcio, o Rubayat, etc. E' coisa muito de maravilhar, as suas opiniões serem concordes em todos esses assumptos !

Ao terceiro dia, como Samuel lhe mostrasse as horas que eram, Violet descobrio no interior do relogio delle um retrato de mulher, uma mulher de expressão resoluta com um pomposo bigode e cara de poucos amigos. Através do retrato, uma inscripção: "Ao meu querido poeta, a sua Bellinha".

Violet sentio que se lhe apertava o coração, mas conseguio chamar aos labios um sorriso :

— O senhor sabe ? Ninguem que o veja o supporá um poeta ! E essa senhora, é sua esposa ? Linda mulher !

Samuel córou copiosamente, e explicou, envergonhado:

— Eu sou um poeta de facto, mas ainda não fui descoberto !... Felizmente, não tenho que viver do que me rendem os meus poemas. Tenho meio-quinhão numa fazenda de alfafa, aqui perto. Bella — disse olhando tristemente para o retrato — é a co-proprietaria, ia ser uma despeza, uma maçada terrivel, de maneira que ella resolveu... isto é, resolvemos ajustar casamento um com o outro !

E suspirou de novo. Violet replicou, pressurosa.

— Comprehendo. O senhor com certeza lê-lhe as suas poesias ?...

— Absolutamente. Já tentei varias vezes, mas Bella adormece logo. Não tem sentimento litterario. As suas leituras limitam-se ás cotações de titulos e aos resultados do "base-ball". As minhas poesias, era opinião d'ella, são lorótas !...

— Lorótas !... — exclamou Violet indignada, sem se lembrar que só ha cinco minutos tinha conhecimento do vate e da sua obra — Lorótas, uma maravilha d'essas !...

— Ah, a senhora, sim, comprehende-me ! — fez Samuel tremendo com todos os seus queixos.

Como é natural, fizeram um ao outro depois d'isso a confissão melancholica dos seus amores sem esperança. A's sete renunciaram um ao outro, heroicamente, e ás dez separaram-se para sempre ! Na manhã seguinte voltaram porém a encontrar-se, e assentaram ir a Bella, e dizer-lhe tudo.

A noiva de Samuel, quando os dois chegaram, estava sentada no escriptorio da fazenda, com os seus imponentes pés pousados sobre uma secretaria, e um immenso charuto na bocca. Violet recuou com uma timidez que as circumstancias sobejamente justificavam, e supportou, através uma fenda da porta, a angustia de ver Samuel pousar-se sobre um joelho recoberto por uma saia de xadrez e ser beijado explosivamente, depois de posto de banda o charuto.

— *O meu menininho tâva com saudadinha da sua Bellinha minita ?* — indagou a dama, com uma voz de contrabaixo de corda. E logo depois, numa estupefaciente trasicção do sentimento á prova, a mesma voz :

— Aquelle maldito chinez queimou outra vez o diabo do pão ! O desgraçado do cevado preto fugiu da pocilga e comeu as batatas novas. Descobri tambem que o cachorro está minado de pulgas. Peste !

Samuel furtou-se á sua posição comprometedora, todo ruborisado. E como a sua superficie facial offerecia um campo vasto por onde o rubor se podia expandir, o seu rosto parecia uma lua cheia, quando elle fez signal a Violet para que se approximasse :

— Acho bom que vocês se conheçam ; ha... ha tanta cousa de commum entre as duas !...

Após um rapido olhar de desprezo lançado a Violet, Bella tornou a abocanhar o charuto.

— Uma mulher que não distingue um pé de milho de uma nabiça, que não differença uma Shrophshire de um Longhorn, que não tem noção, talvez, de qual seja a extremidade commercial de uma vacca !...

— Uma creatura cujas unhas nunca conheceram manicura ! Uma mulher com uma pelle de lixa ! Elegancia, nenhuma ! Uma mulher para quem um ferro de frizar é com certeza um illustre desconhecido !...

Galhardamente, Samuel procurou restituir a situação aos rigores da etiqueta :

— Meu bemsinho, — disse a Bella — dá-me licença que te apresente minha noiva !

Bella desatou a aspirar ruidosamente o charuto, emquanto os namorados expunham o intuito que os trouxéra. Ao fim, poz nas mãos de Samuel um annel do tamanho de um dollar de prata e resmungou :

— Olha: vê o que fazes, e depois não digas que eu não te avisei ! Isso de "o teu amor e uma cabana" é muito bom de dizer. Mas nos tempos que correm, mesmo os alugueis das cabanas, andam pela hora da morte !... D'aqui, receberás, como de costume 125 dollars por mez, mas creio que da tua poesia não tirarás um centavo. Versos livres!... O tal verso livre que não livra ninguem da fome !... cá por mim, prefiro o verso á moda antiga: *flor* rimando com *amor*, *casa* com *braza*, *alfafa* com *garrafa*... Mas isto é secundario. Queres a tua bonequinha de papel ? Pois leva-a, rapaz. Olha: de passagem vae ao curral ver o bode: o pirata levou a berrar toda a noite e não sei o que é que elle tem !...

Removido assim o obstaculo que vedava o caminho para a felicidade, Violet escreveu a sua mãe uma carta que teria precipitado a avisada senhora n'uma crise hysterica se no momento houvesse alguem, alli perto, a quem ella pudesse impressionar.

— Encontrei o meu robusto carvalho, — escrevia Violet n'uns gatafunhos traçados a tinta roxa — Peza trezentas libras e escreve umas poesias que algum dia nos hão-de grangear uma fortuna. Casámo-nos hontem á tarde e já temos casa montada em San Francisco, um aposento lindo, mas que obriga Samuel a entrar de banda pelas portas. Ah, mamãe, como é bello o Amor, e como está caro o *filet* de vacca ! Da tua querida filha, com outro nome: Violeta Butters.

A Sra. White escreveu a resposta á altura: "A felicidade matrimonial não se adquire a pezo, minha filha. Vale mais uma grande renda do que um marido grande. E olhe que vae ficar bonito num cartão de visita : A Sra. Butters !... Ah, se ao menos fosse "A Sra. Archibald Melão !" Isto sim ! Mas para que fallar do que não pode ser ? Mas foi pena: era um moço de modos tão captivantes ! De mim não esperes auxilio algum, e queres um conselho ? Em vez de *filet*, compra chan de dentro, que é mais barata ! Da tua mãe devotada..."

Uma em Redwords, outra na sua fazenda de alfafa, as duas senhoras aguardavam desde esse dia a calamidade vaticinada ao lar dos Butters com a resignada satisfação com que nós, humanos, antecipamos sempre a adversidade dos nossos amigos. Como porém nada occorresse, uma e outra d'ahi a pouco começou a sentir-se burlada, affrondada. Tão verdade é que facilmente se perdoa aos que naufragam e que é bem raro que se perdoe aos que triumpham... A situação das duas era perfeitamente a de quem tentasse conservar quente o perú engordado a capricho, e estivesse vendo a imminencia de ir o jantar por agua abaixo.

Precisamente ao completar-se um anno do casamento, duas mulheres tocavam á campainha encimada pela inscripção "Butters", no vestibulo de uma casa de aposentos mobiliados, em San Francisco, e voltaram-se depois uma para a outra n'um reciproco exame, com aquelle olhar audacioso de que as mulheres usam para pôrem etiquetas de preço em cada artigo de vestuario usado pelas suas semelhantes. Depois, fungaram forte, e desviaram os olhos para outro lado.

(*Continúa no fim da revista*)

Por sobre as cabeças desguarnecidas das creanças...

UM ASPECTO DA COMMEMORAÇÃO DO DIA 7 DE SETEMBRO NA CAPITAL DE SÃO PAULO

A EXPOSIÇÃO — O PAVILHÃO DA BELGICA NO DIA 1 DE SETEMBRO.

O PAVILHÃO DAS INDUSTRIAS NO FIM DAS OBRAS

Desperta, mulher!

(WOMAN, WAKE UP!)

Film da Associated Exhibitors — Direcção de Marcus Harrison — Producção de 1922.

DISTRIBUIÇÃO

Anne Clegg . . . Florence Vidor.
Monte Collins . . Louis Calhern.
Henry Mortimer . Charles Meredith

A gloria tem as suas dôres e os seus sorrisos, e fôra justamente para escapar ao pesado imposto que a gloria costuma cobrar aos seus preferidos, que Henry Mortimer fugira para as Altas Serras. Doze annos Mortimer cortejara sem exito a musa da literatura, e foi só com a publicação do seu volume *Junto ás Praias Tranquillas...* que conseguira elle afinal subjugar todo o publico intellectual do paiz e ver-se guindado á celebridade, de um dia para o outro.

Esculptor em voga desde então, começou a ser procuradissimo para festas, banquetes, recepções; e em poucos mezes, a tantas funcções dessas assistira que se sentiu exhausto, finalmente. Foi então que elle concebeu a idéa de buscar um retiro tranquillo, e acabou por ir parar a uma localidade pequenissima, por nome *Arroio Relvoso*, nas Altas Serras.

Mortimer tinha por seu melhor amigo Monte Collins, que começou a sentir-lhe a ausencia, passados poucos dias delle haver partido. Era bem singular a amizade que unia esses dois homens, tão differentes um do outro como o sol da lua. Mortimer era tranquillo, estudioso, reflectido, amigo em extremo de se retrahir. Collins, ao contrario, era expansivo, irrequieto, turbulento, odiava a tranquillidade e o estudo. Ao passo que Mortimer abominava fazer relações, gostava de se recolher comsigo, Collins só tinha prazer no contacto alheio, só se sentia bem quando o rodeava uma verdadeira multidão de gente alegre, como elle.

Assim, mal começou a sentir a falta do seu amigo Mortimer, resolveu o impulsivo Monte ir ter com elle, e para isso, obteve um aeroplano em que vôou na direcção do pequeno acampamento que installara o escriptor resolvido a "cahir de chofre sobre elle", como elle disse.

Monte, de facto, quasi cumpriu á letra o seu proposito porque o motor do seu apparelho soffreu uma *panne*, quando o aviador estava bem por cima do acampamento de Mortimer, e Collins despencou-se por entre os ramos das arvores e foi cahir, poucos metros distante da porta da barraca do escriptorio. O avião ficara feito em estilhaços, e Monte soffreu contusões que, embora sem caracter mortal, lhe custaram grandes dôres.

Casualmente, Mortimer fôra chamado á cidade para conferenciar com os seus editores, de maneira que Monte Collins teria jazido, até morrer, no local onde cahira, se não fosse havel-o encontrado Anne Clegg, uma rapariga que habitava ali perto.

Anne era uma moça activa e destemida, e mal vira a catastrophe, correra para o local onde cahira o aviador ferido, e fizera quanto estava ao seu alcance para lhe alliviar os soffrimentos. Depois, pedira soccorro e fizera-o transportar para sua casa. Felizmente, não passou muito tempo sem que elle começasse a manifestar os resultados do bom tratamento que lhe estava sendo dispensado, e finalmente entrasse em franca convalescença.

No correr do seu restabelecimento, Monte Collins experimentou uma grande attracção pela linda rapariga a quem devia a sua salvação, e a pouco e pouco sentiu que se transformava em amor o que a principio apenas fôra sympathia e gratidão.

As longas conversas que elle teve com Anne nessa phase do seu restabelecimento, puzeram-n'o ao par de que Anne nascera e fôra creada naquella região, e de que o unico conhecimento que ella tinha do mundo exterior era tão só o que lhe vinha da parca educação que lhe havia dado um velho tio.

Monte ficou encantado ao reconhecer que a rapariga era tão doce e innocente de espirito quanto de rosto e de coração, e o seu amor por ella cresceu por fórma tal que elle acabou por pedil-a em casamento.

Nos primeiros mezes do matrimonio, Monte sentiu-se extremamente feliz, mas passado esse tempo, começou a achar a vida monotona. Sempre fôra um brincalhão, um gozador da vida, sequioso de divertimentos e de risos, e as tranquillas alegrias que o seu lar lhe offerecia acabaram por enfadal-o.

Escondeu á sua esposa esse aborrecimento quanto poude, mas por fim veiu um dia em que elle sentiu que não podia resistir por mais tempo áquella monotonia, e propoz a Anne fazerem uma viagemzinha á cidade, onde buscariam novas sensações e divertimentos.

Anne, que nunca havia estado nessa grande cidade, acceitou a idéa de braços abertos, e alegremente preparou as malas e a si mesma para essa quadra imminente de contentamentos e prazeres. A principio, essa sua espectativa confirmou-se em absoluto, e Anne divertiu-se muito visitando os grandes estabelecimentos, os hoteis maravilhosos, os theatros e restaurants, mas pouco tempo depois, ella começou a observar que Monte cada vez passava menos tempo em sua companhia, e cada vez se entretinha com outras amizades frivolas e joviaes que havia feito.

Durante certo tempo, nada disse entretanto a Monte sobre o seu abandono. Um dia porém, em que elle a deixou só por muitas horas não se poude ter por mais tempo e exprimiu-lhe muito claramente o que pensava delle, por a deixar tão só numa cidade extranha como aquella.

Monte respondeu dizendo:

— Mas então porque não vens commigo? — ao que Anne replicou que assim faria, dali para o futuro.

Monte era um leviano, um irresponsavel, e assim, sem levar em conta que Anne estava com elle, foi ao mesmo logar a que tencionava ir, tal e qual como se estivesse só. Era um *cabaret* do bairro alegre da cidade conhecido sob o nome do *Moinho Vermelho*, onde se obtinha alcool á discreção, sob condição de pagar o preço exhorbitante exigido pelos proprietarios do estabelecimento.

Anne sentiu-se muito fóra do seu ambiente nesse local, e considerou tão repellente a embriaguez que clandestinamente ali se praticava como a familiaridade que parecia existir entre as mulheres e os homens *habituets* da casa. Além do que, humilhava-a não saber um só dos passos de dansa com que os outros se entretinham, não ter conhecimento algum dos assumptos que as pessoas presentes discutiam.

Quem quer que já estivesse em qualquer festa em que todos bebessem menos elle, poderia bem calcular como ali se divertiu Anne, sentada, no seu perfeito juizo, observando as outras pessoas que de hora a hora ficavam mais irrequietas e turbulentas, e continuavam sem embargo a consumir de momento a momento o alcool que lhes era offerecido.

Quasi ao fim da noite, Anne percebeu que Monte, muito meigo então, assediava com as suas attenções uma bailarina do *cabaret* que, a instancias suas, se tinha abancado á sua direita e *flirtava* com elle com a maior audacia. Estupefacta, Anne viu o marido offerecer á rapariga a sua taça de *champagne* que ella esvaziou de um trago. Nessa altura, considerou que era tempo de pensarem em retirar-se, mas não foi sem grande reluctancia que ella persuadiu Monte a acompanhal-a.

A estadia de Monte e sua esposa na cidade prolongou-se, pois Monte constantemente adiava a data do regresso do casal á sua casinha da montanha, onde o ar era puro e meigo, onde as pessoas viviam uma vida tranquilla e sã.

Por fim veiu o dia — dia importante entre todos na vida de uma mulher moça — o dia que assignalava o primeiro anniversario do seu casamento. De manhã, Anne recordara a Monte que nesse dia completavam um anno de casados, e pediu-lhe que voltasse para casa um pouco mais cedo e a levasse a qualquer parte, para que, juntos, festejassem aquella data excepcional.

Monte beijou-a com meiguice, approvou a idéa do passeio e da commemoração, e partiu de casa, promettendo estar de regresso bem cedo. Durante todo o dia, ao occupar-se dos seus affazeres caseiros, Anne não cessou de cantar, de conversar comsigo, ao mesmo tempo que mentalmente resolvia que vestido ia vestir e a que logar pediria a Monte que a levasse. Mas chegou e passou a hora de Monte regressar, sem que elle apparecesse. Anne começava a affligir-se um pouco quando o telephone tocou. Correu a joven esposa ao apparelho, e em resposta ao seu "halló!", ouviu Monte communicar-lhe que uma imprevista occupação commercial o impedira de voltar á casa e sahir com ella como projectara. A excusa já seria má se não fosse outra a culpa de Monte, mas essa culpa aggravou-se pela circumstancia de que, ao mesmo tempo que Monte lhe falava, Anne percebia os accordes barulhentos de uma "jazz band", a executar um trecho de musica obrigatorio em todos os programmas do *Moinho Vermelho*.

Anne não fez o minimo protesto a Monte, pelo telephone. Pendurou sómente o receptor e deixou-se cahir numa cadeira, a chorar convulsamente. Depois de haver chorado mais de uma hora, sentiu-se mais alliviada levantou-se e enxugou os olhos. Mulher reflectida, cogitou então de assentar o que faria, uma vez que os affectos de Monte tinham arrefecido ao ponto delle a abandonar, a enganar, e até lhe mentir.

Antes porém della haver resolvido a que directriz faria obedecer a sua conducta, de accordo com a grave situação em que se via, soou a campainha á porta, e Anne, acudindo ao chamado, encontrou Henry Mortimer. o velho amigo de seu marido,

Ora a esse tempo Anne e Mortimer eram já grandes amigos, e foi a presença do escriptor que fez que uma idéa atravessasse com a rapidez de um raio o cerebro da esposa abandonada. "Desperta, mulher", pensou de si para si, ao vel-o, e administra a Monte Collins uma dóse do seu proprio remedio!". De posse dessa excellente idéa, Anne assentou que Mortimer lhe proporcionasse o divertimento de que a privava Monte, e que se faria ver por este no correr dessas horas de falsa alegria.

Depois de trocados os cumprimentos usuaes, Anne, voltando-se para Mortimer, disse-lhe:

— Sabe que hoje é o anniversario do meu casamento, Sr. Mortimer? Monte tinha-me promettido que me levaria a festejar a data, mas infelizmente reteve-o uma occupação commercial, o que o impedirá de me acompanhar esta noite. Ora, francamente, custa-me a abrir mão dessa commemoração para que me havia preparado, e queria lhe pedir que me acompanhasse, nem que fosse sómente a jantar em qualquer logar.

— Pois não. Será com o maior prazer. Leval-a-ei onde quizer — respondeu Mortimer, penalisado por esse desapontamento da joven noiva no primeiro anniversario do seu casamento. Romancista que era, comprehendia por certo o que um anniversario como esse significava para uma mulher, e sentia por Anne uma compaixão maior do que qualquer outro homem poderia sentir.

Anne agradeceu a Mortimer effusivamente, e partiu, escada acima, a prepararse para sahir. Quando voltou, pouco menos de uma hora depois, radiante de contentamento e encantadora com o seu vestido novo, por certo expressamente feito para aquella data, Mortimer reflectiu com pasmo como é que um homem podia permittir que qualquer occupação de caracter commercial impedisse a commemoração do seu primeiro anno de matrimonio com uma mulherzinha tão encantadora como aquella.

Depois de estarem na rua, Anne disse a Mortimer que tinha ouvido falar num local, por nome o "Moinho Vermelho", onde se jantava deliciosamente, e propoz que jantassem lá. Mortimer, que conhecia pouco aquella cidade, immediatamente concordou e deu ordem ao "chauffeur" do taxi que para ali os transportasse.

Monte viu-os logo que entraram no "Moinho Vermelho", e immediatamente deixou de o seduzir o prazer que o havia feito quebrar a sua promessa á sua esposa. Mas assentou que os observaria de longe para ver o grão de intimidade em que estavam os dois. Agora que outro homem a considerava sufficientemente do seu gosto para a levar a passear, para a obsequiar na sua companhia, Anne crescera de valor aos seus olhos, e logo elle a achara mais attrahente do que nenhuma das outras mulheres que estavam na sala.

Mortimer admirou-se um pouco da especie de local a que a senhora Collins lhe pedira que a trouxesse, mas attribuiu a sua escolha á circumstancia della nunca ali ter estado e ignorar portanto que especie de café era aquelle.

Durante todo o jantar, Anne mostrou-se tão alegre, risonha e jovial companheira que Mortimer, que sempre a conhecera reservada e tranquilla, não poude deixar de se admirar. Quando porem, ao fim do jantar, ella se serviu de um dos seus cigarros, e se entreteve a fumal-o com deleite, o pasmo do escriptor chegou ao auge.

Finalmente, quando Anne e Mortimer se levantaram para se retirarem do "Moinho Vermelho", Monte, a esse tempo cego de ciumes partiu para casa, e ali chegando antes, sentou-se na escada com uma carabina, na disposição de lhes proporcionar um caloroso acolhimento. Mas Monte havia dormido pouco e dansara em demasia nas noites anteriores. Além disso a saleta que á escada dava acesco estava quente, e Monte, ainda por cima, de vez em quando pedia a um frasquinho que guardava comsigo um supplemento de conforto. De tudo isso resultou elle cahir num somno tão pesado que não viu Anne chegar a casa, depois de, á porta, se despedir de Mortimer.

Quando de manhã acordou com o corpo magoado, opprimido por uma enxaqueca furiosa, Monte verificou que sua esposa estava no seu quarto, mas não logrou ser por ella recebido. Na esperança de tranquillisar os seus nervos excitados, resolveu-se a tomar uma ducha. Aproveitando-lhe a momentanea ausencia, Anne esgueirou-se para fóra de casa, foi ter com Mortimer, com quem desde a vespera combinara encontrar-se, afim de darem juntos um grande passeio.

Quando Monte descobriu que, durante o seu banho, Anne fugira de casa, immediatamente chamou o representante de uma agencia de "detectives" cujo lemma era "Jámais falhamos", e lançou-o no encalço de sua esposa e de Mortimer.

A esse tempo Mortimer e Anne passavam horas deliciosas numa das ilhas ao largo da costa da California Meridional, onde pescaram e petiscaram até serem horas de partir para casa. Em caminho, porém, a lancha em que elles vinham soffreu um desanrranjo de motor, de modo que os dois se viram obrigados a passar a noite na ilha Catalina.

Ao tempo de Anne e Mortimer chegarem ao principal hotel dessa ilha, o *detective* que os perseguia conseguia descobrir-lhes o paradeiro. Correndo ao telephone, o Argus chamou Monte e recebeu-o com estas palavras:

— Não lhe disse eu que "Jámais falhamos?" Póde creditar-se uma victoria mais: sua esposa e o amante estão aqui no Palace Hotel. E' da escripta: é para aqui que todos elles vêm, mais hoje, mais amanhã!...

Sem querer ouvir mais, louco de raiva, o esposo ultrajado (suppostamente ultrajado) obteve um aeroplano que o desembarcava vinte minutos depois na ilha Catalina. Correndo ao Palace Hotel e descoberto o numero do quarto occupado por Mortimer, pelo registro do hotel, Monte precipitou-se pela escada acima, bateu á porta de Mortimer, e precipitou-se sobre elle com um revólver na mão. Do lado opposto do corredor, Anne ouviu o barulho no seu quarto e immediatamente correu em soccorro de Mortimer. Pondo-se em frente delle, a protegel-o, enfrentou os olhos colericos do marido, exclamando ao mesmo tempo:

— Não consentirei que assassines o homem que amo!

Ao ouvir Anne pronunciar semelhantes palavras, Mortimer voltou-se com um olhar de surpresa, e Monte, deixando escapar um grito, deixou cahir o revólver ao chão e fugiu do quarto, espavorido.

Semi-louco com a idéa de haver perdido sua esposa, de havel-a perdido por culpa de a haver abandonado e descurado, Collins sepultou-se no seu Club e recusou-se a receber fosse quem fosse.

A esse tempo Mortimer que exigira de Anne uma explicação do seu singular procedimento, viera a saber que tudo aquillo não passara de um plano da esposa de Monte para o curar da sua vida leviana. Sentiu-se um tanto humilhado por haver sido instrumento do plano ardiloso da Sra. Collins, e ainda mais abatido ficou quando Anne lhe exigiu que visitasse Monte Collins no Club e lhe explicasse detalhadamente a situação.

— E se elle me matar antes que eu lhe possa dar qualquer explicação? perguntou a Anne.

— Oh, não o matará! — respondeu Anne impaciente.

—Não fale com essa certeza! Vás mulheres não podeis fazer idéa de como um homem se sente em circumstancias como estas! Pois não era melhor que a senhora lhe escrevesse, lhe contasse todo o seu plano! Não acha que isso seria muito melhor do que eu arriscar a minha vida indo a elle, no estado em que elle está, para lhe dizer que tudo continua a correr como no melhor dos mundos? — perguntou o pobre Mortimer.

— Tolice! Isso não daria o menor resultado! — respondeu Anne.

— E porque não? — replicou Mortimer, a desafiar os argumentos da moça.

— Pois o senhor não comprehende que Monte não acreditaria uma só palavra do que eu ou o senhor lhe escrevessemos em carta? — perguntou Anne.

— Mas se elle não acredita no que eu lhe possa dizer em carta, como é que ha de acreditar no que eu lhe disser pessoalmente? — perguntou Mortimer.

— Basta que elle contemple a sua figura um instante e immediatamente ha de ver no senhor um pobre homem ultrajado de quem uma mulher ardilosa se serviu, como de um alliado, para levar ávante os seus propositos. Um só olhar, um só, e elle immediatamente concluirá que o senhor está tão innocente em tudo isto como uma creança!

— Mas supponha que elle não perde o tempo necessario para esse exame e desata aos tiros sobre mim, — insitiu Mortimer, ancioso.

— E como é que elle ha de atirar, sem olhar primeiro para o senhor?

— Está bem. Vejo que não tenho remedio senão sujeitar-me, mas lembre-se Anne Collins, que se eu fôr morto, o meu sangue recahirá sobre a sua cabeça! — murmurou lugubremente Mortimer.

— Esteja tranquillo que ninguem o matará! — respondeu Anne.

— Francamente, nunca vi uma mulher assim! A senhora despacha um homem para uma morte quasi certa com a mesma tranquillidade com que o mandaria comprar um cartão postal!... — respondeu Mortimer, retirando-se com uma expressão humilhada no semblante.

Muitas horas depois dessa conversação com Anne, Mortimer entreteve-se a passear para cima e para baixo defronte do Club de que era socio Monte, buscando munir-se de coragem para entrar e enfrentar Monte. Diversas vezes lhe parecera avistar Monte na pessoa de individuos que sahiam do Club, e precipitadamente se abrigava num sitio donde podia fazer reconhecimentos sem correr perigo de ser visto. De todas as vezes porém a pessoa que sahira do Club não era Monte, e Mortimer regressava ao seu passeio agitado, não longe da fachada do Club.

Ha um momento porém em que o terror attinge ao desespero. Mortimer chegou por fim a esse ponto. Estava inteiramente convencido que Monte faria fogo sobre elle apenas o visse, e só pedia agora a Deus que tudo acabasse o mais depressa

possivel e tivesse definitivamente têrmo aquella horrivel agonia.

Nesse estado de espirito, subiu rapidamente as escadas que conduziam á porta do Club, abriu a porta e entrou. Perguntou por Monte e encaminharam-n'o á bibliotheca, onde encontrou o esposo de Anne sentado, com um copo de *whisky* e soda defronte de si e uma ponta de charuto apagado entre os dedos. Monte era a perfeita imagem do desconsolo e, mesmo perturbado como estava pela idéa do tragico destino que o ameaçava, Mortimer não poude deixar de ter pena delle.

Monte não levantou a cabeça quando Mortimer penetrou na sala, e o escriptor demorou-se um momento a contemplal-o. Depois, com grande pasmo de si mesmo, Mortimer atravessou a sala, deu uma pancadinha nas costas de Monte e com voz calorosa:

— Olá, velho amigo: em que estás pensando?

Monte levantou a cabeça languidamente, alçou os olhos baços, e murmurou:

— Porque não me deixas em paz? Pois não estás ainda satisfeito com a destruição do meu lar? Ainda vens aqui alvejar-me com as tuas perfidas ironias?

Mortimer mal podia acreditar nos seus ouvidos, mas quando finalmente se convenceu de que se não havia enganado, deu um grande suspiro de allivio e respondeu:

— Qual historia! Não foi para isso que aqui vim, Monte: foi para cousa bem diversa.

— Mas então para que vieste?

— Para te dizer que és um bobo em estar aqui sentado a ruminar tolices a respeito de tua mulher, uma mulherzinha que não tem outra que se lhe compare sobre a terra! Bonita, leal, meiga, pura como uma flor! E tu para aqui a torturares-te, a ruminar cousas absolutamente inveridicas e sem o menor fundamento — respondeu Mortimer.

— E' verdade mesmo, Mortimer? E's capaz de provar o que estás dizendo? — interrogou Monte febrilmente, aferrando ao mesmo tempo o braço de Mortimer apegando-se a elle, como um naufrago se apega a uma estaca que seja.

— Se sou capaz de o provar? Capacissimo, meu bobo! — exclamou Mortimer.

— Pois então, anda depressa, pelo amor de Deus! — supplicou Monte.

Mortimer deixou-se cahir numa cadeira junto áquella em que Monte estava sentado e contou-lhe em detalhe o plano que Anne architectara para lhe dar uma lição que lhe abrisse definitivamente os olhos.

Monte ouviu-o num fascinado silencio e quando Mortimer terminou, poz-se de pé de um salto, exclamando:

— Deus te abençõe, meu bom amigo!

Depois, disparou em direcção á porta, saltou para dentro de um *taxi* e prometteu dar ao *chauffeur* uma indemnisação de vinte dollars por quantas leis de velocidade elle conseguisse violar no trajecto até a casa. O homem fez realmente jús ao dinheiro promettido. Tanto assim que em menos de meia hora, Monte estava em sua casa, a apertar nos braços Anne, emquanto dos olhos lhe cahiam sobre as faces lagrimas de que elle não se envergonhava porque eram o epilogo de uma lição de que elle não se poderia esquecer até ao termo dos seus dias.

O que tudo quer dizer, minhas caras senhoras, que se algum dia os vosos maridos se descurarem de vós, o que tendes a fazer é sómente pôr-vos diante do espelho, fitar os vossos proprios olhos e dizer como Anne Collins disse a si mesma: "Desperta, mulher!". Experimentai então o tratamento inventado por Anne, e vereis que vos haveis de dar muito bem.

O MEU CAVALLO FIEL
(FIM)

uma chamma ante a qual se encolhia o espanto acobardado do jogador. Depois, por se sentir mysteriosamente intimidado e possesso ante o seu medo, Mc Gee colheu-a nos braços e apertou-a ao peito.

— Vamos! Por que não grita? Por que não chama agora seu marido?? — disse com escarneo, sentindo-a rigida e hirta nos seus braços. — Ignora porventura o que pretendo de si?

Ella adivinhara-o á justa, e o seu rosto se fez abatido e pallido, mas não deixou de responder com serenidade:

— Não chamo por meu marido porque sei que o senhor só procura um pretexto para o matar!

A colera de Mc Gee poz então á solta a fera barvia que havia nelle.

— Por Deus — praguejou — vou sahir daqui, e a senhora irá commigo, quando chegar a hora! Talvez que então tenha satisfação em acompanhar-me!

Os olhos de Suzanna cerraram-se e Mc Gee proseguiu, com ar fanfarrão:

— Ah, não responde? Agora, está com medo!

A partir de então as palavras de desafio, sahiram-lhe porém mal da bocca, e o seu desejo se aplacou: é que Mc Gee percebera que Suzanna estava rezando.

Como em resposta á sua oração, a porta abriu-se, e saturnina, ironica, recortada na penumbra da noite, a figura de J. B. appareceu á porta. Os braços cruzados sobre o peito, fitou longamente Dandy Mc Gee, que sob aquelles olhos frios, de um azul metallico, se fez livido de medo. O jogador tinha no bolso duas pistolas, mas não se moveu, os musculos convertidos em agua, de improviso.

— Que é isso, Mc Gee — fez J. B., zombando. — Só sabes então atirar quando um homem está de costas? — disse entrando lentamente na sala, sem prestar attenção a Suzanna. — Vê se botas no chão a ferragem que tens no bolso, e caminha na direcção opposta: vamos! rapido!

O jogador desapontado desappareceu na escuridão da noite.

— De novo, agradecida! — disse Suzanna debilmente — Dir-se-ia que é minha sina ter sempre que lhe ser agradecida!

J. B. desviou-se della bruscamente, voltou a cabeça para a porta e, seguindo-lhe o gesto, Suzanna viu as confusas formas de dois cavallos, arreiados para viagem.

— O senhor veiu aqui para me buscar, *para me levar comsigo?* — interrogou. Elle respondeu que sim com a cabeça — E agora? — volveu Suzanna. — *E agora?*

J. B. fitou-a extranhamente, sentindo-se burlado, como se sentira Mc Gee. Dentro de sua alma sentia um desmoronamento como de velhas paredes que de subito aluissem, deixando penetrar a luz onde antes fôra a treva.

— Agora, — replicou a custo — agora, creio que esperarei um dia ou dois.

Ao preço da propria vida, elle não poderia tocar-lhe. Era como se qualquer cousa se houvesse levantado entre um e outro. Mas o que elle jámais poderia adivinhar é que esse alguma cousa era um eu que elle não podia suspeitar, a pelejar por ella, contra o seu proprio desejo.

Os labios de Suzanna eram como uma supplica:

— Leia aquelle livro que lhe vendi, — disse baixinho. — Logo á primeira vez que o vi, percebi que o senhor era um bom homem. E' em Deus que eu ponho a minha fé!

— E eu ponho a minha em J. B., — retorquiu elle grosseiramente, penetrando ao lado della na treva, e falando aos animaes arreiados, á porta. Na sua barraca pequena, durante toda a noite caminhou de um lado para outro, exgotando-se numa infructifera batalha contra essa força invisivel que subtrahia aos seus braços a mulher que elle queria.

— Não te mettas nisto, Deus! — disse alto uma vez, levantando o rosto espavorido. — Pois não basta o que tenho soffrido toda a vida? Ainda tu te mettes de permeio? Nunca tive nada de meu, nem mesmo um nome, afóra essa marca de gado "J. B.", porque eu proprio me chamo! E, anno após anno, sempre a viajar, sem parar nunca, e todos e tudo contra mim até o dia em que a vi! Quando a primeira vez olhei para ella, para aquelles olhos de bondade, para aquellas mãos brancas e fortes, e recebi o affago quente daquelle seu modo de sorrir, foi como se finalmente houvesse alcançado um pouso, como se finalmente houvesse chegado á casa. E tu agora, Deus, mettes-te entre mim e ella!

Ao alvorecer, cansado na apparencia, J. B. apanhou o livro que recebera das mãos della, e abrindo-o, poz-se a olhar trabalhosamente para aquelles signaes cheios de mysterio. Nessa tarde elle e Jokko foram passeando até á barraca de Suzanna. A' porta, Mary Jane, a filhinha della, brincava com uma boneca, feita de um sabugo de milho, J. B. chamou-a por um signal, e humildemente, num singular impulso de esperança, disse-lhe:

— Uma menina tão bonita como tu, com certeza já sabe ler, não é verdade?

Mary Jane reflectiu, e cautelosa:

— Eu tenho lá em cima o meu primeiro livro, — disse a medo — E já sei até onde diz: Quer que eu leia para o senhor ouvir?

J. B. acceitou.

— Não digas nada a ninguem e traze o livro para o celleiro. — E accrescentou, astucioso. — Não é que me interesse o que lá está, mas é que não quero que Jokko se faça "homem" sem receber alguma educação!

E, assim, emquanto Dandy Mc Gee curtia a sua humilhação por detraz do balcão dourado do seu bar, procurando convencer-se de que nada nem ninguem lhe mettia medo; emquanto Hi Morton pelejava contra a tavolagem, e consumia até o ultimo prego de que dispunha, sem que a igreja passasse do arcabouço, J. B. passava horas acocorado nas penumbras do celleiro, que o feno perfumava, correndo o seu grande dedo tosco pelas paginas do primeiro livro, acompanhando aquella peregrinação do "g-a-t-o" ao "r-a-t-o", que ia da primeira á ultima pagina. Arquejava com esforço, transpirava penosamente, mas não desapegava da tarefa ingrata que se havia imposto.

Pensava que Suzanna nada sabia dos seus esforços para aprender a ler, muito embora tantas vezes, com o mesmo orgulho com que uma mãe o poderia fazer por um filho, a esposa de Morton, repassada de sympathia e compaixão, lhe houvesse acompanhado o pertinaz labor. Como mestra, Mary Jane tinha os seus defeitos, pois preferia, por muito, brincar com Jokko. Não obstante isso, a pouco e pouco, as marcas mysteriosas foram perdendo o seu mysterio, e já de vez em quando J. B. conseguia descobrir uma palavra, aqui e

ali, no livro que comprara á esposa do pastor itinerante.

Neste ponto estavam as cousas na noite da grande chuva.

A bátega veiu como se de repente se soltassem as comportas de uma repreza, precisamente no momento em que J. B., após a sua lição, regressava á casa. Apalpando a sella, descobriu que o macaco tinha fugido. Mais tarde, na picada, a diligencia da tarde emergindo da tremenda enxurrada, passou junto a um viajante enxarcado até aos ossos que seguia penosamente pelo atalho da beira-estrada, ora convertido em leito de uma torrente enfurecida. Mais tarde, fantastica como uma ficção do pensamento, uma figura de cavalleiro atravessou vertiginosamente a espessa cortina d'agua, quasi atirando ao chão aquelle que ao pé seguia o seu caminho.

J. B. poude reconhecer o rosto livido de Hi Morton, o ministro de Deus, e o olhar que os dois trocaram, por um instante fugaz, teve o mesmo poder revelador que se fossem duas almas que se acotovelassem, ambas a caminho do paiz d'além-tumulo.

— Aquelle maldito macaco fugiu, e estou á procura delle! — berrou J. B. com tremendo esforço, mas a chuva e a tormenta arrancaram-lhe as palavras da bocca, como que a zombar delle. Os labios descorados do ministro morreram-se como os de um morto que de repente falasse, e logo elle desappareceu.

— Aqui ha qualquer cousa! — disse o caminheiro de si para si. — Morton vae correndo como se o perseguissem mil demonios! E aquelle cavallo... Pareceu-me reconhecel-o... Mas, não; não poderia ser...

Era meio dia, quando abatido e prostrado, J. B. chegou ao atalho que conduzia á barraca de Morton. Bateu e, sem lograr resposta, metteu hombros á porta, e penetrou na habitação. A mulher, ajoujada como um feixe junto ao leito, levantou um rosto palpitante de contentamento que logo se desfez quando ella reconheceu quem estava a seu lado.

Suspeitaram delle, hein? — disse J. B. com maldade, para suffocar a dor que aquelle olhar acabava de causar-lhe. — Pois é bem feito que o enforquem. E' o que elle merece por ter assaltado a diligencia, ter roubado o dinheiro de Mc Gee, e haver rebentado o meu cavallo para fazer tudo isso! Vae ficar á sombra por um par de annos! E a nós que nos importa?

O infeliz estava cevado de desgosto, do desejo de fazer soffrer a outros o mesmo que elle soffria. Curvou-se então, levantou-a do chão, apertou-a por tal modo a si que lhe sentiu o latejar do coração. Mas nos olhos que ella alçou para elle — via-o bem — não leve pensamento algum que lhe dissesse respeito ou a ella mesma.

— Salve-o! — murmurou Suzanna, ciciando entre os labios seccos as palavras. — Elle roubou por intenção de Deus. Achou que era justo roubar o bastante para acabar a igreja!

Apontou então para a cama:

— Está tudo ali, debaixo do colchão. Leve tudo, mas salve-o!

— Mas porque o hei de salvar?! — disse J. B. cruelmente — Eu desejo-a como jamais desejei mulher alguma, e o meu desejo teria sido satisfeito — bem o sabe a senhora — se aquelle tenor de cantochão — não estivesse em meu caminho!

— Deseja-me de facto? — interrogou, com uma pureza de crystal nos olhos vivos e grandes. E á luz desse olhar, o forasteiro lia-lhe na alma, lia a tremenda luta do seu coração, a sublime renuncia de si mesma pelo que tinha de mais caro. — Pois bem: salve-o, e eu irei comsigo! Juro-o, deante de Deus!

Nunca elle imaginara que pudesse haver fidelidade igual áquella. Era como se as mãos della tivessem varrido portas e cortinas, e a luz houvesse penetrado nos mais sombrios recantos do seu espirito. A sua pobre alma divisou então um mundo que não vira jámais, e sem intervenção da sua vontade, os seus labios encontraram uma palavra nova que pronunciaram como uma supplica:

— Deus!

O rosto de Suzanna cerrara-se imprescrutavel. Nunca elle reparara que seus labios eram tão vermelhos e lisos. Fechou os olhos para os não ver, porque se os visse não poderia partir, e tinha que partir. Não lhe estava reservado conhecer, bem o sentia agora, o fogo acalentador da lareira domestica. E puxando-a para o lado, com meiguice, correu para a cama, apanhou uma mancheia de moedas de ouro do sacco guardado sob o colchão.

— Guarde o resto para a reconstrucção da igreja, — disse-lhe, já partindo. — Reze por elle, e um pouco por mim tambem.

— Ah! O senhor crê! — exclamou a esposa de Morton, um momento esquecida do seu bem amado no transporte daquella inesperada alegria — O senhor crê em Deus!

— Pelo menos! — respondeu J. B., a correr — pelo menos creio na senhora!

Tumble Bluffs commentou depois as occorrencias, e a maioria dos moradores foi de parecer que J. B. era por demais calado para ser honesto. De resto, sempre assim haviam pensado... Mas o insulto supremo veiu quando o ladrão confesso, o assaltante da diligencia appareceu em meio delles todos, inermes de medo, e depois de lhes atirar um punhado das moedas de ouro roubadas, disparou no seu cavallo malhado.

— Depois que eu partir bebam uma boa rodada, com o seu proprio dinheiro!

Foi nesse momento que Dandy Mc Gee commetteu o erro de pensar que J. B. estava desprevenido e atirou contra elle; mas o caminheiro quasi no mesmo instante lhe varou, com uma bala, o coração.

Depois, cobrindo a multidão pela mira da garrucha, J. B. sorriu tristemente:

— Bem: creio que agora tenho que proseguir viagem...

Chegara ali como uma figura solitaria, e como uma figura solitaria partiu de novo pela picada arenosa até escapar á vista dos que haviam ficado para traz. Levava comsigo porém tres cousas que não trouxera: um "primeiro livro" de creança, enxarcado de agua, uma Biblia, e na sua alma, reverentemente, a crença na bondade de uma mulher, o que, para um homem, não dista muito da crença abençoada de Deus!

O CONTRARIO DO MAL (FIM)

e que ella — ella e este homem por quem tudo esquecera — eram a causa de tudo. Atravessou a sala cheia de fumo com os joelhos a tremer e perguntou a si mesma se teria forças para percorrer a meia duzia de quarteirões que a separavam de casa, se poderia chegar lá a tempo de encontrar viva a pobre velhinha. A vista da neve reluzente pol-a tonta, e duas ou tres vezes ella cambaleou e cahio. E de cada vez que ella conseguia devantar-se, parecia-lhe que o rosto livido da moribunda lhe gritava de longe que andasse depressa :

— Vou já, mamãesinha. — respondia. — Espera por mim!

Da proxima vez que cahio, dois braços fortes a suspenderam do chão e arrancou-a á treva em que se ia despenhando uma voz que lhe murmurava ao ouvido :

— A senhora não devia andar assim, ao tempo!

— E' que o senhor não sabe, — respondeu a essa voz. — Foi por causa de mamãe que está morrendo... E tudo por minha culpa, por minha culpa, sim!

— Onde é que mora? — perguntou a voz.

— No numero tres, ao virar da esquina.

E na treva mergulhou de novo até o mancebo a deixar em casa. Depois despertou-a qualquer coisa que ella conhecia, e de novo ella se arrancou á sua inconsciencia.

— Mãesinha fazia questão de ver o meu namorado, mas eu sei agora que elle não vem, que elle nunca poderia vir, — murmurou debilmente. — Mamãe e Jimmy nunca viram Joe...

De repente passou-lhe no espirito uma idea feliz :

— Ah, se o senhor quizesse ter a bondade de vir em logar delle! Não seria um grande sacrificio, e talvez que assim ella se salvasse!

— Pois seja! Fal-o-hei com o maior prazer! — replicou o mancebo ajudando-a a subir.

— Seja muito meigo para ella, sim? — recommendou Essie, em frente á porta do aposento. — Ella está tão doentinha!...

— E' então esta a nossa mãesinha? — disse o moço ao penetrar no quarto da doente.

Ao som daquella voz extranha, a Sra. Birsdong levantou os olhos para o rosto que se debruçava sobre o seu, contemplou-o, immovel, um segundo, e deixou então escapar, um suspiro, repassado de contentamento.

— E' elle, Joe. Não te dizia eu que elle era bonito? — perguntou Essie, semi-hysterica, adiantando-se para o leito.

— Não te approximes della agora, — disse-lhe Jimmy, com um accento de commando na voz.

— Ha tanto tempo que espero para o ver! — murmurou a doente, cingida pelo braço forte de homem, com a mão delle presa na sua.

— E ha tanto tempo que eu desejava vir, — respondeu elle, — mas não podia!

— Joe é muito envergonhado, mamãe! Eu não te dizia?... — accrescentou Essie.

— Agora porém estou tão contente, — disse a velhinha com um suspiro de satisfacção.—Tens uma mão forte como a do pae destes meninos! — disse ao sentir que a mão do visitante se apertava sobre a sua.—Até me dá vontade de chorar!

— Mas, mãezinha: eu não quero vel-a chorar assim, por uma coisa á toa! — declarou o homem, procurando emprestar á voz um tom jovial.

— Agora, entrem e vão comer, — disse a velhinha. — Se o apetite de Joe fôr igual ao do pae de vocês, tenho a certeza de que elle vae comer bem!

— Eu não sou uma moça má, mamãe! Juro-lhe que não sou! — disse-lhe Essie, semi-escondida entre os demais.

— Mãezinha bem sabe,, mãezinha bem sabe, minha filha! — replicou a Sra. Birsdong. — E agora vae ao teu quarto lavar o rosto ,para que Joe possa ver como tu és bonita, sem nenhuma dessas tintas extranhas!

Entrementes, na pequenina sala de jantar, Joe e Jimmy, emprehendiam uma ruidosa tentativa para fazer justiça á ceia preparada.

— Ah, mamãe, que comidinha succo! — dizia o rapaz, debalde forcejando para en-

gulir um pedaço de bolo que insistia em não passar.

— E' como se me estivesse rebentando por dentro, Joe! — dizia Jinmy, abraçando-se ao outro homem. — Sinto bem que se ella nos deixar, não resistirei, não me será possivel resistir!

— Coragem, — disse o outro a animal-o, com um braço em volta do pescoço do rapaz. — Tua mãe conta comtigo, e tens, portanto, que ser homem até o fim!

— E's tal e qual como o pae d'elles! — cicicu a mãe Birsdong — grande, e forte e bom! E dirigindo-se ao grupo que penetrava no quarto: — Agora já não tenho preoccupações.

Espalhou-se-lhe pelo rosto um sorriso contente, e como o homem a recostasse de novo suavemente ás almofadas:

— Meus filhos, meus queridos filhos, estou prompta agora: Deus é bom para todos nós!

— Mamãe, mamãe porque não me fallas? Por que não me falas? — disse Jimmy com os olhos cravados no rosto pallido.

Mas um braço forte se pousou sobre o seu hombro, e um instante depois, elle estava soluçando a sua grande dôr nos braços do seu novo amigo:

— Vamos, Jinmy: sê um homem! — uma voz lhe segredou ao ouvido. — Lembra-te que ella ainda precisa de ti!

O rapaz reprimio um soluço e voltou-se para onde estava sua irmã, um vulto inerte tombado junto ao leite:

— Fica certo, fica certo que saberei cumprir o meu dever! — prometteu ajoelhando ao lado de Essie, e amparando-a com meiguice nos seus braços.

E se a mãezinha tivesse podido resistir até á primavera seguinte, teria visto Essie na sua nova cazinha, e Joe, o unico Joe que ella conhecera, grande e forte e bom como o pae de seus filhos, feito o indulgente esposo da sua menina, o camarada e irmão do seu rapaz. Jinmy invocara, no lar novo, o direito de collocar todos os dias uma flor sob o retrato da velhinha, na confortavel salinha que os noivos haviam arranjado. E todos os dias, quando cumpria o seu encargo de bondade, segredava áquelles doces olhos que o fitavam:

— Está tudo bom, mamãe. Os nossos sonhos realisaram-se por fim. A nossa Essie está feliz e em segurança!

UM GRANDE AMOR

(FIM)

— Se é o cobrador ou o homem das prestações, o Sr. Butters sahio! — disse uma voz, feminina pelo buraco da fechadura. Se é o cobrador de aluguel, que espere alguns dias. Se é alguma intimação judicial, o Sr. Butters está fóra...

A mulher mais corpulenta, que vestia um costume perfeitamente masculino, bateu na porta com a sombrinha.

— Sou eu, Bella Bright, a ex-noiva de Samuel! Então, estão com a sella na barriga, hein? E a senhora o que faz, que não vae para á rua cavar um emprego?

— Violet, sou eu, tua mãe: abre a porta! — disse a outra visitante, muito emocionada — Não ficarás nem mais um dia com esse vadio, esse papa-moscas!...

E a Sra. White começou tambem a dar soccos na porta.

De dentro soaram pancadas identicas, e uma soprano indignada gritou em voz estridente:

— Faça favor de não chamar nomes feios ao meu Poeta!

Um baixo iracundo fez o dueto, interrogando:

— Quem se atreve a fazer censuras a esta esposa-modelo que Deus me deu?

A esse tempo, sob a pressão dos murros, dos sapatos, das sombrinhas que a percutiam, a porta batia com um ruido infernal. Escada acima, arquejando, vinha o encarregado da casa, a ejacular maldições.

Attingindo ao mesmo tempo o passeio fronteiro á casa, as duas visitantes enfrentaram-se hesitantes. Depois, como sentissem que não tinham sido formalmente apresentadas uma á outra, apertaram-se as mãos e partiram para o "Papagaio Verde" onde sellaram uma alliança, saboreando chá de Macau e bolachas Maria.

— E' preciso fazer seja o que fôr! — declarou Bella, remexendo o assucar tristemente, dentro da sua chavena. — A fazenda está indo de mal a peor! Não se pode segurar uma pessoa para trabalhar, a menos que se case com ella! E' necessario separar aquelles dois, e deixar-me rehaver o meu Samuel!

— Archibald está solteiro ainda! — disse a Sra. White, hesitante — Quem sabe se elle...

— Porque não verifica se... — suggeriu Bella.

— Tenho vontade de... — disse a Sra. White — Por favor, deixe-me pagar... Quem convidou fui eu... Bem, uma vez que *insiste*...

Archibald Melão escutou complacentemente a historia pathetica dos infortunios da sua antiga namorada. Um candidato descartado sempre se sente lisongeado quando sabe ter dado em droga o rival que lhe foi preferido. Endireitou cautelosamente o vinco de uma das calças, fez um "hum..." inexpressivo, passou os dedos pelo bigode e poz-se a contemplar embevecidamente a sua imagem no espelho.

— A minha pobre pequena! — choramingou a mãe de Violet — Como ella tem soffrido! Como ella deve agora sentir cruelmente o seu erro!

E inclinando-se para Archibald:

— Ah, se o senhor a fosse ver, e lhe fizesse sentir que ella ainda tem amigos! Perdôe-me, supplico-lhe! Bem vê: quem falla é o meu coração de mãe!

E comprimia a mão sobre uma parte da sua anatomia, parecendo antes indicar que quem fallava era o seu figado. Depois, aflorou-lhe aos labios um triste e suave sorriso.

— Mas como? Violet é esposa de outro homem! — ponderou Archibald.

— Elle *bate-lhe!* — inocentou apressadamente a Sra. White que ha muitos annos não fazia senão ler livros de Laura Libby. — O senhor bem sabe: estes poetas!...

Archibald empertigou-se todo e fez um gesto de firme resolução. Um lindo gesto, por signal.

— Sim, — declarou solemnemente. — Irei vel-a, irei vel-a amanhã.

Violeta estava a lavar a louça quando elle chegou e gracejando com Samuel, que enxugava os pratos, dizia-lhe ser ainda uma felicidade elles não terem dinheiro sufficiente para jantares de sete pratos. Estava ainda mais linda do que quando lhe havia chamado lirio, reflectio Archibald Melão, ao vel-a entrar na salinha núa, com o seu vestidinho de chita côr de rosa, amarfanhado da lide caseira. O mais extraordinario, é que signaes de sevicias ella não apresentava nenhum!

— Imagine que eu pensei que o senhor fosse o cobrador do jogo de cozinha, ou da sala de jantar, que comprámos a prestações... O senhor sabe: somos pobres, e pobres teremos que ser até o dia em que Samuel venda o seu livro de versos.

Archibald recordou-se do seu Ibsen, e inclinando-se para ella, disse-lhe:

— A sra. já reflectiu no direito que lhe assiste de viver a sua propria vida? Deixe-me abrir a porta da sua casa de boneca, criança adorada, deixe que eu lhe dê a liberdade!

Violet fitou nelle os seus olhos grandes, como estrellas que se reflectissem n'um lago:

— O senhor está nos dando um mandado de despejo... ou... — titubeou, surpresa.

Archibald Meão atirou para traz o cabello cahido sobre a fronte. Sentiu-se nobre, sentiu-se redemptor, e um tanto molhado de suor debaixo do collarinho.

— Não; vim para lhe offerecer a indemnisação deste anno terrivel que a senhora atravessou — disse em voz tremente. — Venha commigo! Fuja commigo!

O aposento era tão pequeno que as supplicas vehementes de Archibald se fizeram ouvir mais longe do que elle por certo calculára. Violet, levantando-se um tanto embaraçada, abriu a porta, assim pondo á vista Samuel que entalado atraz do fogão amaldiçoava a sua má sorte.

— Imagina que tenho impressos nos hombros o desenho da grelha de fazer torradas. Para a outra vez que pretenderes fugir, é favor deixares-me, ao menos, entrar para o quarto de cama!

Archibald tossio nervosamente. As coisas não iam seguindo o curso pre-figurado. Além disso, trahir um esposo já não era pouco: mas do que ninguem o prevenira é que elle ia trahir um marido de tão grande pezo!...

Violet agora não se mostrava absolutamente vexada:

— Se me dá licença, vou apanhar umas coisinhas que desejo levar commigo! — disse em ar muito natural. — Depois, estarei inteiramente ás suas ordens.

— Pois não, perfeitamente, perfeitamente...

Violet desappareceu, com Samuel, no quarto contiguo, donde voltou, momentos depois empurrando um carrinho que pareceu a Melão eriçado de carinhas rosadas e de mãozinhas turbulentas, muito embora apenas contivesse duas creanças.

— E' preciso alimental-os de tres em tres horas, — disse Samuel jovialmente, enfiando uma garrafa de leite em cada um dos bolsos do impeccavel redingote Principe Alberto que Archibald vestia — e se elles acordarem e chorarem, no correr da noite, o senhor terá que...

Mas Archibaldo dera ás de Villa Diogo, — uma cousa que nenhum dos raptores de Ibsen jámais fizera!...

Por sobre as cabeças desguarnecidas das creancinhas, os paes entre-olharam-se jovialmente. Mas o sorriso de Samuel desappareceu pouco depois.

— Tua mãe tinha razão, Violet: eu não sirvo nem para ganhar o teu pão!

— Paciencia! — respondeu a esposa. — Ao demais, o pão que nós comemos, é pouca cousa!... Coragem, meu amigo: não ha poeta que não atravesse máos pedaços, nos primeiros tempos. Todos o desconhecem então, mas por fim todos vêm a lhes fazer justiça, quando lhes escrevem a biographia. E imagina que bellos episodios para a tua biographia: a aventura do fogão, a outra dos dois gemeozinhos! E mais tarde, que lindo deves ficar, quando a tua estatua fôr levantada em marmore, no Salão das Glorias!

— Não sei, Violet: de ha muito me parece que não tenho a figura de um verdadeiro poeta!

As suas palavras eram propheticas. No dia seguinte, os editores a quem havia sido

enviado o precioso manuscripto escreveram-lhe a communicar-lhe que, pela amostra que lhes fôra submettida, só podiam concluir que o senhor Butters errara a sua vocação. Os seus poemas indicavam que elle talvez tivesse talento para funileiro ou para armador funerario. Como poeta, entretanto, elle pertencia á pleiade infinita dos que versejam "sem rima nem razão"...

— Mas a tua epopéa! — exclamou Violet — E os teus contos romanticos!...

— Não, minha filha. Do que devemos tratar não é de "contos": é de "contas". Da conta do açougueiro, da conta do padeiro, da conta do leiteiro... Devemos este mundo e o outro, e chegamos finalmente a esta linda situação: não temos recursos que nos permittam ficar aqui, nem temos recursos que nos permittam mudar-nos!

— E' que tu não te lembras do fundo para a educação das creanças! — disse Violet, e trepando a uma cadeira retirou um sapo de louça de uma prateleira. Com anciedade palpitante, contaram o conteudo:

— Sete dollars e trinta e seis centavos...

— Mette até pena lançar mão disso! — suspirou Samuel.

— Tambem, boa educação haviamos de arranjar para os pequenos com 7 dollars e 36 centavos!... commentou alegremente Violet.

Feitos rapidamente os preparativos de partida, com um gemeo em cada hombro, o poetastro abriu a porta com a maxima cautela, e ia já a descer a escada para a rua, quando Violet o chamou:

— Era bom embrulharmos em qualquer cousa as garrafas de leite!

Samuel reflectiu um momento, mas logo depois brilhou-lhe nos olhos o clarão de uma inspiração:

— Os meus poemas! Depressa!

— E' mesmo! Nada melhor! — fez Violet num transporte de emoção, suspendendo-se ao pescoço do marido:

— E's extraordinario! Em qualquer conjunctura, sabes sempre o que se deve fazer! Ah, que havia de ser de mim sem o meu robusto carvalho!

Numa cálida tarde de verão seguinte, Bella Bright empunhava o volante no seu "roadster" ao lado de seu capataz. Nem iam em nenhuma excursão romantica, pois a verdade é que iam simplesmente apreçar uns leitões, nem Bella, com o seu collarinho duro e os seus punhos cerrados por botões de osso, era nada que se parecesse com uma doce figura de amorosa. Não obstante isso, o capataz não deixava de lançar de ora em quando para o seu lado uns olhares languorosos, em seguida aos quaes suspirava com forte resonancia dos bronchios. Pouco provavel é que esses testemunhos de uma secreta paixão passassem despercebidos a Bella, mas o certo é que o seu olhar se dirigia inalteravelmente para a frente, onde appareciam as montanhas cobertas de matto baixo.

O carro parecia entoar com a disposição espiritual da dona, pois proseguia aos roncos e saccões rasgando caminho pela areia branca da estrada, e enchendo de nuvens de pó a decantada atmosphera da California. De um e outro lado alongavam-se campos interminaveis, cobertos de salvas em flor, por sobre as quaes doudejavam innumeras abelhas. Ao longe, á beira da estrada, apparecia agora um chalet recoberto por um toldo, por cima do qual se via esvoaçar uma flammula com a seguinte inscripção: "Vende-se Mel".

Bella poz os olhos na pequenina figura, com uma touca pittoresca e um gracioso avental que descansava á sombra do toldo, e immediatamente as rodas da frente do automovel começaram a descrever uma imprevista linha sinuosa. Bella fez parar o "roadster", no meio de uma nuvem de pó:

— Macacos me mordam se não é a bonequinha de papel! — exclamou.

Foi um momento solemne para Violet, que se declarou muito satisfeita em ver Bella, o que por certo era sincero, dada a sua insistencia em que ella e o seu companheiro entrassem, descansassem um momento. Depois, com Samuel, fez os visitantes percorrerem a linda casa, e marido e esposa referiram-lhes então a Illiada da sua boa sorte, desde o dia em que tinham buscado refugiar-se dos credores numa barraca abandonada na montanha e haviam descoberto que a chaminé da barraquinha estava cheia de favos de mel.

— Hoje temos um bom lote de sessenta geiras, inteiramente consagrado á agricultura — disse Violet — e calculo que ao tempo dos pequenos terem a idade propria, as abelhas lhes terão ganho o sufficiente para pagarem a sua educação!

— Mas que pequenos? — perguntou Bella, numa voz bizarra. — Pequenos de quem?

— Ué! Nossos! De quem mais?... — fez Violet, e correndo ao quarto proximo trouxe para fora o carrinho: — Na minha opinião, puxaram muito a Samuel!...

De sobre as almofadas duas carinhas rosadas abriram os olhos azues e pousaram-n'os em Bella. De facto tinham herdado o queixo duplo do pae, e apresentavam nas faces um tom rosado que proclamava uma vigorosa saude.

— Que leitõesinhos mais engraçados! — exclamou o capataz — Nunca vejo creanças assim sem sentir, no meu intimo, que nasci realmente para ser pae! — disse, olhando de esguelha para Bella.

— Hum, hum! — fez Bella, com um ar pensativo.

Ao subir para o automovel, lançou ainda os olhos para traz, para a porta de entrada da vivenda, onde Violet assistia á partida, com a cabeça encostada ao massiço peito de Samuel. Depois, inesperadamente, tomou o banco de traz do automovel, em vez do banco da frente, em que viera.

— Guie você — disse para o capataz, com uma especie de rubor, a tingir-lhe as faces batidas do tempo. — Afinal "guiar" é uma tarefa que, por justo direito, incumbe aos homens!

E' que Bella acabava de resolver que se filiaria, por fim, á familia das trepadeiras...

DEVER DE GRATIDÃO

(FIM)

ford, no que mais pensa, é nos factos da vida. São essas as cousas, as unicas cousas, sufficientemente poderosas para feril-o.

Quasi ao primeiro relance, Inga concluiu tambem que appellar para o coração daquella mulher seria inutil. Seria um acto sensacional nos seus resultados e que, sem duvida, despertaria um grande éco superficial. Mas, uma vez que ella se retirasse, a terra fofa revirar-se-ia de novo e a semente seria esphacelada...

Inga tinha razão. A Sra. Garford lacrimejou sobre as fraquezas alcoolicas do "pobre Dan", e insinuou, sem grande reserva, que suspeitara dessas fraquezas muito anttes da desastrada scena que elle fizera e da sua consequente desapparição. Não a surprehenderia, disse bem alto, nada do que Miss Sonderson lhe pudesse dizer... Cousa alguma a podia agora surprehender. Daniel fizera-a soffrer pelos seus insignificantes erros, fraquezas pueris, ao passo que elle... ao passo que elle — Santo Deus! — de que não era elle capaz? Concluiu agradecendo a Inga, com uma verbosidade insultuosa, a sua intervenção em favor de Daniel. Infelizmente não via como pudesse avivar uma inclinação affectiva cujo poder de ha muito sentira minguar em seu coração. Inga partiu sob a vaga impressão nojenta de ter ainda ouvido observações sobre "reis mortos, reis postos", e assim successivamente, *ad nauseam*. Era uma mulher positivamente impossivel! E Inga quasi se sentiria levada a condemnar Garford pelo máo emprego que fizera do seu amor, se não soubesse como era futil censurar qualquer pessoa por essa lei da attracção, compulsiva e forte, a que não ha resistir. Pois não havia de haver pessoas, reconheceu, poucas embora, sem duvida, para quem Terry não fosse o ente divino, soberano e omnipotente que era para ella?...

Circumstancias ha, occasionaes, ou antes conjunctos de circumstancias, que dão a um individuo a responsabilidade moral de outro, com apparente inconsequencia. Assim, succedeu, durante esse inverno, com Inga e Garford. Estivesse ella com quem estivesse, fizesse o que fizesse, fossem quaes fossem as suas actividades, elle ali estava, o homem que precisava della a cada hora. E tão pouco logrou Inga resistir á necessidade que elle tinha da sua pessoa, como resistia ao amor que lhe tinha Terry, um amor torturado mais e mais, á medida que ella lutava por salvar Garford dos abysmos em que cahira, e em que se ia afundando.

— Estou-lhe pagando apenas o que lhe devo, — repetia ella a Terry — Estou pagando uma divida de honra.

— E' porque com certeza o amas! — murmurava Terry por entre os seus labios tristes.

— O amor nada tem que ver com tudo isto! — dizia Inga; e accrescentava quasi sempre: — Será possivel que tu não possas comprehender qual é o meu modo de sentir neste caso?

— Não, não posso com effeito, — respondia o rapaz.

— Pois então — replicava Inga — estás-me cobrando um preço mais alto do que eu pretendera pagar...

— Mas que continuarás pagando...

— Por certo, visto que é uma divida.

Mais tarde, tornou-se mais pesada a divida, quando Garford veiu a sentir que Inga se tornara para elle, não a sua bemfeitora, a sua salvadora, mas a mulher que elle amava. Ainda essa carga, elle lha poz as costas.

— Vim a sentil-o naquella noite em que vieste a mim naquelle antro de opiomanos e o "china" te disse que eu era um dos "habitués" da casa. Eu via-te atravez do fumo, branca de alabastro, como se estivesses rezando... e estavas de facto rezando... naquelle antro... por mim! Senti então, subitamente, que ara por isto que eu tinha esperado, que onde até então eu andara errado, andava agora certo, de repente. A minha concepção era finalmente justa. Varrera-se dos meus olhos o véo que me tapara a luz. E Inga, como te amei, como te amei naquella noite profunda!

— Se o senhor me ama — disse-lhe a rapariga — saberá manter-se de pé, erecto e firme, seja onde fôr, succeda o que succeder. O amor é constructor por excellencia, e não tolera a destruição!

Quasi como uma creança que agarra des-

esperadamente á mão segura e forte que a leva, Garford, apegado a Inga, foi lutando, resvalando de ora em quando, mas sempre por ella amparado, ganhando um pouco hoje, perdendo esse pouco amanhã, lutando ora com vantagem, ora sem ella, até que muito lenta, muito dolorosamente, alcançou alem do ponto a que chegara antes de sobrevir a crise. Finalmente, raiou o dia em que sentiram ambos que a batalha estava ganha e concluida a jornada.

Estavam os dois sós, inteiramente sós no "atelier" onde ella recolhera Garford na noite da sua primeira enfermidade, naquella noite em que, depois de separar-se de sua esposa, elle ali fôra parar, apatetado, ébrio, e a surprehendera a conversar com as pessoas da sua amizade, e a reconhecera a despeito de tudo.

Era ao cahir da tarde, e Inga servira-lhe o chá, emquanto elle lhe contava do seu ultimo successo, das encommendas de retratos que estava recebendo todos os dias.

— Eu bem sabia que o senhor se havia de vencer a si mesmo! — disse-lhe Inga, com os olhos cheios daquella luminosidade que sempre tinham ante os triumphos dos que lhe eram caros.

— E sabes porque venci? Foi só por tua causa, só por ti, exclusivamente por ti, Inga.

— Supplico-lhe...

Garford debruçou-se para ella.

— Tu amas-me, sim. Amas-me com certeza. De outro modo, não me terias alumiado o caminho como fizeste! Não terias descido á lama, a degradação, como desceste! Não seria humanamente possivel! Esses prodigios só os opera o amor de uma mulher por um homem, o grande amor de uma grande mulher... pelo homem que lhe fala á carne e ao pensamento!

Inga abanou a cabeça, numa attitude grave.

— Engana-se, meu amigo, meu bom amigo. O que lhe dei foi a minha sympathia, a mais quente irradiação que pode brotar de uma alma. Mas o meu coração, esse, dei-o a Terry!

Mas Garford supplicou com ancia:

— Mas não parece que elle agora o queira, minha adorada. Uma vez que elle acredita em cousas... em cousas indignas...

Inga respondeu sorrindo:

— Terry é tão moço! Muito mais moço do que eu, sem embargo dos annos! Elle não comprehende e ninguem deve ser condemnado pelo que não comprehende. Elle não tem idéa do patrimonio de riquezas que pode encerrar-se num coração humano. Mas o senhor, se me ama, sabe bem que isso pouco importa. Mesmo que elle não o venha jámais a comprehender, isso de nada valerá. O que importa, só o que importa, é que eu o amo!

Pouco depois, Garford levantou-se para partir. De pé, ao limiar da porta, nos olhos a sua expressão de outr'ora, elle apertou nas suas as duas mãos de Inga.

— De qualquer modo, foi um milagre tudo isto, Inga. Não me pudeste dar o amor, mas deste-me a fé em mim mesmo, na humanidade,... nos entes do teu sexo. Reconstituiste uma cousa fragmentada, redouraste uma pobre cousa marcada, maculada. Saraste e fortificaste. Não o terás feito em vão. Eu amo-tte, é isso o que importa, é só o que importa! Terry virá a ti, descansa. E adeus, por agora. Deus te faça feliz! Deus te abençoe!

Terry, apparecendo uma hora depois, ainda encontrou Inga na mesma sombra do crepusculo em que a deixara Garford.

— Garford está bom outra vez! — declarou. E como Terry, deixando-se cahir numa cadeira, do lado opposto da sala, cravasse nella os olhos carregados de censuras, repetiu — Garford está outra vez bom, inteiramente bom. Está paga a minha divida de honra.

Terry não desprendeu della os olhos.

— Consta-me, — disse finalmente com certa difficuldade em articular as palavras — consta-me que tu... que tu te vaes casar... e não posso acreditar isso de ti... não posso...

Inga olhou para elle, extremamente seria:

— Não percebo o que queres dizer, Terry. Porque não acreditas de mim, — tu, sobretudo? Parece-me entretanto uma conclusão logica...

— Supponho que sim — fez o mancebo — mas tu... tu e eu... e agora...

— Sim, Terry... e agora?

— Casar, assim, tão depressa... E' como desviar-se de um cadaver para beijar um transeuntte... Eu sentado aqui... comtigo... á nossa janella... contemplando as *nossas* ruas, povoadas pelos sonhos que sonhamos juntos... parece-me...

— Terry, vou-me casar. E' melhor que o saibas desde já, definitivamente. Vou-me casar e breve, tão depressa elle me queira, — o homem a quem amo!

Inga levantou-se e, atravessando a sala, lançou os braços á figura desalentada de Terry, apertando-o contra as tranquillas e certas pulsações do coração.

— Sim, com o homem que eu amo — repetiu — com o unico... o unico homem que amei no mundo... meu bom Terry: comtigo!

E as luzes creadas pelo Homem empallideceram ante as estrellas incommensuraveis e eternas que illuminavam docemente o céo, palpitando, faiscando, como olhos de mulheres!

O PEQUENO LORD FAUNTLEROY

(FIM)

creados, que lhe faziam grandes reverencias; perguntou á governante a qual Hawisham o confiou, se todos aquellas pessoas cheias de galões dourados eram da familia, o que levou a boa mulher a carregal-o horrorisada para os seus aposentos.

Hawisham dirigiu-se á bibliotheca onde o conde já o esperava.

No pavilhão, bem longe, junto ás grades do castello havia uma pobre mulher em pranto; em um vasto aposento cheio de tapeçarias uma creança tambem não se achava nada feliz no meio dessas pessoas extranhas. O velho conde andava atormentado pela gotta e mais ainda por pensar no pequeno intruso que lhe invadia a casa. Tinha os supercilios franzidos, o rosto duro.

— Que tal é elle? perguntou, mal correspondendo aos cumprimentos do procurador. Desabusado e insupportavel como todos os americanos, não é?

— E' encantador e de uma intelligencia bem acima da habitual ás creanças de sua idade, respondeu Hawisham com firmeza.

Ouvindo isso o velho deixou cahir o monoculo e tomou uma pitada.

— E a mãe recusa a pensão que Vossa Honra lhe offerece, preferindo viver das pequenas rendas de que dispõe.

O conde não deixou escapar a occasião de descarregar sua colera em alguem.

— Não me fale nessa mulher, gritou; isso é uma simples manobra para esconder sua alma de intrigante; ella está em minha casa, é a mãe de Lord Fauntleroy e ha de viver como eu determinar e resolver.

Na hora do jantar Cedric vestido com um costume de velludo magnifico, foi levado até á porta do aposento onde o avô o esperava.

A principio nada viu; o velho disimulado no fundo de uma immensa poltrona, escondia-se na sombra; só um terra nova magnifico, quasi do tamanho delle, levantou-se, foi farejal-o e depois, sem duvida satisfeito com o exame, poz-se a acompanhal-o, agitando brandamente a cauda. E de subito Cedric viu o conde, sobrancelhas franzidas, olhar terrivel fixo nelle, mudo como uma estatua. Cedric porém tinha um coração tão terno que não enxergou essas apparencias hostis; murmurou de si para comsigo: "é aquelle o avôzinho," e adeantou-se com a mãozinha estendida.

— Supponho que o senhor é o conde, pois eu sou seu neto.

O monoculo teve um reflexo, a bengala de ebano tremeu nas mãos do velho; tomou a mãozinha estendida apertando-a na sua gravemente; depois, sem responder, poz a perna enferma por terra e empurrando o banco em que a repousava, fez o pequeno sentar-se. E ficaram um defronte do outro examinando-se.

O velho parecia, dos dois, o mais commovido. Não sabia que attitude tomar deante do sorriso feiticeiro e franco de Cedric. E quasi se atemorisava de pela primeira vez em sua vida não causar pavor...

Os pensamentos do neto tomavam outro rumo. Examinava no avô tudo quanto era para elle novidade. O monoculo então interessava-o devéras. Não podendo mais conter-se, disse:

— Vovô Lord, você perdeu um vidro de seus oculos.

O conde de Dorincourt deixara cahir o monoculo, tomou uma pitada, um projecto de sorriso appareceu-lhe na physionomia. Depois puxando a creança para si, mirou-a longamente e depois perguntou com um leve tremor na voz:

— Não te pareço muito máo, então? Gostarás de mim um bocadinho?

Cedric arregalou os seus grandes olhos:

— Mas eu já gosto de ti bastante, vovôzinho.

O conde julgou mister tomar uma outra pitada. Um criado veiu annunciar o jantar. O conde levantou-se a custo, procurando a sua bengala, mas o neto adeantou-se:

— Apoie-se em meu hombro, vovô...

E o velho sem se fazer rogar apoiou-se. Cedric levou-o então até a distante sala de jantar. Uma immensa mesa carregada de porcellanas e prataria e em cada cabeceira uma cadeira. Sob o olhar impassivel dos creados o pequeno vergava-se todo para um e outro lado, procurando ver o avô atravez das peças monumentaes que os separavam. Estavam no segundo prato, quando Cedric perguntou:

— Vovô Lord, você não anda todo o dia com sua corôa na cabeça?

Os criados fugiram da sala para rir á vontade, mas o velho conde respondeu seriamente.

— Não Cedric, nem todos os dias. Vamos a saber, que tal acha o jantar. Começa a gostar de Dorincourt? O castello não é muito grande para a sua pessoinha?

Cedric teve um sorriso cheio de gentileza:

— Não seria tão grande se a mamãe estivesse aqui comnosco.

— Que dizes? exclamou o conde sobresaltado.

Cedric correu ao conde e mostrou-lhe o medalhão que trazia ao pescoço. O conde abanou a cabeça...

— Que foi que ella te disse a meu respeito?

— Que eu devia gostar muito de você

vovô, porque tinha perdido todos os filhos e por ser seu unico neto...

Houve um silencio; sahiram da mesa; o conde puxava os bigodes nervoso. Emquanto isso, a pobre mãezinha de Cedric, que nem coragem tivera de jantar, chorava sem consolo no pavilhão.

... ...

Os dias iam-se passando e uma nova vida começou para Cedric. Elle teve cavallos, brinquedos, cachorros; o immenso dominio de Dorincourt ficou sendo o seu imperio como outr'ora o era o quarteirão pobre de New York. Em toda a parte conquistou amizades; nenhum camponez deixava de adoral-o. Um dia que visitára uma pobre rendeira de seu avô e lhe promettera os soccorros que ninguem lhe queria dar, a mulher doente e carregada de filhos dissera:

— Deus ouviu meus votos... o pequeno Lord Fauntleroy é um anjo!

E para corroborar essa affirmativa Cedric levara em sua companhia toda a ninhada da rendeira a morrer de fome para jantar no castello, installando todos com grande escanlalo da criadagem na immensa mesa de jantar do conde...

Naquelle dia justamente, ao sahir do quarto o velho encontrara no buraco da fechadura um bilhete nos seguintes termos: "Vovô; você hontem esqueceu-se do seu pé doente e brincou commigo; vamos fazer o mesmo hoje?" E o conde enfeitando a botoeira com flores, sentia-se rejuvenescido. Pela primeira vez esquecera a famosa bengala de ebano e a passos rapidos dirigia-se para a sala de jantar, tanto é certo que a ternura de uma creança pode tranformar por completo a vida de um velho.

Ao entrar na sala de jantar Cedric discutia azedamente com o mordomo. Posto que tivesse um sobresalto de horror á vista daquella invasão de garotos o conde deulhe razão:

— Tu serás conde de Dorincourt; estás em tua casa; as tuas ordens tem de ser cumpridas.

Só num ponto ainda não cedera o orgulhoso fidalgo. Sempre se recusara a ver Mrs. Errol. No entanto, Cedric podia ir vel-a quando o entendia. Mas a separação continuava. Quando foi a festa para a apresentação de Cedric como legitimo herdeiro do titulo e senhorio de Dorincourt, como a triste mãezinha sentiu não ter sido convidada!

Mas a justiça vela e foi por isso que o orgulho do aristocrata foi castigado. Em plena festa, quando elle se orgulhava do successo do neto, chegou muito pallido o procurador Hawisham e pediu-lhe um momento de attenção.

E o conde soube então que o filho mais velho, Bevis, tinha contrahido um casamento secreto e desse consorcio houvera um filho, que seria por consequencia o unico herdeiro; Cedric não era mais Lord Fauntleroy.

O conde ficou aterrado; tornou-se logo ás boas, encarregando Hawishma de remexer céos e erras, comtanto que lhe fosse conservado o ente que mais que a tudo adorava na terra. Fez mais... Foi em pessoa supplicar a Mrs. Errol para não partir logo e logo, de não levar logo Cedric. E nenhuma difficuldade teve de obter ganho de causa; a terna mãe de Cedric não podia ver ninguem soffrer; sem resentimento algum, estendeu suas mãos ás que o seu antigo inimigo lhe estendia e o conde teve de reconhecer que Hawisham, tão grande admirador da moça estava muito longe da verdade ainda nos seus elogios.

Uma bella manhã o pretenso Lord Fauntleroy annunciou sua chegada e forçoso foi preparar tudo para a partida. O conde retomava a sua bengala e seu aspecto desolado e rabujento, soffrendo em sua alma como jámais soffrera.

"Muitas vezes tem a gente necessidade de alguem que nos parece insignificante", diz o proverbio. Os proverbios, em geral, são feitos para ser desmentidos, mas por esta vez elles tiveram razão. Tres grandes amigos de Cedric tinham ficado em New York; o mercieiro Hobbs, o engraxate Dick e a vendedora de maçãs Mrs. Mc Gintry. Um bello dia o jornal contou-lhe com todos os pormenores que o pequeno americano ia perder a sua herança; a historia dos dois pequenos Lords Fauntleroy vinha encerrada em todos os seus pormenores.

No meio do noticiario apparecia o retrato de uma mulher de typo vulgarissimo que todos conheciam como actriz; era a mãe do novo Lord Fauntleroy. Aquelle retrato despertou um mundo de recordações a Dick, e com as recordações vieram as suspeitas. Confiou umas e outras aos amigos.

— Isso é um negocio que precisa ser tratado por um advogado, exclamou Mr. Hobbs e nem que eu tenha de gastar o meu ultimo dollar temos que tirar tudo isso a limpo. Trata-se da felicidade do nosso pequeno Cedric.

E na sombra, aquelles tres humildes amigos começaram a trabalhar. E esse trabalho resultou tão bem feito que no mesmo dia em que o novo lord chegara ao castello elles se apresentavam tambem, depois de uma viagem de milhares de milhas por terras e marés.

Justamente Mrs. Errol já prompta esperava por Cedric; o conde com o neto nos braços não podia resolver-se a deixal-o ir. A criadagem em peso chorava...

Cedric deixava ao avô como uma recordação um pequeno realejo de algibeira, de custo de alguns tostões, presente outr'ora de Mr. Hobbs.

— Não sou mais lord, vovô, mas sempre sou seu neto e de vez em quando hei de vir visital-o.

Depois como se annunciasse a chegada dos outros sahiu.

No vestibulo o novo lord Fauntleroy espiava. Cedric vingou-se desafiando-o para uma partida de box e surrou-o á grande. Foi quando appareceram Mr. Hobbs, Dick e Mrs. Gentry, recebidos por Cedric com estupefasção e contentamento. Com os tres vinha um quarto personagem. Cedric mal poude observal-o, pois mal chegou entrou com Dick no escriptorio de Mr. Hawisham. E este, momentos depois, sahiu guiando os dois homens até onde se achava o conde; ahi se deu então uma scena inesperada: o companheiro de Dick, o tal desconhecido poz a mão no hombro da mãe do novo Lord Fauntleroy.

— Como é isso Minnie? Então você é a viuva do conde de Dorincourt? E que papel fçao eu em tudo isso? Que fez você de nosso filho?

A miseravel mulher quasi desfalleceu de susto. A culpa era flagrante. Hawisham apressou-se em intervir.

— A senhora sabe quaes são as nossas leis concernentes ao crime de bigamia. Entretanto queremos ser generosos e nenhuma queixa levaremos ás autoridades se assignar a declaração que aqui está, e que estabelece sua verdadeira idensidade.

Deante da idéa de prisão não havia hesitações possiveis; a assignatura apposta ao papel que o procurador apresentara, a intrigante deixou o castello em companhia do filho, de cabeça baixa.

Cedric, de novo Lord Fauntleroy atirara-se nos braços do avô e como a dor e o amor fazem a gente conhecer muitas cousas, pouco depois entrava no quarto uma radiosa e meiga figura feminina e o pequeno soube que mamãe Errol, agora lady Fauntleroy, reconhecida pelo velho conde, passava a morar no castello, occupando a posição que lhe competia.

A historia não diz o que foi feito em favor destes humildes amigos de Cedric que tinham desmascarado a intrigante, quando o bom Dick, Mr. Hobbs e Mrs. Mc Gentry voltaram aos seus logares em Nova York. E' de suppôr entretanto que elles não se tivessem de queixar do coração do seu amiguinho. E mais uma vez ficou provado que os pequenos podem ás vezes prestar grandes serviços aos poderosos do mundo.

RENY
A unica infallivel
TIRA SARDAS, PANNOS, MANCHAS E CURA ESPINHAS.
PARA SARDAS, ESPINHAS RUGAS, PANNOS, MANCHAS E TRATAMENTO DA PELLE.
APPROVADA REGISTRADA
Pomada Reny
NÃO TEM RIVAL
MAGALHÃES & LOBO
RIO DE JANEIRO
Pote 4$000 Pelo Correio 5$000
PO' DE ARROZ RENY — Adherente e perfumado. Caixa grande 2$500. Pelo correio 3$500. Caixa pequena 600 réis. Pelo correio 1$000.
LOÇÃO RENY— Elimina a caspa e evita á quéda dos cabellos. Vidro 5$500— Pelo Correio 8$000.
DEPIL Unico liquido que tira o cabello em 5 minutos. Vidro pequeno 5$000, grande 8$000 — Pelo correio 6$500 e 12$000.
AGUA BALSAMICA RENY — Perfume das orientaes. Algumas gottas perfumam um banho. Vidro pequeno 5$000, grande 8$000 — Pelo correio 8$000 e 12$000.
Magalhães & Lobo
Rua Marechal Floriano Peixoto n. 17
Sobrado